FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.043 SEXTA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 2022 R$ 5,00

Petrobras nega pedido para segurar seus reajustes

O Conselho de Administração da Petrobras disse não ao pedido do governo Bolsonaro para segurar o preço dos combustíveis.

O colegiado reiterou que a atribuição sobre o tema é exclusiva da diretoria da estatal. A expectativa é de que o aumento do diesel ocorra nos próximos dias, assim como o da gasolina.

As medidas incomodam o presidente, preocupado com o impacto eleitoral delas nas suas pretensões de reeleger-se. Mercado A13

João Montanaro

ENTREVISTA

Carolina Barrero

Regime de Cuba acabou, e opositor não vive só nos EUA

A ativista cubana Carolina Barrero, exilada em Madri e que está no Brasil para uma palestra, diz que protestos de 2021 encerraram o apoio popular à ditadura. Segundo ela, a oposição hoje não pode ser resumida aos cubanos de Miami. Ela critica a esquerda e diz que políticos como Lula serão julgados pela história pelo apoio aos comunistas. Mundo A16

Buzz Lightyear em cena da animação da Pixar Divulgação

Ilustrada C6

Com Marcos Mion, 'Lightyear' não adere à neutralização de sotaques, diz diretor

Apuração de mortes no AM ainda não vê um mandante

Polícia procura mais participantes de assassinato de indigenista e de repórter

A investigação do assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips, feita pela Polícia Civil do Amazonas e pela Polícia Federal, até aqui não aponta para um mandante.

Os policiais também procuram saber se houve mais participantes no crime.

As mortes foram assumidas pelo pescador conhecido como Pelado, que descreveu o local onde os corpos haviam sido enterrados.

Ele disse que ocultou o barco usado pela dupla no domingo retrasado, quando desapareceram. A embarcação não foi encontrada.

Os restos humanos foram levados nesta quinta (16) a Brasília, onde perícia no Instituto Nacional de Criminalística dirá se são mesmo dos dois desaparecidos.

Pelado afirmou, segundo investigadores do caso, que pelo menos mais duas pessoas estão envolvidas.

A polícia deteve um outro suspeito, irmão do pescador, mas afirma que ele nega participação no episódio.

Não se ainda sabe qual seria a motivação do crime. Investigadores creem que ele esteja relacionado ao trabalho da dupla sobre pesca e caça ilegais. Política A4 a A7

Ane Souz/Folhapress

FIÉIS LOTAM PRIMEIRAS PROCISSÕES DO CORPUS CHRISTI APÓS A PANDEMIA

Crianças participam da cerimônia de Corpus Christi, a primeira após 2 anos de pandemia, junto à igreja Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto (MG) Cotidiano B2

Amazônia

Ataques a jornalistas são erosão da democracia, diz relatora da ONU Política A7

Vigilância indígena no Javari apurou evidências contra o suspeito preso Política A5

Após relativizar mortes, presidente deseja conforto a familiares Política A6

Angela Alonso

Bolsonaro não é capaz de prover a lei e a ordem

Os nomes Dom Phillips e Bruno Pereira são novos, mas o fato é perene. Há uma violência política endêmica na Amazônia. E Bolsonaro não é capaz de promover lei e ordem, ao contrário. Todos os seus farrapos retóricos mal cobrem o corpo exposto de um desgoverno. Política A6

PF prende espião russo que fingiu ser brasileiro

Um russo deportado da Holanda sob acusação de tentar espionar o Tribunal Penal Internacional está preso no Brasil, disse a Polícia Federal. Serguei Tcherkasov passou anos com documentos falsos de brasileiro, obtidos no país em 2010. Ele buscava se infiltrar na corte. Mundo A10

Cotidiano B2

Aquecimento da Parada LGBT reforça segurança devido à cracolândia

Esporte B9

Copa de 2026 terá jogos no estádio do tri, mas palco do tetra fica fora

EDITORIAIS A2

Bruno e Dom

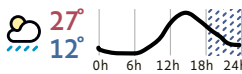
Acerca de mortes de indigenista e jornalista no AM.

Maconha judicializada

Sobre decisão do STJ favorável ao plantio medicinal.

ATMOSFERA

São Paulo hoje: 27° / 12° (0h 6h 12h 18h 24h)

	Hoje	Amanhã
Rio	12 29	16 28
Brasília	12 28	12 29
Ribeirão	13 30	15 24

Fonte: www.climatempo.com.br

Saúde liberará 4ª dose a quem tem mais de 40 anos

Na próxima semana, o Ministério da Saúde anunciará a ampliação da quarta dose da vacina contra a Covid a maiores de 40 anos. A medida foi discutida em reunião do Programa Nacional de Imunização.

Locais como Teresina, Belém e DF, porém, já iniciaram a aplicação. Saúde B6

PAINEL S.A.

Governo libera projeto de terminal VIP em Cumbica

A concessionária do aeroporto de Guarulhos recebeu autorização para contratar obra de mais um terminal, para donos de aviões ou passageiros da primeira classe. Mercado A14

ISSN 1414-5723
9 771414 572063 34043

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

Claudio Mor

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Bruno e Dom

Tragédia com indigenista e jornalista denota terra sem lei na Amazônia, patrocinada por Bolsonaro

Surgiu a notícia mais temida, nem por isso infelizmente menos provável, do paradeiro do indigenista brasileiro Bruno Araújo Pereira, 41, e do jornalista britânico Dom Phillips, 57, desaparecidos na Amazônia desde a manhã do último dia 5.

De acordo com a Polícia Federal, um pescador envolvido com atividades ilegais confessou ter participado do assassinato e da ocultação dos cadáveres da dupla, que viajava de barco no extremo sudoeste do estado do Amazonas e visitava comunidades na vizinhança da Terra Indígena Vale do Javari, que abriga o maior número de povos isolados na floresta amazônica.

Restos humanos foram retirados do local apontado pelo suspeito.

Pereira trabalhou por uma década na Funai, onde atuou como coordenador da Vale do Javari e de Povos Isolados. Tinha ampla experiência na área, onde escolheu seguir trabalhando após exoneração do setor de isolados e licenciar-se do órgão federal, passando a colaborar com a Univaja (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari).

Phillips acompanhava o indigenista para colher informações sobre o sistema de autodefesa dos povos locais contra invasões de garimpeiros, madeireiros, caçadores e pescadores ilegais. Elaborava um livro sobre como salvar a floresta pela qual se apaixonou ao se mudar para o Brasil em 2007.

Profissionais experientes, tinham conhecimento dos riscos de circular num canto do Brasil frequentado também pelo narcotráfico, tanto é que em boa parte dos trajetos contavam com escolta da Univaja. Um advogado da associação informou que seus integrantes e Pereira já haviam recebido ameaças dias antes.

Eram fortes, portanto, os sinais de que eles teriam sido alvos de uma emboscada. Apesar disso, o Planalto tardou a reagir, mobilizando esforços só depois de deflagrada intensa campanha nacional e internacional para encontrá-los.

O mais lamentável na lerdeza desumana do poder público é sabê-la em tudo condizente com o jaez de Jair Bolsonaro. Um presidente bilioso e errático, que subscreve as mais delirantes doutrinas de cobiça internacional pela Amazônia e hostiliza o quanto pode indigenistas, ambientalistas e jornalistas.

Se criminosos agem livremente naquele rincão amazônico é porque o Estado dali se ausentou. Bolsonaro mais uma vez fugiu à responsabilidade, chegando ao cúmulo da ignomínia ao inculpar os próprios desaparecidos e dizer que empreendiam uma "aventura" e que Phillips era "malvisto" na região.

Jornalismo não é aventura, a Amazônia não será da democracia brasileira enquanto pistoleiros, facínoras e desmatadores impuserem a lei do cão na região, e Bolsonaro não será presidente digno do cargo enquanto se mantiver alinhado aos destruidores da floresta.

Maconha judicializada

STJ dá decisão que permite ampliar acesso; falta regulamentar de vez plantio medicinal

Acompanhando tendência evidente em países desenvolvidos, o Superior Tribunal de Justiça autorizou na terça-feira (14) o plantio de maconha para fins medicinais. A decisão vale só para três pessoas, mas indica que o Brasil avança lentamente na direção racional.

Tribunais têm dado decisões conflitantes na matéria controvertida —são milhares de ações na Justiça. Não há controvérsia científica, contudo, sobre efeitos terapêuticos de canabinoides como o canabidiol (CBD) em casos graves de epilepsia, dores crônicas, esclerose múltipla e quimioterapia, por exemplo.

Numa das ações ora julgadas, ainda em primeira instância o juiz comunicou o cultivo à polícia, que tomou depoimentos. Um tribunal federal reverteu a decisão desfavorável, mas o Ministério Público Estadual recorreu; agora, no STJ, o Ministério Público Federal se manifestou a favor da autorização.

A insegurança jurídica daí resultante, com associações e pacientes obtendo apenas licenças precárias de cultivo, tem raiz na ausência de regulamentação completa da cânabis medicinal pela União, como previsto na Lei de Drogas de 2006. Anvisa, Congresso e Supremo Tribunal Federal têm parte nisso.

A agência sanitária permite desde 2015 o uso medicinal e, em 2019, baixou norma expondo requisitos para regularização de canabinoides como fitoterápicos, com rigor similar ao de medicamentos registrados. Só grandes laboratórios têm condições de segui-los, e meros 19 produtos estão autorizados.

A Câmara deu passo adiante ao aprovar em 2021 projeto para disciplinar o cultivo medicinal e industrial da planta. Bancadas conservadoras barraram o envio imediato ao Senado, enquanto parlamentares favoráveis criticavam restrições como o plantio apenas por empresas e associações.

O STF procrastina há anos uma ação direta de inconstitucionalidade e um recurso extraordinário para descriminalizar, respectivamente, o uso medicinal e o porte para uso pessoal. No segundo caso, sem definição de quantidades para posse, juízes não raro encarceram como traficante quem deveria ser enquadrado como usuário.

Não está em causa a liberação geral, como pregam adversários mais extremados de qualquer uso ou cultivo. Recorde-se que, como todo medicamento, canabinoides têm efeitos adversos e só devem ser usados com prescrição médica.

Caprichos do destino

Hélio Schwartsman

Uma das características mais marcantes da psique de Jair Bolsonaro é sua incapacidade de admitir erros. Para ele, a culpa sempre é dos outros. Seu maior desastre foi, sem dúvida, a gestão da pandemia. Ainda que o vírus tenha nos trazido surpresas, todas as informações necessárias para administrar a crise estavam ao alcance de um celular, com a chancela da OMS e de algumas das melhores instituições médico-científicas do mundo. Ainda assim, o presidente conseguiu cometer uma série impressionante de equívocos.

Ele não só não se esforçou para conseguir vacinas como fez o que pôde para desmoralizá-las. Afirmou que as pessoas poderiam virar jacaré se as tomassem. Ele não apenas não trabalhou para reduzir as taxas de contaminação como estimulou aglomerações. Até contra a pobre da máscara ele se insurgiu. O resultado se materializou na forma de quase 700 mil mortos, contrariando sua previsão inicial de que o Sars-CoV-2 não passaria de uma gripezinha. E ainda debochou dos doentes e propagandeou drogas que não funcionavam. Numa tirada surrealista, teve a pachorra de dizer que não errara em nenhuma medida em relação à pandemia.

Para Bolsonaro, a culpa pela doença e suas consequências deveria ser creditada a chineses, STF, governadores, prefeitos e ao destino em geral.

Não obstante a péssima gestão, a pandemia saiu barato para Bolsonaro. Ele não sofreu o impeachment e chegou a experimentar picos de popularidade com o auxílio emergencial de R$ 600.

Agora, pelo que se desenha, a inflação, pela qual Bolsonaro tem pouca culpa (as medidas econômicas insensatas que ele tomou agravam o problema, embora não o tenham criado), lhe custará a reeleição. É o bonito, quando se trata do "feel bad factor", o mal-estar econômico que contamina a política, é que ele é inapelável. Esse problema Bolsonaro não vai conseguir terceirizar.

Não acredito em deuses, mas aprecio seu senso de ironia.

helio@uol.com.br

O golpismo arrependido

Bruno Boghossian

Pouco antes da derrota de Donald Trump nas urnas, o secretário de Justiça americano dizia que as eleições do país estavam sujeitas a fraudes. Ecoando o discurso do chefe, William Barr repetiu suspeitas falsas e autorizou a abertura de inquéritos que tinham o objetivo de reverter o resultado da votação.

O comportamento de Barr só mudou depois que o caos estava instalado. Ele passou a descartar a hipótese de irregularidade e acabou demitido em dezembro, antes que Trump incitasse seus apoiadores a invadirem o Capitólio. Agora, em depoimento na investigação sobre o ataque, o ex-secretário diz que o presidente estava "desconectado da realidade" e confiava em teorias "totalmente sem sentido".

Em sua longa campanha para desqualificar as eleições, Trump contou com a participação ativa e o silêncio de gente que ocupava espaços importantes na estrutura do poder. O processo não foi obra de meia dúzia de lunáticos. Uma rede de operadores e avalistas ajudou a cultivar, por vários meses, o ambiente de ruptura e o projeto de insurreição liderado pelo então presidente.

A tropa que atua a favor de Jair Bolsonaro dá ao presidente algumas vantagens sobre Trump. Além do apoio explícito de aliados, o brasileiro costurou o envolvimento das Forças Armadas e abriu canais dentro da máquina pública —como se viu no vazamento do inquérito da PF usado pelo governo para alimentar desconfianças sobre as urnas.

Uma fatia não desprezível dos auxiliares de Bolsonaro deve acreditar genuinamente nos disparates repetidos pelo presidente. Outros insistem na ilusão de que podem domar o chefe. Mas a adesão prática ou tácita ao plano de contestar o resultado da eleição se deve a um único fator: o poder. Ninguém parece interessado em perder espaços e privilégios se a reeleição fizer água.

Os próximos meses mostrarão quantos arrependidos como William Barr surgirão em terrenos bolsonaristas —e quantos deles serão responsabilizados.

É coveiro, sim

Ruy Castro

Em 2020, no auge da Covid, Jair Bolsonaro preferia passear de jet ski a visitar os hospitais abarrotados e solidarizar-se com os profissionais que arriscavam a vida. Enquanto brasileiros morriam por falta de oxigênio, Bolsonaro imitava uma pessoa lutando para respirar. Já então eram-lhe oferecidas vacinas, que ele desprezava em função da cloroquina. E, quando os cemitérios tiveram de abrir covas rasas para comportar milhares, ele celebrou essa tragédia com uma frase: "E daí? Não sou coveiro".

Agora Bolsonaro terá de ser coveiro. Está diante de dois mortos que o mundo não deixará insepultos: o indigenista Bruno Pereira e o jornalista britânico Dom Phillips. Queira ou não, são seus mortos, assassinados pelos exploradores, traficantes e pistoleiros a quem ele entregou a Amazônia. Por "ele", leiam-se Bolsonaro ele mesmo, seu cínico vice-presidente Hamilton Mourão, presidente decorativo do Conselho Nacional da Amazônia, e o ex-ministro Ricardo "Boiada" Salles.

Bruno e Dom foram mortos a tiros, esquartejados, possivelmente incendiados e enterrados na floresta. Não se sabe a que se reduziram seus corpos —ou "remanescentes humanos", como foram chamados pelas autoridades. É insuportável imaginar que dois seres humanos, até há pouco na plenitude de suas forças e virtudes, sejam neste momento material de laboratório e, pior ainda, em Brasília, não muito longe do homem que os responsabilizou pela própria morte chamando-os de "aventureiros" e "excursionistas".

Seja o que tiver restado deles, mesmo que uma unha, terá de ser entregue às suas famílias e sepultado —Bruno, aqui mesmo, e Dom, quem sabe em seu país. Era o que Bolsonaro mais temia: a prova física do crime. A partir de agora, ninguém mais, em qualquer parte, poderá dizer que o desconhece.

Os coveiros da Covid eram heróis. O coveiro da Amazônia pode ser chamado de muita coisa —você escolhe.

Impactos da educação

Claudia Costin

Diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais, da FGV. Escreve às sextas

Muito se tem pesquisado sobre os impactos positivos da educação, que valeram inclusive um Prêmio Nobel de Economia a James Heckman, em 2000, por evidenciar em um estudo longitudinal as inegáveis vantagens de pré-escolas de qualidade para a obtenção futura de emprego, salários e redução de encarceramento.

Mas uma nova pesquisa, feita aqui no Brasil, sobre uma política pública de visível efeito na aprendizagem, o Ensino Médio Integral, um programa realizado por Pernambuco ao longo de 16 anos, trouxe evidências que também transcendem a educação.

O estudo, feito por pesquisadores da USP e do Insper, mostrou que, com o aumento da carga horária e um currículo que incorpora ideias de Antonio Carlos Gomes da Costa, que concebeu a proposta para a escola piloto, o Ginásio Pernambucano, incluindo tempo para se trabalhar o projeto de vida do aluno e o protagonismo juvenil, reduz-se em 50% a taxa de homicídio de homens jovens.

Não se trata do primeiro estudo sobre os efeitos da escola em tempo integral. Outros analisaram salários quando formados e empregabilidade de mulheres, mas a melhora nos índices de criminalidade foram capturados apenas nessa interessante pesquisa.

Visitei muitas escolas de ensino médio em Pernambuco, em áreas de grande vulnerabilidade. Os resultados de uma política que se construiu ao longo de anos, passando por diferentes governos e se fortalecendo, é visível não só nas melhores condições de trabalho dos professores, com dedicação exclusiva a uma única escola, como no clima escolar. Não é por acaso que tantos estados, com governadores de partidos diferentes, vêm se inspirando no exemplo pernambucano, como Paraíba, Ceará, Maranhão e Goiás.

Mas vale destacar o caso do Espírito Santo. Essa iniciativa, iniciada em 2015 pelo então governador Paulo Hartung, não apenas se manteve com seu sucessor como se ampliou de forma importante, inclusive apoiando municípios que desejam avançar nessa direção. No recente documento técnico do Todos pela Educação sobre as políticas educacionais que vêm assegurando o importante avanço em aprendizagem no estado, aparecem com destaque o uso de dados e de ferramentas de gestão, no âmbito do Programa Jovens de Futuro e as Escolas em Tempo Integral.

A ideia de se inspirar em experiências bem-sucedidas no Brasil, como a de Pernambuco, é, aliás, uma das premissas educacionais da gestão educacional capixaba. O país pode aprender com nações com bons sistemas educacionais, nenhum deles com quatro horas de aula por dia, mas também com o que dá certo por aqui.

Por mais aprendizagem e menos assassinatos de jovens!

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Polarização ideológica e criminalização de artistas

Nossa preocupação deve recair sobre os gestores municipais e suas políticas

Aldo Valentim e Matheus Allison Geraldo

Mestre em artes (Unicamp) e doutorando em políticas públicas (UFRGS), foi secretário nacional de Economia Criativa (2020-2022) e secretário-adjunto de Cultura da Prefeitura de São Paulo (2019)

MBA em gestão empresarial e graduado em gestão pública (UBC), atuou no gabinete do secretário nacional de Economia Criativa (2020-2022)

A polarização político-ideológica levou artistas a se acusarem recentemente. Uma rixa entre quem recebe apoio da Lei Rouanet e os que são contratados por prefeituras, mostrando desconhecimento generalizado sobre a origem pública dos recursos, as leis de licitação e o incentivo fiscal para a cultura.

Nenhum artista deve ser criminalizado por vender seu trabalho ao poder público ou contar com apoio via Lei Rouanet. Artistas de diversas linguagens e gêneros musicais —sertanejo, pop, MPB, rap— já foram contratados por órgãos públicos, tiveram ou participaram de projetos com apoio de leis de incentivo. Se contratações e projetos foram realizados dentro da lei, não há irregularidades, não há crime.

Nossa preocupação deve recair sobre os gestores municipais: prefeitos, secretários e vereadores, que são os responsáveis por priorizar recursos, definir as políticas culturais e efetivar as contratações necessárias. No entanto é aí que está o principal gargalo: dos 5.570 municípios, 24% possuem secretarias exclusivas para cultura; em 77,4%, a cultura funciona em conjunto ou subordinadas a outras pastas; e 2,3% possuem fundação pública (dados do IBGE).

Ou seja, a maioria sequer dispõe de órgãos e equipes específicas para a implementação de políticas culturais locais. Sem contar toda a politicagem relacionada à distribuição de cargos para indicados ou titulares que pretendem se candidatar e vão usar do espaço, nas secretarias municipais, para alavancar seus nomes perante o possível eleitorado; esse ambiente, portanto, deixa pouco espaço para planejamento.

Outro dado relevante é que o maior financiador de cultura são os municípios. Em 2020, os gastos públicos com cultura atingiram R$ 9,8 bilhões, sendo 50,3% proveniente dos municípios, 36,8% dos estados e 12,9% do governo federal. A Lei Rouanet custou R$ 1,9 bilhão (aqui não estão contabilizados os R$ 3 bilhões da Lei Aldir Blanc, transferidos pelo governo federal a estados e municípios, e os possíveis montantes das leis estaduais e municipais de incentivos fiscais). Daí a importância de observarmos como ocorre a gestão local da cultura, a transparência, a qualidade e a responsabilidade do gestor perante os recursos públicos.

O setor cultural é relevante. Na economia, mantém 6,5% das empresas e 5,6% dos trabalhadores ocupados (4,8 milhões de pessoas), ou aproximadamente 2,6% do PIB.

O debate sobre política de mega-

[...]

O debate sobre política de shows e o bom uso dos recursos públicos não deve se restringir às pequenas cidades. A falta de manutenção dos espaços culturais nos bairros (muitos em situação precária de segurança), além dos distritos distantes e populosos sem qualquer opção de lazer ou cultura, é realidade nas grandes metrópoles do país

eventos, shows e o bom uso dos recursos públicos não deve se restringir às pequenas cidades. A falta de manutenção dos espaços culturais nos bairros (muitos em situação precária de segurança), além dos distritos distantes e populosos sem qualquer opção de lazer ou cultura, é realidade nas grandes metrópoles do país. A administração municipal deve ter uma visão ampla, atender às diversas demandas da população e, principalmente, se esforçar para implementar modelos inovadores de gestão e estabelecer parcerias público-privadas que possam organizar e patrocinar esses espetáculos, deixando o poder público canalizar recursos humanos e financeiros para ações que não atraem a iniciativa privada.

Os eventos, shows e festivais geram impactos econômicos: a Virada Cultural de São Paulo, em 2019, contou com investimento da Secretaria Municipal de Cultura de R$ 18,8 milhões, um público de 5 milhões de pessoas (sendo 0,4% de turistas internacionais e 23,4% visitantes de outras cidades). O gasto médio por pessoa foi de R$ 81, e o retorno econômico para a cidade bateu os R$ 235 milhões. O ticket médio pelo total do público foi de R$ 3,60 por pessoa; considerando a população total, teremos R$ 1,45 por residente —ou seja, gera renda, arrecadação e movimenta outros setores econômicos.

Para além da lacração na internet, os dados retratam a potência econômica dos setores culturais, de eventos e de entretenimento. No entanto, ao utilizarmos recursos públicos, há que se agir com responsabilidade, cautela e bom senso, recomendação válida para artistas e gestores públicos. Dessa forma evitaremos remédios amargos.

Não basta chorar pelos mortos

Quantas vezes, na floresta, não sentimos a presença desses criminosos?

Ana Giafrancesco e Juracilda Veiga

Ambientalista e indigenista da Kamuri Indigenismo e Ação Ambiental

Ambientalista, indigenista e coordenadora-geral da Kamuri Indigenismo e Ação Ambiental

O crime cometido contra Dom Phillips e Bruno Pereira nos atingiu em cheio. Nós, que estamos sempre em campo, sabemos que isso pode acontecer com qualquer um de nós, a qualquer momento. É por isso que o tiro que atinge um de nós, na verdade, atinge a todos.

Quantas vezes, no meio da floresta, não sentimos a presença desses criminosos? Quantas vezes não intuímos estar lidando com esse tipo de força, que está em todo lugar e que às vezes nem sabemos exatamente se são traficantes de drogas, ladrões de madeira, de animais, de minérios, se são do Peru, da Colômbia, do Brasil?

Ao pensar no crime hediondo que tirou as vidas de Dom e Bruno, perguntamos: de onde partiu, exatamente, essa ideia perversa e atrevida? Sabemos que o gesto criminoso não pertence apenas às mãos que apertaram o gatilho. Então, questionamos: quem são os mandantes deste crime? E quem tem garantida a impunidade que os encoraja? Como mulheres indigenistas que somos, sabemos que temos mais a temer em uma sociedade de valores misóginos, como os que têm sido defendidos pelo regime que se instalou no Brasil em 2018.

Mas assassinatos como os de Bruno e Dom mostram que homens fortes e bem preparados, inclusive com projeção internacional, não estão livres da violência macabra que avança além de suas vítimas preferenciais. A execução sumária é uma violência que ameaça a todos nós, que nos contrapomos aos destruidores da floresta, aos invasores dos territórios indígenas, aos usurpadores dos direitos das minorias.

Homens e mulheres indígenas e indigenistas, ambientalistas e defensores dos direitos humanos, somos todos vulneráveis. Antes deles, Chico Mendes, irmã Dorothy Stang, Maxciel Pereira dos Santos

[...]

Vamos nos manter de pé, firmes, e respondendo por Bruno e Dom. Seremos fortes o suficiente para assumir o espaço que eles ocupavam. Mesmo fazendo nosso trabalho dentro de limitações, não deixaremos vazio o lugar dos que foram abatidos pela Amazônia e pelos direitos dos indígenas e de todas as minorias. Não nos derrotarão sem luta

e centenas de lideranças indígenas e sindicalistas rurais foram mortos sem que seus crimes tivessem sido totalmente esclarecidos, e todos os mandantes, punidos.

Os invasores da floresta e das terras indígenas sabem da importância de tirar gente como eles do seu caminho, pois o objetivo maior é fragilizar a todos os que pensam e trabalham dessa forma. Tudo isso é muito triste, e temos que nos fortalecer, pois não basta chorarmos pelos mortos.

Estamos numa guerra e, por isso, temos que ter estratégias. Não podemos subestimar nossos inimigos. Temos que estar atentos e capazes de fazer um contraponto eficaz. É importante entender que quem está por trás destes assassinatos são todos os que participam do tráfico, das milícias, da extração ilegal dos produtos da floresta e, indiretamente, todos os setores da sociedade que apoiam as políticas atuais da violência armamentista e de expansão do agronegócio e da mineração a qualquer preço.

Vamos nos manter de pé, firmes, e respondendo por Bruno e Dom. Seremos fortes o suficiente para assumir o espaço que eles ocupavam. Mesmo fazendo nosso trabalho dentro de limitações, não deixaremos vazio o lugar dos que foram abatidos pela Amazônia e pelos direitos dos indígenas e de todas as minorias. Não nos derrotarão sem luta.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Indigenistas da Funai fazem vigília por Bruno Pereira e Dom Phillips em frente à sede do órgão, em Brasília, no dia 13 Gabriela Bilo - 13.jun.2022/Folhapress

Bruno e Dom

Mariliz Pereira Jorge disse tudo em sua coluna "O Brasil é uma selva" (Opinião, 16/6). É uma enorme tragédia este desgoverno terrível. O que mais assusta é a pouca reação a tantas desgraças.
Maria Lúcia M. Guerra (São Paulo, SP)

*

Deprimente para um país como o Brasil encarar a morte de Dom e Bruno. Dois idealistas da mais digna estirpe se foram devido à certeza da impunidade num país assolado pelos desmandos e pela crueldade. Tristeza profunda viver neste país, no qual os dois depositaram tanta fé e esperança. Serão eternos em nossas lembranças e sonhos.
Ana Lúcia Calil Amarante (São Paulo, SP)

*

Bolsonaro, representante da extrema direita reacionária brasileira, nunca foi digno do cargo.
Verônica Alves de Souza Medeiros (Belo Horizonte, MG)

*

Todos os dias são assassinadas dezenas de pessoas no Brasil. A morte de Bruno e Dom seria, infelizmente, "apenas" mais um crime. A repercussão se dá porque há um inglês envolvido e porque aconteceu na Amazônia. No caso deles, ainda bem que conseguiu-se identificar os culpados.
Tomás de Aquino Portes e Castro (Goiânia, GO)

*

"Bruno e Dom" (Opinião, 16/6). Eu também penso como a **Folha**. Agora me senti orgulhoso por assinar este jornal. É preciso ser contundente contra todas as atrocidades patrocinada pelo governo de Jair Bolsonaro.
Luiz Mangea (Rio Claro, RJ)

*

Patético o contorcionismo intelectual desonesto da esquerdada paumandado para tentar colar em Bolsonaro esses assassinatos.
Olavo Cardoso Jr. (Marília, SP)

*

Mais um crime de Bolsonaro. Até quando?
Sônia Pereira Gomes (Santo André, SP)

*

"Parabéns" aos que elegeram este governo assassino. A grande mídia também tem culpa pelo que estamos passando agora. Que todos se sintam cúmplices pela destruição da Amazônia, pelos ataques aos povos originários, pelo avanço de criminosos do narcotráfico, pela invasão de terras indígenas, pelas queimadas e pela morte de Bruno, de Dom e das duas crianças yanomanis, mortas pela draga do garimpo ilegal.
Bianca Moreira (Brasília, DF)

*

Até quando iremos suportar a crueldade do desgoverno Bolsonaro? Por que não há manifestações organizadas para reagirmos à barbárie que tomou conta do Brasil? Setores da mídia, tão coniventes com o neoliberalismo, deveriam organizá-las.
Andréia Chaieb (São Paulo, SP)

*

Há mais brasileiros na lista para serem assassinados pelo crime organizado. A Amazônia é terra sem lei.
Rubens Gonçalves (Curitiba, PR)

Armas

Graças a Bolsonaro, aos congressistas que o apoiaram e à sua flexibilização das regras, o PCC e bandidos em todo o país estão comprando armas através de intermediários: os CACs. Difícil um desdobramento ser mais óbvio! Bolsonaro não tem mesmo condições para ser presidente —de nada ("Polícia de SP investiga suposto esquema do PCC para compra de armas via CACs", Cotidiano, 15/6).
Francisco J. B. de Aguiar (São Paulo, SP)

Vale-tudo

Ao permitir em as falas desconexas, desumanas e irracionais de um deputado do baixo clero, propiciaram sua chegada ao posto mais alto da nação. Instalou-se a lei do mais forte, do vale-tudo. Quem tem armas se defende, enquanto outros morrem executados, torturados, muitas vezes devido às suas atividades em prol do meio ambiente, da justiça, da legalidade.
Anete Araújo Guedes (Belo Horizonte)

*

Basta deste desgoverno comandado por um mitômano que carrega consigo a mancha de genocida por conta do negacionismo em relação às vacinas de que o povo precisou para enfrentar a peste da Covid. Não há mais espaço para este ignóbil desumano na vida brasileira.
Ricardo Santos (Porto Alegre, RS)

Militares e eleição

Está mais do que na hora de alguém mandar o ministro da Defesa e vários generais calarem a boca sobre as urnas eletrônicas. Falam de eleição, mas são incapazes (ou cúmplices da bandidagem) de combater os crimes na Amazônia: desmatamento, queimadas, invasão de terras indígenas, mineração ilegal com contaminação dos rios com mercúrio. Para não falar no assassinato de ambientalistas, estupro de indígenas...
Eduardo Passos (São Paulo, SP)

Cracolândia

Patético a prefeitura "isolar" usuários da cracolândia com cones de trânsito. Poderiam ter usado postits, ficaria mais barato ("Prefeitura isola usuários de drogas da cracolândia da rua Helvétia com cones", Cotidoano, 16/6).
Rubens Sayegh (São Paulo, SP)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

PRIMEIRA PÁGINA (15.JUN) A previsão do mercado para a taxa básica de juros era de 13,25% ao ano, não de 13,75%.

MERCADO (16.JUN., PÁG. A16) Por erro de edição, o texto "Repasse de ICMS depende de desovar estoques, dizem postos" saiu com projeções erradas de impacto do corte do ICMS nos preços dos combustíveis. Segundo o autor das projeções, Dietmar Schupp, o impacto médio do corte do ICMS no preço da gasolina é de R$ 0,657 por litro não de R$ 0,225 por litro. A variação entre estados fica entre R$ 0,441 por litro, no Amapá, e R$ 1,153, no Rio de Janeiro. O etanol hidratado cairá entre R$ 0,126, em Mato Grosso do Sul, e R$ 0,624, no Tocantins. Já o corte no diesel nos estados em que o preço será reduzido ficará entre R$ 0,04 a R$ 0,07 por litro.

política

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Empurra

Pressionados, integrantes do governo do presidente Jair Bolsonaro (PL) minimizam a responsabilidade da gestão federal nas mortes do indigenista Bruno Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips. Um general com assento no Palácio do Planalto diz que as falhas no Vale do Javari são antigas e cabem, em parte, também ao Congresso Nacional, que não destina recursos para a região no orçamento. Com só 8% do eleitorado, a Amazônia não seria prioridade para os parlamentares.

SINAL Um exemplo do descaso seria o Sisfron, sistema de monitoramento das fronteiras, que previa R$ 1,2 bilhão ao ano inicialmente para ser implementado, mas terá R$ 765 milhões de 2021 até 2023.

ESCOLHAS Esse oficial defende que, para combater a pesca ilegal e o crime organizado em uma área com o tamanho da Áustria, é necessária a presença mais efetiva de instituições como Ibama, Receita Federal e Polícias Federal e Rodoviária Federal, por exemplo. E isso custa dinheiro.

RECADO O presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Edson Fachin, defendeu uma imprensa "livre, segura e plural" e afirmou que a democracia perde com as mortes de Bruno e Dom. Ele se solidarizou com as famílias das vítimas.

DEDICAÇÃO Em nota, o ministro destacou a parceria com Bruno em 2014, quando ele ajudou a instalar cinco seções eleitorais no Vale do Javari, levando as urnas pela primeira vez à região.

NO LÁPIS Aliados de Bolsonaro colocaram na rua pesquisa para medir o quanto a deputada Tereza Cristina (PP-MS) pode agregar eleitoralmente se estiver na chapa presidencial.

TUDO POR ELA O levantamento, encomendado por um partido do centrão, é feito em meio à pressão para Bolsonaro escolher a ex-ministra da Agricultura para ser a sua candidata a vice na eleição deste ano no lugar do general Walter Braga Netto (PL), ex-ministro da Casa Civil. Por ora, o mandatário indica preferência pelo militar.

CONSEQUÊNCIA O consórcio Nordeste, que representa os nove governadores da região, divulgou carta nesta quinta (16) na qual reclama de perdas com a aprovação do projeto de lei que define teto de 17% para o ICMS sobre combustíveis e energia. O grupo ainda aponta "grave risco ao arranjo federativo brasileiro".

PELO BOLSO "Se sancionado, haverá prejuízo imediato, para o Nordeste, de R$ 17,2 bilhões, afetando, principalmente, saúde, educação, cultura, segurança pública e assistência social", diz o texto, assinado pelo presidente do grupo, governador Paulo Câmara (PE).

PANOS QUENTES O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), Luiz Fux, pretende dedicar a reta final de sua gestão, que acaba em setembro, a garantir a paz no processo eleitoral. Ele vai voltar a procurar as Forças Armadas para dialogar sobre o seu papel nas eleições e pedir serenidade no debate até o final do ano.

BATE E VOLTA Fux quer também conversar com Bolsonaro, que tem feito reiterados ataques à urna eletrônica e aos ministros do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Mas toda vez que pensa em procurá-lo, o presidente faz nova crítica a um de seus colegas. O magistrado aguarda o melhor momento para contatá-lo.

RECUPERAÇÃO Fux isolou-se ao longo da sua presidência e foi criticado por seus pares por fazer defesa tímida do STF diante dos ataques de Bolsonaro e das milícias digitais.

PREPARO O engenheiro Carlos Rocha, presidente do instituto Voto Legal, contratado pelo PL para auditar as eleições, disse em live em maio do ano passado com parlamentares bolsonaristas que não é possível fazer este serviço sem que antes ocorra, antes, uma mudança na legislação.

ATESTADO Rocha defendeu a aprovação de projeto para criar um certificado digital do voto, que seria conferido pelo eleitor após teclar suas opções na urna e depois poderia ser impresso, caso necessário. "Você só audita se você se preparar antes, e por isso a importância desse projeto do voto auditável", afirmou Rocha em conversa com a deputada Bia Kicis (PL-DF) e outros.

TRAJETÓRIA O líder do MTST Guilherme Boulos (PSOL), pré-candidato a deputado federal, lança no próximo dia 29 um documentário sobre os bastidores da sua campanha à prefeitura de São Paulo em 2020. Sob a direção de Gabriel Gallindo, "Radical - Bastidores da campanha de Boulos e Erundina à prefeitura de São Paulo em 2020" traz imagens inéditas e depoimentos de integrantes de seu comitê.

TRAJETÓRIA 2 A pré-estreia será no Belas Artes em São Paulo. Em 3 de julho, o filme será liberado no canal no YouTube do Mídia Ninja. Naquele ano, Boulos enfrentou Bruno Covas (PSDB) no segundo turno.

com Guilherme Seto, Juliana Braga e Julia Chaib

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
353.872 exemplares (abril de 2022)

Agentes da Polícia Federal em Brasília, durante a chegada dos restos mortais trazidos do interior do Amazonas, nesta quinta-feira (16) Gabriela Biló/Folhapress

Polícia investiga mais suspeitos no AM e apura se há mandante de crime

Corpos passarão por perícia no DF a partir desta sexta, e diligências prosseguem para determinar se principal acusado agiu sozinho

Vinicius Sassine

ATALAIA DO NORTE (AM) Investigadores que atuam diretamente no desaparecimento do indigenista Bruno Pereira, 41, e do jornalista Dom Phillips, 57, afirmaram à **Folha**, sob a condição de anonimato, que as diligências reunidas até o momento não apontam para a existência de um mandante do crime.

A hipótese, porém, existe e segue sendo apurada. Polícia Federal e Polícia Civil do Amazonas trabalham para desvendar as circunstâncias do provável assassinato.

Na noite de terça-feira (14), o pescador Amarildo Oliveira, conhecido como Pelado, prestou um depoimento e confessou ter participado da morte do indigenista e do jornalista, segundo informação divulgada pela PF.

Na oitiva, ele descreveu o local onde teria enterrado os corpos. No começo da tarde do dia seguinte, quarta (15), Pelado foi levado por policiais federais para a área do crime, onde houve uma reconstituição e onde dois corpos foram encontrados.

A equipe retornou da área de noite com dois corpos dentro de sacos pretos.

Bruno e Dom estavam desaparecidos desde o dia 5 de junho na região do Vale do Javari.

O avião que transporta os remanescentes humanos encontrados chegou no início da noite desta quinta (16) em Brasília.

Os corpos foram encaminhados para o INC (Instituto Nacional de Criminalística) da Polícia Federal, onde vão passar por uma série de análises.

A PF prepara um esquema especial para terminar todos os processos no menor espaço de tempo possível, reforçando equipes que vão participar da tarefa, tratada como prioridade máxima.

Várias áreas de perícia criminal vão trabalhar em conjunto para realização de apurações e laudos. O prazo ainda dependerá da sequência de exames que vão ser necessários, mas o objetivo é liberar os restos mortais em até sete dias para as famílias.

A previsão é que os trabalhos já se iniciem nesta sexta-feira (17).

Os peritos vão buscar determinar inicialmente se os corpos são de fato de Bruno Pereira e de Dom Phillips. Além disso, os especialistas também vão tentar descobrir quais foram as causas das mortes e eventuais armas utilizadas nos crimes.

O pescador Amarildo Oliveira, durante a prisão Reprodução TV Globo

Segundo informações de pessoas que estão envolvidas no caso, Pelado informou na oitiva ter atuado para esconder os cadáveres, mas apontou pelo menos outras duas pessoas como autoras do homicídio. Ele fala da utilização de armas de fogo no episódio.

A polícia ainda apura a motivação do crime.

Como mostrou a **Folha**, investigadores que atuam no caso têm afirmado reservadamente que as evidências e provas até o momento reforçam a hipótese de que as atividades ilegais de pesca e a caça na região são o pano de fundo do caso.

Além de Pelado, um de seus irmãos também está preso na delegacia da cidade, que fica na região de tríplice fronteira do Brasil com Peru e Colômbia. Oseney da Costa de Oliveira, o Dos Santos, é considerado suspeito de participação no crime.

As fontes ouvidas pela reportagem dizem que a confissão só foi feita por Pelado. Dos Santos disse não ter participação no assassinato. Pelado também nega que seu irmão tenha agido no caso.

Novas diligências seguem em curso por parte da Polícia Civil e da PF.

Policiais civis cumpriram uma diligência nesta quinta (16), que não se referia a nova prisão de suspeitos, e colheriam novos depoimentos.

Três irmãos de Pelado foram ouvidos.

Supostos participantes citados pelo pescador estão sendo procurados, mas ainda não foram encontrados.

A Polícia Federal, em nota nesta quinta, afirmou que não ainda foi encontrada a embarcação usada pelo indigenista e pelo jornalista, "apesar de exaustivas buscas" realizadas na área indicada pelo pescador preso.

A embarcação foi afundada com sacos de terra, segundo divulgado pela PF.

Ainda de acordo com fontes ouvidas pela reportagem, Pelado deu a entender que o crime não foi premeditado e que não houve mandante. Ele credita o assassinato ao fato de que a atividade da pesca realizada no local estava sendo atrapalhada.

Segundo a PF, das amostras coletadas no barco do suspeito, já está descartada ligação do vestígio com o jornalista britânico. Em relação ao indigenista, será preciso realizar exames complementares.

A primeira diligência importante do caso ocorreu no domingo (12), quando os policiais recolheram materiais como uma mochila de Phillips, um documento pessoal de Pereira e roupas e calçados dos dois. Foram as primeiras evidências concretas encontradas pelas equipes de buscas, o que só foi possível a partir da indicação de indígenas que atuaram nessas buscas.

Depois, com a confissão relatada pela PF, foi possível chegar a dois corpos. Falta o barco usado pelo indigenista e pelo jornalista.

A principal suspeita investigada pela polícia, como razão para os crimes, é a existência de conflitos e atos violentos em decorrência da exploração ilegal da caça e pesca, em especial de pirarucu e tracajá.

Pelado, que explora a pesca ilegal, é apontado como um dos responsáveis por fazer ataques contra a base de fiscalização da Funai (Fundação Nacional do Índio), que é a porta de entrada para a terra indígena Vale do Javari.

As diligências colhidas até agora apontam para a ausência de um mandante, mas a hipótese não está descartada e é objeto da investigação, que segue em curso.

As investigações também têm no horizonte um suposto financiamento da atividade de pesca e caça ilegal pelo narcotráfico na região, um problema comum a praticamente toda a tríplice fronteira.

Desde os primeiros minutos do alerta do sumiço de Bruno e Dom, integrantes da vigilância indígena que monitoram o território tinham uma certeza: Amarildo Oliveira, o Pelado, e pessoas de seu entorno eram os responsáveis pelo desaparecimento.

O advogado de Pelado e da família, Ednilson Tananta, afirmou à reportagem que "os trabalhos investigativos são sigilosos e que a posição da defesa vai ser lá na frente, se houver um processo criminal."

Vigilância indígena acumulou evidências contra pescador preso

Indígenas do Vale do Javari refizeram passos de indigenista e de jornalista no rio e tiveram papel decisivo em buscas

Vinicius Sassine

ATALAIA DO NORTE (AM) Desde os primeiros minutos do alerta do sumiço do indigenista Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips, no dia 5, integrantes da vigilância indígena que monitoram o território tinham uma certeza: Amarildo Oliveira, o Pelado, e pessoas de seu entorno eram os responsáveis pelo desaparecimento.

A vigilância documenta passo a passo o cenário de invasões à terra indígena Vale do Javari, realizadas principalmente por pescadores e caçadores ilegais. Da floresta e do rio Itaquaí, duas mensagens em SMS são enviadas pelo celular a cada dia, uma pela manhã e uma no fim da tarde.

No dia 4, um sábado, véspera do desaparecimento de Bruno e Dom, uma das mensagens enviadas pelos indígenas trazia um relato sobre Pelado, segundo integrantes do serviço de vigilância mantido pela Univaja (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari).

Na mensagem, havia a informação de que Pelado passou pelo grupo mostrando uma arma, no começo da manhã. A exemplo da mensagem, outras evidências foram reunidas pelos indígenas e pelas outras pessoas ligadas ao serviço de vigilância.

As mensagens em SMS, os primeiros contatos com pessoas ligadas aos suspeitos nas horas seguintes ao desaparecimento e as primeiras buscas formam um conjunto de evidências que significou uma antecipação, em vários dias, do que viria a ser reconstituído na investigação conjunta da Polícia Civil do Amazonas e da Polícia Federal.

Não foi apenas na busca pelos corpos que os indígenas do Javari tiveram um protagonismo decisivo. O aparente desfecho sobre o crime na floresta não teria ocorrido sem os relatos das vivências e evidências do conflito na região do Vale do Javari, que opõe pescadores e caçadores ilegais a indígenas, vigilantes do território e agentes da Funa.

A **Folha** conversou com integrantes da vigilância indígena que acompanham desde os primeiros minutos a história do desaparecimento de Bruno e Dom. Houve uma participação efetiva dessas pessoas nas buscas pelos corpos e na tentativa de montar o quebra-cabeça do crime ocorrido, para que tivessem elas mesmas uma resposta sobre o paradeiro do indigenista e do jornalista.

Essas pessoas temem por suas vidas e, por isso, são mantidas em anonimato.

Os embates com grupos de pescadores ilegais faziam os integrantes da vigilância terem certeza de que o indigenista e o jornalista haviam sido assassinados. A rotina de conflitos e de pesca e caça predatória permitia aos vigilantes saberem quem era quem e quais eram os caminhos no rio e na floresta usados por criminosos para desviarem da base de fiscalização da Funai, rumo ao interior da terra indígena.

Esses pescadores ilegais sempre estiveram interessados no pirarucu, um peixe caro e apreciado na região, e no tracajá, uma iguaria valorizada principalmente na Colômbia. Atalaia do Norte (AM), a cidade mais próxima da terra indígena, está numa região de tríplice fronteira do Brasil com Peru e Colômbia.

Em geral, as pescas ilegais ocorrem em larga escala. Numa única apreensão, durante os dias de buscas pelos corpos, a PM da região apreendeu 500 quilos de peixe, principalmente o pirarucu. Nesses mesmos dias, pessoas que circulavam pelo rio Itaquaí relataram que mil tracajás estariam represados em áreas das comunidades ribeirinhas próximas à terra indígena.

Cada tracajá pode ser vendido por R$ 120, segundo pessoas familiarizadas com esse tipo de exploração. Assim, somente esses mil renderiam R$ 120 mil.

É neste contexto que se dá a atuação de Pelado na região, segundo integrantes da vigilância indígena. Quando mostrou a arma no sábado, véspera do desaparecimento de Bruno e Dom, Pelado o fez para 13 indígenas. O gesto de demonstração de força teria sido fotografado e levado à base da Funai.

Depois, dois celulares com as imagens foram entregues a Bruno, que estava com Dom pela região. Junto, havia um caderno de anotações sobre ilícitos e invasões à terra indígena. Até onde se sabe, esse material não foi encontrado.

Ainda conforme os relatos ouvidos pela reportagem, no mesmo sábado Bruno e Dom estiveram numa casa no lago do Jaburu, para uma entrevista do jornalista com indígenas. No domingo (5), logo cedo, Bruno e Dom iniciaram o caminho de volta, descendo o Itaquaí.

Passaram na casa de Manoel Vitor da Costa, o Churrasco, na comunidade São Rafael. Ele é tio de Pelado. Não encontraram o pescador, que é líder da comunidade. Bruno deixou um bilhete, com o telefone anotado. Queria falar sobre manejo sustentável do pirarucu. E seguiu viagem.

Rio abaixo, pouco depois da comunidade São Gabriel, onde vivia Pelado, o indigenista e o jornalista desapareceram. Foram mortos, segundo aponta investigação da Polícia Civil e da PF. Os corpos só foram localizados dez dias depois.

A notícia do desaparecimento fez integrantes da vigilância indígena visitarem comunidades ribeirinhas atrás de notícias, acompanhados de policiais militares, no mesmo domingo. A percepção de que um crime havia ocorrido, e de que esse crime tinha a participação de Pelado, levou os vigilantes a buscarem especificamente pelo pescador.

A desconfiança ficou ainda maior quando um dos irmãos de Pelado foi questionado se conhecia o pescador. O irmão respondeu que não, o que ampliou a suspeita.

Segundo os relatos feitos à reportagem, Pelado já dizia que buscava um acerto de contas com Bruno, servidor licenciado da Funai e um dos responsáveis pela vigilância indígena, dentro do trabalho que passou a fazer na Univaja.

Segundo esses relatos, Pelado repetia frases como "quero ver se ele é bom de tiro". O pescador já atirou contra a base da Funai, conforme relatórios da Univaja.

Pelado foi preso temporariamente, e ficou calado nos primeiros depoimentos. Depois, houve mandado de prisão temporária contra um de seus irmãos, Oseney da Costa de Oliveira, o Dos Santos.

Antes da confissão apontada pela polícia, a família de Pelado dizia que ele era inocente e não tinha envolvimento com as mortes.

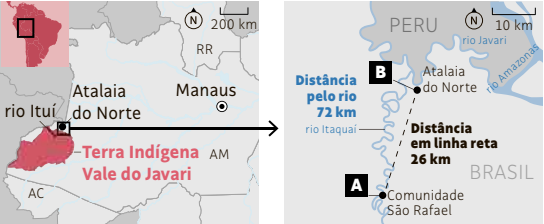
O pescador vive da agricultura tradicional e da pesca, segundo familiares. Esses parentes dizem que ele foi agredido por policiais militares num igarapé, no momento da prisão, para que admitisse participação no crime.

Com a prisão de Dos Santos, Pelado deu novo depoimento e confessou participação no crime, segundo a PF. Na começo da tarde de quarta-feira (15), ele foi levado ao cenário do assassinato para reconstituição do que ocorreu e indicação de locais onde estariam os corpos.

Às 20h do mesmo dia, os policiais federais atracaram no portinho de Atalaia. Traziam dois corpos, em dois sacos pretos, com forte odor. Os corpos foram colocados num carro da PF para que fossem levados à cidade de Tabatinga para a perícia.

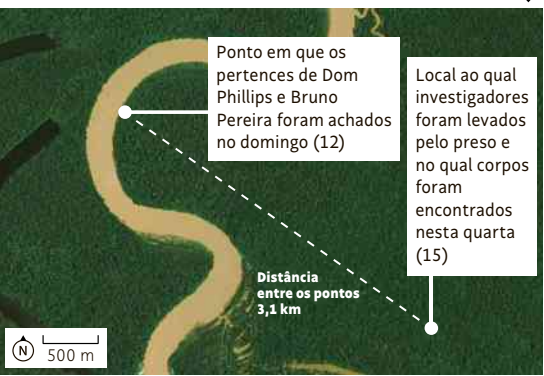
Comunidade de ribeirinhos em no rio Javari (AM), nesta quinta(16) João Laet/AFP

A rota de Bruno Pereira e Dom Phillips no Vale do Javari

Indigenista e jornalista estavam desaparecidos desde o dia 5

A **Partida:** Comunidade São Rafael, último local onde estiveram no domingo (5)

B **Destino:** Atalaia do Norte (AM)

Distância: cerca de 70 km

Tempo estimado de chegada: 2h a 3h de barco

Entidades lamentam mortes e pedem justiça

Luiz Fux
presidente do STF
"A luta do indigenista e do jornalista para a garantia dos direitos humanos e da preservação da Amazônia jamais será esquecida"

Univaja (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari)
entidade em que Bruno Pereira trabalhava
"Ambos eram defensores dos direitos humanos e morreram desempenhando atividades em benefício de nós, povos indígenas do Vale do Javari, pelo nosso direito ao bem-viver, pelo nosso direito ao território e aos recursos naturais que são nosso alimento e garantia de vida".

Ravina Shamdasani
porta-voz da ONU Direitos Humanos
"Este ato brutal de violência é terrível e pedimos às autoridades estatais que garantam que as investigações sejam imparciais, transparentes e minuciosas, e que reparação seja concedida às famílias das vítimas. Instamos as autoridades brasileiras a aumentar seus esforços para proteger os defensores de direitos humanos e os povos indígenas de todas as formas de violência e discriminação."

WWF Brasil
entidade de defesa do meio ambiente
"O nível de violência aplicada a Bruno e Dom explicita como a Amazônia está à mercê da lei do mais forte, sob a qual a brutalidade é a moeda corrente. Isso eleva nossa indignação com a situação na qual os povos da floresta e seus defensores foram deixados pelo Estado brasileiro."

Maria Laura Canineu
diretora no Brasil da Human Rights Watch
"Esta é uma grande tragédia para as famílias de Bruno e Dom, assim como para todos que defendem a Amazônia e os direitos dos povos indígenas, e todos que reportam e dão visibilidade a esses temas. É urgente que medidas imediatas e contundentes sejam adotadas pelo governo federal, governadores e Ministério Público para combater a ilegalidade na Amazônia."

Greenpeace
entidade de defesa do meio ambiente
"Vale a invasão e grilagem de territórios, vale a proliferação do garimpo, vale a extração ilegal de madeira, vale todo e qualquer conflito territorial. E vale matar para garantir que nenhuma dessas atividades criminosas sejam impedidas de acontecer. E tudo isso alimentado pelas ações e omissões do governo brasileiro."

Raps (Rede de Ação Política pela Sustentabilidade)
organização de política sustentável
"A morte de Pereira e Phillips é um alerta e motivo de forte preocupação da sociedade. A Raps considera o caso inadmissível e reforça os pedidos para que as investigações contem com todo o empenho e recursos necessários para que a justiça seja feita, além de enfatizar a necessidade de políticas públicas efetivas que garantam a segurança da região, uma vez que não se trata de um caso isolado."

Prefeitura de Atalaia do Norte (AM)
Cidade onde ocorreu o crime
"Atalaia do Norte presenciou os dias mais sombrios e trágicos de sua história recente. Foram dias de angústia que se encerraram hoje, infelizmente com um desfecho tão triste. Que a justiça seja feita e que os culpados e mandantes deste crime sejam punidos.

Sem lei, nem ordem

Bolsonaro celebra as armas, mas nunca impôs a lei contra o crime na Amazônia

Angela Alonso
Professora de sociologia da USP e pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

"É um estado paralelo comandado por crime organizado". Crime múltiplo: tráfico de drogas e de armas, desmatamento e garimpo ilegais, atentados aos povos indígenas e da floresta. Parece denúncia de militante. Não é. Que o governo não consegue impor a lei na Amazônia é a constatação do presidente do senado federal.

O juízo veio a propósito dos desaparecimentos de Dom Phillips e Bruno Pereira, que consternam a parte civilizada do país. Os nomes dos mortos são novos, o fato é perene. Há uma violência política endêmica na área, da coação ao homicídio. Por ali correu sangue de muitos líderes de movimentos sociais, como Chico Mendes, e até de religiosos, caso de Dorothy Stang. A lista longa nunca acaba, periodicamente repovoada de crimes inexplicados ou impunes, que, em maioria, nem alcançam o noticiário nacional.

Por envolver cidadão inglês, os novos casos lançaram enorme holofote sobre o Brasil. A ribalta é desabonadora. A reputação no exterior, que investidores tanto prezam, foi de vez para o ralo. O atual primeiro-ministro britânico e sua antecessora externaram preocupação. Já a alta comissária de Direitos Humanos da ONU dedicou ao Brasil uma dessas declarações corriqueiras sobre países não democráticos.

Michelle Bachelet se disse "alarmada por ameaças contra defensores dos direitos humanos e ambientais e contra indígenas", crimes de racismo e ataques à comunidade LGBTQIA+. Pediu garantias dos "direitos fundamentais" e "instituições independentes". Quem pede diz o que falta.

Bolsonaro se elegeu prometendo lei e ordem. Seria de se esperar que ao refrão retórico se acoplassem iniciativas de imposição do estado onde ele claudica. Mas, não. A retórica presidencial é só retórica mesmo.

Desde que pisou no Planalto, o presidente celebra as armas e fetichiza seu uso, mas nunca organizou uma ação estatal de imposição da lei contra o crime na Amazônia —nem em qualquer outra parte. A força bolsonarista estatal é cênica, com tiradas, desfiles de tanque e batidas de continência. O que o presidente fez de fato foi transferir para a sociedade a tarefa precípua do estado de zelar pela vida dos cidadãos.

Mesmo quando enche a boca para falar em soberania nacional na Amazônia, o presidente não se refere a uma operação coordenada de governo, pensa em ações corporativas, do "seu exército", ou em afiançar o cada um por si. A Amazônia, insistiu, é território "inóspito", no qual nem cogita adentrar para salvaguardar direitos. É um governo que abdicou de garantir a liberdade que vive proclamando.

Isso porque, como admitiu o presidente, governar não é seu forte: "Não tinha nada pra estar aqui. Nem levo jeito. Nasci pra ser militar." Se essa era a vocação, ela malogrou tempos atrás. Há 34 anos precisamente, quando ameaçou explodir um quartel. O então capitão deixou de sê-lo, embora o próprio e sequazes usem irrestritamente o título. Saiu do exército pela porta dos fundos.

Os militares de alta patente daqueles tempos de Redemocratização entenderam a vocação de Bolsonaro: a de destruidor da ordem, não de defensor dela. A vocação segue inalterada. O governo, no qual quer permanecer a todo transe, pode se orgulhar de destruições em todas as frentes, do meio ambiente ao trabalho, das instituições aos direitos. Não é, de fato, capaz de promover lei e ordem. Muito ao contrário. Todos os seus farrapos retóricos mal cobrem o corpo exposto de um desgoverno.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freita| SEG. Celso R. de Barros| TER. Joel P. da Fonseca| QUA. Elio Gaspari| QUI. Conrado H. Mendes| SEX. Reinaldo Azevedo, Silvio Almeida, Angela Alonso | **SÁB. Demétrio Magnoli**

Mortes na floresta têm impunidade histórica

Assassinatos de Bruno e Dom chamam a atenção para alto número de casos sem condenação pela Justiça brasileira

Géssica Brandino

MOGI DAS CRUZES (SP) As mortes do indigenista Bruno Pereira, 41, e do jornalista britânico Dom Phillips, 57, geraram repercussão internacional, com cobranças de uma resposta rápida pelo governo de Jair Bolsonaro (PL). O temor é que o caso termine impune, como muitos outros que nem chegam ao Judiciário.

O Brasil está entre os países com maior número de assassinatos de defensores da terra e do meio ambiente, segundo a ONG Global Witness. Em 2020, foram 20 assassinatos no país, que ocupa a quarta posição entre 22 nações.

Os dados usados pelo relatório da organização foram fornecidos pela CPT (Comissão Pastoral da Terra), que registra os assassinatos em conflitos no campo.

De 1985 a 2020, de acordo com o órgão da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), foram 1.536 casos, com 2.028 vítimas. Desses, 170 (11%) foram julgados —um desses exemplos raros é o assassinato do líder seringueiro Chico Mendes, em 1988, que teve os assassinos condenados em 1990 a 19 anos de prisão.

Entre os mandantes, de acordo com o levantamento da CPT, somente 39 foram condenados, enquanto 34 foram absolvidos. Entre os executores, o número de absolvidos é ainda maior, com 244 casos, ante 139 condenados.

O assassinato a tiros do colaborador da Funai Maxciel Pereira dos Santos, em Tabatinga (AM), em setembro de 2019, está entre os casos sem resposta. Assim como Bruno, ele trabalhava no Vale do Javari.

Entre os casos que aguardam julgamento está o do assassinato do líder indígena Paulo Paulino Guajajara, que integrava o grupo Guardiões da Floresta.

Ele foi morto em um confronto com madeireiros na Terra Indígena Araribóia, na região de Bom Jesus das Selvas, no Maranhão, em novembro de 2019.

Em março de 2020, a Justiça Federal recebeu denúncia do Ministério Público Federal contra Antônio Wesly Nascimento Coelho e Raimundo Nonato Ferreira de Sousa, que se tornaram réus sob acusação de homicídio qualificado. Não há data para o julgamento.

Há também casos como o da líder Dilma Ferreira da Silva, coordenadora do MAB (Movimento de Atingidos por Barragens), morta na chacina do Baião, no Pará, em março de 2019.

Em junho do mesmo ano, o Ministério Público do estado denunciou o fazendeiro Fernando Ferreira Rosa Filho sob acusação de ser o mandante do crime, mas o Judiciário não se manifestou.

A CPT aponta que houve um aumento da violência na região da Amazônia legal em 2021, concentrando 28 dos 35 assassinatos cometidos no país.

Neste ano, dados parciais mostram que 14 pessoas foram mortas. Entre as vítimas estão José Lago, sua esposa Márcia Nunes e a filha Joane Nunes, que faziam atividades de preservação da floresta e foram mortos em janeiro, em São Félix do Xingu, no Pará.

A comissão afirma que a ferocidade da grilagem e do latifúndio, assim como em parelhamento do Estado pelo setor ruralista são fatores que contribuem para o agravamento do cenário.

Suamy Beydoun/Reuters · Carlos Silva/Reuters

1 Protesto pelo desaparecimento de Bruno Pereira e Dom Phillips em prédio da Funai **2** A missionária Dorothy Stang, assassinada em 2005, aos 73 anos, em assentamento no Pará **3** Capa do livro "Chico Mendes - Um Povo da Floresta", de Edilson Martins, sobre o líder seringueiro assassinado em 1988

Relembre casos que já foram julgados

NILCE DE SOUZA MAGALHÃES

Quem era? Ambientalista e liderança do Movimento dos Atingidos por Barragens, foi assassinada em janeiro de 2016, na região de Jaci-Paraná, em Porto Velho, Rondônia. O corpo dela foi localizado em junho daquele ano.

O que a Justiça fez? Em março de 2017, o 1º Tribunal do Júri da Comarca de Porto Velho condenou Edione Pessoa da Silva a 15 anos de prisão por homicídio e ocultação do corpo.

DOROTHY STANG

Quem era? Missionária norte-americana naturalizada brasileira, era agente da CPT e atuava na região amazônica desde a década de 1970. Foi assassinada em fevereiro de 2005, no assentamento Esperança, no Pará.

O que a Justiça fez? Em 2005, os pistoleiros Rayfran e Clodoaldo foram condenados a 27 e 17 anos de prisão, respectivamente. Os outros três acusados foram julgados a partir de 2006. O fazendeiro Amair, que contratou os pistoleiros por R$ 50 mil, foi condenado a 18 anos de prisão e os mandantes Vitalmiro de Bastos de Moura (Bida) e Regivaldo Galvão (Taradão) foram condenados em 2007 a 30 anos de prisão. A sentença de Bida só foi aplicada após terceiro julgamento, em 2010. Já Taradão foi preso só em 30 de abril de 2019, após o STF revogar o habeas corpus que o mantinha em liberdade.

CHICO MENDES

Quem era? Líder seringueiro, ambientalista e presidente do Sindicado dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, no Acre.Foi assassinado na porta de casa com um tiro de espingarda no peito, em dezembro de 1988.

O que a Justiça fez? O mandante, o fazendeiro Darly Alves da Silva, e o executor do crime, o filho Darcy Alves da Silva, foram condenados em 1990 a 19 anos de prisão.

Bolsonaro deseja conforto a familiares após relativizar o caso

BRASÍLIA Após dizer que Bruno Pereira e Dom Phillips faziam "aventura não recomendada" pelo Vale do Javari, onde acabaram assassinados por um pescador, o presidente Jair Bolsonaro (PL) desejou nesta quinta-feira (16) sentimentos aos familiares do indigenista e do jornalista britânico.

"Nossos sentimentos aos familiares e que Deus conforte o coração de todos", escreveu no Twitter. Essa foi a primeira declaração de Bolsonaro desde que a Polícia Federal divulgou que o pescador Amarildo da Costa Oliveira, conhecido como Pelado, confessou ter assassinado Bruno, 41, e Dom, 57. Antes, por diversas vezes Bolsonaro minimizou o caso.

"Realmente, duas pessoas apenas num barco, numa região daquela completamente selvagem, é uma aventura não recomendada que se faça", disse ele na terça-feira (7).

No sábado (12), afirmou que os dois não tinham autorização da Funai para navegar pela região —informação contestada por servidores e indigenistas. "Acontece, né. As pessoas abusam, né", declarou.

Quando surgiram as primeiras evidências de um crime mais grave, o presidente admitiu que seria muito difícil que os dois estivessem vivos. "Os indícios levam a crer que fizeram alguma maldade com eles, porque já foram encontrados boiando no rio vísceras humanas", afirmou.

Na quarta (15), antes da divulgação de que o pescador havia confessado o crime, voltou a relativizar o caso. Ele disse que Dom, por denunciar ilegalidades, era "malvisto na região".

Crime cruel, uma maluquice, diz ministro da Justiça

Camila Mattoso

BRASÍLIA O ministro da Justiça, Anderson Torres, classificou como "crime cruel" e "uma maluquice" o caso envolvendo o desaparecimento no Amazonas do indigenista e do jornalista.

Pouco antes de a PF divulgar a autoria do crime, na quarta (15), Torres disse nas redes sociais que "remanescentes humanos" foram encontrados nas buscas. A polícia aguardará os resultados de perícias para confirmar se os corpos encontrados são deles.

"É um crime cruel, uma maluquice. Me solidarizo com a família dos mortos. Estou profundamente triste pelo acontecido. Ninguém gostaria de encontrar restos mortais de ninguém, mas foi um trabalho [de investigação] espetacular que foi feito. Queríamos ter encontrado os dois vivos", afirmou à **Folha**.

O ministro, cuja pasta é responsável pela PF, disse também: "O esforço foi muito grande. Ainda falta bastante coisa, precisa achar o barco e terminar a materialidade e autoria do crime. A região é muito difícil".

O isolamento da área na margem do rio Itaquaí onde depois foram achados pertences das duas vítimas se deu pelo trabalho de indígenas.

O irmão do pescador também foi preso. De acordo com a PF, ele nega participação.

André Dahmer

Irene Khan

Impunidade no assassinato de jornalistas é ataque à democracia

Relatora especial da ONU para liberdade de expressão afirma ser essencial investigar e punir os responsáveis pela morte do repórter britânico Dom Phillips no Amazonas

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Patricia Campos Mello

NOVA YORK Ataques a jornalistas são um sintoma da erosão da democracia e é essencial que sejam investigados e punidos, disse Irene Khan, relatora especial da ONU para liberdade de expressão, em relação ao caso do jornalista britânico Dom Philips, que foi assassinado no Amazonas ao lado do indigenista Bruno Pereira.

"Sabemos que dez jornalistas foram mortos no conflito na Ucrânia. Mas, quando vemos isso acontecer em países como o México ou o Brasil, a morte de cada jornalista sob essas circunstâncias é um ataque à democracia", disse Khan à Folha.

"É por isso que é essencial que esses assassinatos sejam corretamente investigados e que aqueles que cometeram os crimes sejam levados à Justiça e punidos."

*

Vários jornalistas foram mortos na Ucrânia e a jornalista palestina Shireen Abu Akhleh foi morta na Cisjordânia. São todos episódios trágicos, mas a violência contra jornalistas não se limita a situações de conflito. Estamos vendo ataques a jornalistas em países como Índia, Brasil, Hungria, Turquia e Filipinas. Quão preocupada a senhora está com as ameaças à liberdade de expressão em países democráticos? É muito preocupante ver ataques a jornalistas em países democráticos, ver assassinatos e desaparecimentos, porque a liberdade da mídia e a segurança de jornalistas são fundamentais para o processo democrático.

Não se trata apenas do direito de jornalistas se expressarem. A liberdade de expressão também é o direito da sociedade de saber o que está acontecendo. O acesso a jornalismo de qualidade, baseado em fatos, é uma parte essencial do processo democrático. E é por isso que, quando jornalistas são atacados e mortos, e quando há impunidade para o assassinato de jornalistas em países democráticos, significa que a democracia está sendo enfraquecida.

Recentemente, um jornalista desapareceu juntamente com um ativista ambiental [na Amazônia, Dom Phillips e Bruno Pereira]. Sabemos que dez jornalistas foram mortos na Ucrânia. Mas, quando vemos isso acontecer em países como o México ou o Brasil, a morte de cada jornalista sob essas circunstâncias é um ataque à democracia. Por isso é essencial que esses assassinatos sejam corretamente investigados e que aqueles que cometeram os crimes sejam levados à Justiça e punidos.

A senhora tem alertado para as peculiaridades da era digital. Quais são os desafios à liberdade de expressão nesse cenário? A tecnologia digital trouxe muitas vantagens a jornalistas. É possível obter dados em muito menos tempo. Os jornalistas conseguem fazer jornalismo de maneiras que não conseguiam no passado. Graças à tecnologia você pode se comunicar com muito mais pessoas, seu público, seus leitores; jornalistas em vários cantos do mundo estão colaborando em projetos. Mas há o lado negativo, é claro.

Em primeiríssimo lugar, precisamos nos preocupar com a desinformação disponível nas plataformas de mídia digital. As pessoas não podem mais confiar na informação. Elas não sabem o que é fato e o que é falso, e, em consequência, começam a desconfiar de toda informação, e isso tem impacto sobre jornalistas.

Há também o lado comercial. Plataformas de mídia digital, através de seus algoritmos, controlam o que as pessoas leem e assistem, então o leitor pensa que é ele quem está fazendo a escolha, mas não é.

Em certo sentido, as plataformas passaram a exercer uma espécie de poder editorial de controlar o que chega até os leitores. E há toda a questão da publicidade, a receita publicitária que agora está indo para as plataformas digitais, em vez de ir para a mídia tradicional.

Alguns ativistas de extrema direita utilizam a defesa da liberdade de expressão como arma. Eles dizem que a moderação de conteúdos ou de discurso de ódio é, na realidade, censura. O que é a liberdade de expressão em um mundo onde o espaço público é dominado por plataformas na internet e o discurso pode ser usado como arma nas redes sociais? Informação e desinformação existem desde a antiguidade. O que está acontecendo hoje com a tecnologia digital é o poder da amplificação. Não é tão simples como quando alguém vai para a praça pública e grita uma mentira. Seja o que for que uma pessoa diga no Twitter, isso será transmitido para milhares ou centenas de milhares de pessoas, dependendo do tamanho da conta.

É muito perigoso. Não apenas porque a informação é falsa. Informação falsa não é ilegal pelas leis internacionais. Você pode mentir. Além disso, a sua mentira pode ser minha verdade. Assim, o julgamento sobre o que é verdade ou falso não é importante. Mas importa quando o que uma pessoa diz causa danos. Quando se diz algo que tem efeito nocivo, que pode incitar ódio contra minorias ou pessoas LGBTQIA+ ou semear mentiras para distorcer eleições.

Isso é muito perigoso, e as plataformas carregam uma responsabilidade. Elas têm a responsabilidade de garantir que conteúdos ilegítimos e nocivos sob a lei internacional não proliferem da mesma forma que outros conteúdos.

É claro que precisamos tomar o cuidado de não deixar que governos interfiram no processo. O que o governo deve fazer é obrigar as plataformas a serem mais francas sobre como estão realizando a moderação de conteúdos.

Assim, você e eu, como leitores, saberemos se há um tipo de informação que só vemos devido a algoritmos e acreditamos que é a verdade. Essa é mais uma maneira que as plataformas digitais têm de assegurar que tenhamos acesso a fontes diversas de informação. Sempre que há desinformação, intencional ou não, o antídoto é mais informação.

A violência de gênero online é muito comum? E o que é eficaz no combate a essa violência? Para começar, é importante dizer que a violência online existe. Muitas pessoas parecem duvidar disso, mas é real o dano psicológico provocado por, por exemplo, violência online contra mulheres, que tende a ser muito sexual e coordenada. Às vezes, isso acaba gerando agressões no mundo offline. Existem muitos casos de mulheres jornalistas ameaçadas online que então receberam ameaças na vida real e depois foram mortas.

Isso é especialmente perigoso para políticas mulheres, jornalistas mulheres, líderes mulheres, mulheres na esfera pública. Elas são atacadas para ficarem com medo e saírem das plataformas.

> É muito preocupante ver ataques a jornalistas em países democráticos, como o Brasil, ver assassinatos e desaparecimentos, porque a liberdade da mídia e a segurança de jornalistas são fundamentais para o processo democrático
>
> O ocupante de um cargo público está sujeito ao escrutínio público. A imprensa e o público têm o direito de fiscalizar seu comportamento

Há muita coisa que as plataformas e o Estado podem fazer para proteger as mulheres e ajudá-las a se protegerem. Por exemplo, há mecanismos que permitem bloquear o acesso de certos tipos de pessoas à sua conta.

Já os governos precisam entender que a violência online contra mulheres é tão perigosa quanto a violência offline. As pessoas não têm o direito de fazer ameaças de estupro no mundo offline e tampouco deveria ser permitido fazer essas ameaças online.

A Austrália adotou no ano passado o código para negociação de pagamento de conteúdos jornalísticos, para estimular negociações entre plataformas e veículos de imprensa. Alguns outros países estão estudando ou seguir o mesmo modelo ou instituir um imposto sobre as plataformas. Que papel as plataformas devem desempenhar para garantir a viabilidade do jornalismo profissional? No modelo de negócios atual, alguns veículos noticiosos estão se saindo muito bem, mas muitos não estão. Estão aparecendo os desertos de mídia. Há partes dos Estados Unidos, por exemplo, onde não há rádios nem jornais locais. E quando a imprensa das comunidades desaparece, as comunidades também começam a desaparecer. As discussões políticas que deveriam ocorrer por meio da imprensa local não ocorrem, e isso muda a política local.

Há uma série de coisas que podem ser feitas para combater esse problema. Uma delas é a responsabilidade das plataformas digitais. A imprensa fornece o conteúdo, e as companhias de plataformas digitais fornecem os meios reais de disseminação. Logo, é preciso haver alguma partilha, alguma compensação.

O bom jornalismo, a informação factual independente, é um bem público, como a água e o acesso à eletricidade. Não se deixa a cargo do mercado decidir sobre o acesso à água. Portanto, da mesma maneira, não se pode deixar o acesso à informação inteiramente a cargo do mercado, porque então só teremos informações comercializáveis.

Líderes políticos em países como Brasil, Filipinas, Hungria, Turquia, Índia, Nicarágua vêm atacando a imprensa sistematicamente e tentando desacreditar e intimidar jornalistas. Como devemos lidar com isso? Quem acredita na democracia entende que o ocupante de um cargo público está sujeito ao escrutínio público. A imprensa e o público têm o direito de fiscalizar seu comportamento, e o político não pode atacá-los por isso. Infelizmente, é isso o que está acontecendo. É muito perigoso.

Pela lei internacional, o discurso político é protegido. Por outro lado, o político tem a responsabilidade de não utilizar essa proteção para atacar a imprensa, porque então estará convertendo o discurso político em arma para atacar a mídia e reduzir o espaço para fiscalizarem sua atuação.

Em seu relatório, a senhora fala sobre os processos judiciais estratégicos contra participação pública [SLAPPs, na sigla em inglês]. Esse tipo de assédio judicial tem o efeito de silenciar o jornalismo? A liberdade de expressão é um direito muito amplo, mas não é absoluto. Há restrições, e uma delas é a respeito de que o discurso prejudique a reputação ou viole os direitos de outras pessoas. Mas estão distorcendo isso. Políticos e empresários investigados por jornalistas estão processando os profissionais por difamação, pedindo indenizações enormes por danos morais.

Giulio Napolitano/Divulgação FAO

Irene Khan
Relatora especial da ONU para a promoção e proteção da liberdade de opinião e expressão. É a primeira mulher a assumir o cargo desde sua criação, em 1993. Nascida em Bangladesh em 1956, Kahn estudou direito na Universidade de Manchester (Reino Unido) e na Universidade Harvard (EUA)

Vida ou morte

Temos de recuperar nosso direito à sorte e à roda da Fortuna rosianas

Reinaldo Azevedo
Jornalista, autor de "o País dos Petralhas"

“Viver é muito perigoso: sempre acaba em morte”. É uma das falas-pensamento de Riobaldo, em “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa. Como citação esparsa, costuma-se omitir a segunda oração porque a primeira, isolada, empresta à reflexão um acento entre existencialista e metafísico.

Falaria à humanidade, não ao indivíduo. Não deixa de ser uma daquelas boas traições ao texto original. O fatalismo cru na finitude —“acaba”— cede a “viver”, a forma nominal do verbo, que não tem tempo.

A vida como um bem não fungível, que não se gasta e existe em outro plano além deste —em que, morrendo, nos esgotamos—, está na origem de todas as religiões.

Pessoas morrem ao atravessar, distraídas, uma rua. Ou engasgam com um pedaço de carne. Ou podem ser fulminadas por um último superlativo besta —“Lindíssimo!”—, a exemplo de José Dias, o agregado da casa de Bentinho, em “Dom Casmurro”.

E pronto. Entram no reino do nunca mais. A vida sempre acaba em morte. Jair Bolsonaro tentaria emporcalhar meu parágrafo, discursando sobre uma montanha de cadáveres: “Todo mundo morre um dia”. “Tem que deixar de ser um país de maricas”.

Bem mais moço, vislumbrei a vereda de um Estado que nos deixasse viver e morrer em paz, desde que cumprido o misto de determinação e desiderato das democracias, que têm de garantir a igualdade perante a lei, de assegurar as liberdades individuais e de buscar corrigir, por meio da educação e de outras políticas de bem-estar, o que a origem de cada um desconsertou.

Esperança vã. Quantos são os que, em algum momento, já se disseram liberais e estão agora a serviço de um governo que cultua a morte em vida?

Com frequência estúpida, não se morre no Brasil e em outros países marcados por iguais violência e miséria porque, afinal, a morte faz parte da delícia e da dor de existir, como sugere a primeira oração da citação rosiana. A carnificina nada tem a ver com um “punhal de amor traído”, da música de Belchior, ou com uma distração fatal. Não.

É o Estado delinquente que está na origem de boa parte dos mais de 40 mil homicídios dolosos por ano e das quase 670 mil mortes por Covid-19 desde o início da pandemia. E dos soterramentos em razão das chuvas. E do brejo que sufoca as almas quando se rompem as barragens.

E dos sem-teto que se amontoam nos baixos de viadutos e sob as marquises, “sem ar, sem luz, sem razão”, lembrando às grandes cidades brasileiras que, nesses navios negreiros “aggiornados”, quase sempre se é livre para dormir debaixo das pontes. Quase sempre.

Esse Estado historicamente delinquente tem de ser reformado e contido por governos comprometidos com a democracia e com os fundamentos da civilização. Em 2018, e talvez se possa voltar a 2013 em busca das origens (mas isso fica para outros carnavais), abriu-se no país a trilha para a terra dos mortos com a eleição de Jair Bolsonaro, o presidente convicto de que “a liberdade é mais importante do que a vida”. Ao discursar a seguidores em Orlando, defendeu uma população armada e refletiu, com sabedoria peculiar: “Somos pessoas normais. Podemos até viver sem oxigênio, mas não sem liberdade”.

Nesse momento, fez uma pausa muito sutil, e seu rosto exibia um misto de esgar e sorriso discreto, como quem lembrasse de alguma coisa. O vídeo circula por aí. Vieram-me à mente, e talvez à dele próprio, os sufocados do Amazonas, dos quais fez pilhéria em uma de suas “lives”, simulando a sua agonia. Buscava o riso e o escárnio. Antes, a canalha silenciava sobre os corpos. Hoje, tripudia.

Já escrevi neste espaço que, na eleição de outubro (se houver), a neutralidade entre a corda e o pescoço será necessariamente corda e que a polarização, esse termo quase sempre mal-empregado, se dá entre democracia e não democracia. Atualizo. Haverá uma disputa entre a vida e a morte. A primeira comporta um leque infinito de divergências. A outra é um “estado de sítio permanente”, para lembrar de novo Machado de Assis.

Que a memória da luta do indigenista Bruno Araújo Pereira e do jornalista Dom Philipps colabore para que a vida vença o reino da morte no Brasil. Para que voltemos a ter direito à sorte e à roda da Fortuna rosianas.

Contador ligado a Lula atuou para o PCC, segundo polícia

Investigação sobre suspeito de lavagem de dinheiro por meio de loterias vira arma para bolsonaristas

Rogério Pagnan e Victoria Azevedo

SÃO PAULO A Justiça de São Paulo sequestrou na quarta-feira (15) cerca de R$ 40 milhões em bens de um grupo suspeito de ligação com a facção criminosa PCC e uma empresa de ônibus na capital. Entre os integrantes do grupo está o contador João Muniz Leite e sua mulher.

Leite foi contador do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e já ouvido na Operação Lava Jato por ter participado da compra, segundo a polícia, de imóveis do ex-presidente petista.

De acordo com o Denarc (Departamento Estadual de Prevenção e Repressão ao Narcotráfico), responsável pela investigação, Leite ajudou a montar um esquema de lavagem de dinheiro por meio de loterias para Anselmo Santa Fausta, o Cara Preta, suposto chefe do PCC.

Fausta foi assassinado no final de 2021, no Tatuapé, zona leste paulistana, junto com o motorista Antônio Corona Neto, 33, o Sem Sangue, em suposta guerra interna da facção por causa de dívidas.

O nome de Leite vinha sendo mantido em sigilo, mas foi confirmado nesta quinta-feira (16) pela polícia após a divulgação pelo jornal O Estado de S. Paulo.

A Polícia Civil afirma, porém, que nenhum político (Lula ou nenhum outro nome) aparece na investigação do Denarc.

Procurada, a assessoria de imprensa de Lula afirma, em nota, que o ex-presidente “não tem qualquer relação com o caso citado” e que ele “já teve todos os seus sigilos fiscais e bancários quebrados e jamais uma irregularidade foi encontrada”.

Leite chegou a ser ouvido na Lava Jato em 2017, pelo então juiz Sergio Moro, em procedimento que apurava suposta falsificação de recibos de aluguel de apartamento utilizado pelo ex-presidente em São Bernardo do Campo.

Em seu depoimento a Moro, o contador disse ter sido responsável pelas declarações de renda de Lula, a pedido do advogado Roberto Teixeira, compadre do ex-presidente, de 2011 a 2015.

A divulgação da notícia gerou munição para uma série de ataques de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL) contra o ex-presidente Lula nas redes sociais nesta quinta-feira.

Segundo policiais que participam da investigação informaram à **Folha**, Leite seria um contador conhecido no mundo do crime especializado em lavagem de dinheiro.

No caso de Fausta, o dinheiro vinha do tráfico de drogas, segundo a polícia. Tinha um patrimônio milionário, mas não podia ostentá-lo porque não tinha lastro para isso.

De acordo com o delegado Fernando Santiago, responsável pela investigação, com o esquema montado por Leite para lavagem de dinheiro para Cara Preta, eles ganharam 55 vezes na loteria, com prêmios que somam R$ 38 milhões.

Também nesse suposto esquema, Fausta ganhou um prêmio de R$ 40 milhões na Mega-Sena. Um bolão que o suposto criminoso do PCC ficou com R$ 24 milhões (3/5 do prêmio), e Leite, com R$ 16 milhões (2/5).

“A gente acredita que o contador dele tenha montado esquema de lavagem de dinheiro com prêmio de loteria federal, mas sem fraudar a aposta”, diz o delegado Santiago.

Foi esse mesmo contador que ajudou Cara Preta a abrir uma empresa em nome Eduardo Camargo de Oliveira, uma identidade falsa usada pelo suposto criminoso do PCC antes de ele ganhar na Mega-Sena e assumir a verdadeira identidade e uma vida de ganhador da loteria.

Segundo a polícia, foi rastreando esse documento falso que eles chegaram à UPBus, empresa de ônibus que atua na zona leste da capital.

PETISTA VAI AO RIO GRANDE DO NORTE, E ALCKMIN RECEBE VAIAS
Lula, ao lado de Fatima Bezerra, governadora do estado, participa de feira em Natal, nesta quinta (16); em outro evento do pré-candidato no dia na cidade, Geraldo Alckmin (PSB), vice na chapa, foi vaiado por militantes petistas Elisa Elsie/Divulgação

Brigadas digitais da CUT esbarram em propaganda eleitoral ilegal pró-PT

Renata Galf e Catia Seabra

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO A organização das chamadas brigadas digitais pela CUT, em que pessoas são chamadas a criarem grupos de WhatsApp e cadastrá-los junto à entidade para envio de materiais a favor do ex-presidente Lula, abre margem para discussão sobre ocorrência de doação irregular de entidade sindical para campanha eleitoral. Isso a depender de como essas brigadas sejam utilizadas.

Vídeo com falas de integrantes da CUT (Central Única dos Trabalhadores) citando a organização e o uso dessas brigadas com objetivos eleitorais foi noticiado pelo site Metrópoles.

Em um evento, o secretário de comunicação da entidade, Roni Barbosa, diz, por exemplo: “Uma brigada digital é nada mais, nada menos, do que um grupo de WhatsApp. Organiza os mais vermelhinhos dentro do grupo e lá vamos convencer toda a turma que este ano é Lula”.

Ele também afirma que foram contratadas agências de publicidade e “empresa especializada para ajudar na tarefa de mandar as mensagens”.

Em nota em seu site, a CUT negou que a iniciativa tenha como intuito fazer propaganda eleitoral. “A CUT não fez, não faz e não vai fazer propaganda político partidária.”

“A CUT historicamente sempre se posicionou nos processos eleitorais, mas nunca pediu, não pede e não vai pedir voto para qualquer candidato. A CUT não propagou, não propaga e não vai propagar notícias sem veracidade ou comprovação”, escreve ainda a central sindical ligada ao PT.

No site, a entidade explica o procedimento: primeiro, o interessado em participar das brigadas deve montar um grupo no WhatsApp com pelo menos dez pessoas; na sequência cadastrar o grupo no site das brigadas, com seu link respectivo. Esse grupo então, conforme explica Barbosa em vídeo, passa a contar com um administrador da CUT que passa a enviar conteúdos para esses grupos.

Marilda Silveira, advogada eleitoral e professora do IDP (Instituto Brasiliense de Direito Público), avalia que o fato de o representante da CUT dizer que a iniciativa deve ser usada a favor de certa campanha não torna a prática ilícita, mas exige atenção.

“Se essa ferramenta passar a ser utilizada para pedir votos ou para desconstruir uma outra candidatura, o que a Justiça Eleitoral chama de propaganda negativa, é um ilícito escancarado porque o financiamento de campanha de pessoas jurídicas e sindicais é proibida.”

Ela aponta ainda que, pelas decisões do TSE, para configurar que há pedido de voto não é preciso termos como “vote em mim” e que no caso de financiamento irregular o pedido explícito de votos não é indispensável.

Elementos como o uso da ferramenta inserido dentro da estratégia de alguma campanha, por exemplo, podem ser utilizados.

Volgane Carvalho, secretário-geral da Abradep (Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político), considera que, caso o conteúdo não inclua pedido explícito de voto, não haveria ilícito.

“Ela [entidade sindical] pode utilizar para fazer informação política e dizer quais são os candidatos que atendem melhor os interesses da entidade. Desde que não tenha pedido de voto expresso.”

O projeto das brigadas digitais foi apresentado a Lula no dia 4 de abril, durante encontro na sede da central. O presidente da CUT, Sérgio Nobre, informou ao ex-presidente a meta de organização de 50 mil brigadistas.

Outro ponto que poderia tornar a prática ilícita seria o envio para usuários sem seu consentimento. Contudo a participação das pessoas nesses grupos já seriam suficientes, segundo eles, para configurar que há consentimento.

Presidente ironiza rivais e busca reeditar tática de 2018

Em modo campanha nas redes, Bolsonaro tenta, com deboches, engajar jovens

Thaísa Oliveira e Marianna Holanda

BRASÍLIA Deboches com a saída de João Doria (PSDB) da corrida presidencial, emojis de gargalhadas para o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e respostas irônicas à cantora Anitta. O presidente Jair Bolsonaro (PL) reforçou o tom de "lacrador" nas redes sociais com a proximidade das eleições.

O termo lacrar ganhou popularidade na internet e virou sinônimo de arrasar, sair-se muito bem em algo — tão bem a ponto de deixar alguém sem argumentos e encerrar o assunto.

A estratégia, segundo integrantes da campanha, busca aproximar o mandatário dos jovens, uma parcela do eleitorado em que ele precisa melhorar seu desempenho. Segundo Pedro Bruzzi, sócio da consultoria de análise de mídias sociais Arquimedes, o método é similar ao de 2018, quando Bolsonaro usou as redes para criar a imagem de "mito".

Levantamento feito pela empresa a pedido da **Folha** indica que a estratégia tem mostrado resultados em termos de engajamento: dos 20 posts com mais interações no perfil do presidente no Twitter neste ano, 12 são com conteúdos "troll" —uma espécie de provocação—, como as respostas a Anitta e ao ator Leonardo DiCaprio.

Em outro tuíte recente, desta quinta-feira (16), Bolsonaro elogiou o mais recente filme de ação de Tom Cruise, "Top Gun Maverick", e comparou os personagens à Força Aérea Brasileira. Depois, postou uma montagem de uma motociata em que o protagonista do filme aparece ao seu lado.

Em outro, ele fez piada com o Dia dos Namorados. "Bolsonaro decreta, nessa quarta-feira, que todo solteiro, por decreto, terá uma namorada."

Os dados também mostram que o número de publicações no Twitter mais que dobrou em maio, na comparação com janeiro. Passou de 144 para 301, segundo a Arquimedes. Mais ativo na internet, o presidente viu a média de interações no período aumentar 18%.

Um dos tuítes com mais engajamento foi justamente em reação à desistência de Doria, ex-governador de São Paulo. Poucas horas depois do anúncio do tucano, Bolsonaro escreveu: "Comunico que estou abrindo mão da disputa do cinturão dos pesos médios no UFC. Boa tarde a todos!".

As redes sociais do mandatário são comandadas pelo vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos), autor da estratégia digital que ajudou a eleger o pai há quatro anos. Além dele, apenas assessores mais próximos, do chamado "Gabinete do Ódio", têm ingerência sobre o que Bolsonaro compartilha nas redes.

Nas conversas sobre estratégia, há o entendimento de que o presidente lucra mais politicamente quando é lacrador do que quando adota postura mais autoritária ou hostil na internet.

A pecha de irritadiço e agressivo é justamente uma que os integrantes da campanha tentam tirar do presidente, que está em segundo lugar nas pesquisas. No mais recente levantamento do Datafolha, Lula desponta com vantagem de 21 pontos sobre Bolsonaro —o petista pontua com 48%, ante 27% do mandatário.

A diferença é maior entre jovens de 16 a 24 anos. Por isso, o foco na estratégia digital.

Especialistas apontam ainda outros motivos para a estratégia do presidente: ela mantém a militância bolsonarista ativa e dá visibilidade para os temas que ele seleciona —e não a assuntos incômodos para Bolsonaro, como o aumento dos combustíveis e a inflação sobre alimentos.

Para a doutora em ciência política e coordenadora do Observatório da Abrapel (Associação Brasileira de Pesquisadores Eleitorais), Érica Anita Baptista, além de abastecer a militância, o tom debochado do presidente tenta atrair de volta eleitores que votaram nele e se arrependeram.

"Essa ironia vem para reforçar um conjunto de características dele que ficaram marcadas em 2018. Elas o afastam da política tradicional que ele tanto critica, constroem a imagem de homem do povo e reforçam o 'nós contra eles', a figura antissistema", afirma.

David Nemer, pesquisador da Universidade Harvard e professor associado na Universidade de Virgínia, também vê paralelo com a estratégia das últimas eleições.

"Em 2018, Bolsonaro contou com uma rede de páginas e contas que faziam essa zoeira. É uma forma de humanizá-lo e também de engajar com o público mais jovem. Apesar de ele nunca ter saído do modo campanha, isso está sendo intensificado."

Carlos Bolsonaro escancarou recentemente suas divergências com a estratégia de marketing do centrão —tida como mais profissional— ao se queixar do slogan da primeira inserção do PL na TV, que teve seu pai como protagonista. "Vou continuar fazendo o meu aqui e dane-se esse papo de profissionais do marketing", escreveu o vereador.

No mundo artístico, a cantora Anitta já havia dado seus palpites sobre as estratégias de Bolsonaro nas redes. Crítica do presidente, ela foi alvo de provocações dele e decidiu bloqueá-lo.

Segundo Anitta, a estratégia de Bolsonaro é ganhar relevância e repercussão no Twitter às custas do perfil dela. Atualmente, 8,2 milhões de usuários acompanham a página oficial do presidente. Já a cantora tem 17,2 milhões de seguidores.

Parte do engajamento, dizem especialistas, vem com a ajuda involuntária dos críticos. "Quando ele debocha de um adversário, ele mexe com as emoções dos oponentes. O post acaba sendo compartilhado ou xingado por pessoas que não gostam dele", explica a pesquisadora em democracia digital Maria Carolina Lopes.

Acima, tuíte de Jair Bolsonaro ironiza anúncio da desistência de João Doria (PSDB) da eleição presidencial, em maio; abaixo, outro exemplo de deboche do presidente, ao comentar foto de Lula com Alckmin, em abril
@jairbolsonaro no Twitter

mundo

Ao fundo, Macron (esq.), Scholz (c) e Draghi (dir.) visitam área bombardeada em Irpin, na Ucrânia, escoltados por militares
Ludovic Marin/AFP

Líderes de França, Alemanha e Itália visitam Ucrânia após críticas

Cobrados por Kiev, países manifestam apoio ao pleito ucraniano de ingressar na União Europeia

IRPIN (UCRÂNIA) | REUTERS Os líderes de França, Alemanha, Itália e Romênia caminharam nesta quinta-feira (16) em meio às ruínas da cidade de Irpin, nos arredores da capital ucraniana, em uma demonstração de apoio que o governo em Kiev espera que seja seguida de ações concretas na guerra contra a Rússia.

Depois, eles se reuniram com o presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, e sinalizaram concordar com a demanda do país para receber o status de candidata a membro da União Europeia, gesto que aproximaria Kiev do bloco econômico. "A Ucrânia pertence à família europeia", declarou o chanceler alemão, Olaf Scholz, mensagem repetida pelo presidente francês, Emmanuel Macron, posteriormente no Twitter.

Ambos os líderes se tornaram alvo de pressão de Kiev para demonstrarem mais apoio à Ucrânia, tanto na área militar quanto na diplomática. No caso do chefe do Palácio do Eliseu, há um elemento adicional: no fim deste mês, a França deixa a presidência do Conselho da União Europeia. Também em rede social, Macron afirmou que, nos próximos dias, "teremos de tomar importantes decisões históricas em conjunto para cumprir as nossas promessas".

"Devemos mostrar à Ucrânia um ato decisivo e claro."

Na visita que levou semanas para ser organizada, os líderes rechaçaram as alegações de que estariam muito ciosos dos laços com a Rússia de Vladimir Putin, sobretudo devido à dependência de seus países no campo energético. Os críticos compararam a posição de Macron e Scholz à do premiê britânico, Boris Johnson, que visitou a capital ucraniana há mais de dois meses e fez seguidos repasses militares.

Em entrevista coletiva, eles reforçaram a mensagem de que são fortes apoiadores da Ucrânia e disseram ter tomado medidas práticas para reduzir o consumo do petróleo e do gás que vêm de Moscou. Do outro lado, as críticas recentes de Kiev se concentraram na demora para o envio de armas por parte da Alemanha e na declaração do presidente francês de que a Rússia "não deve ser humilhada".

Já a Itália, que no ano passado obteve 40% de suas importações de gás natural da Rússia, propôs um plano de paz que os ucranianos temem que implique a entrega de territórios. Depois das conversas nesta quinta em Kiev, Macron afirmou que ainda é necessário algum tipo de canal de comunicação com Putin e que "cabe à Ucrânia decidir" que concessões o país fará para chegar ao fim do conflito com a Rússia.

113º dia de incursões da Rússia na Ucrânia

- Reivindicado por separatistas, mas sob domínio da Ucrânia
- Controlado por separatistas e reconhecido como independente por Moscou
- Ocupado por tropas russas
- Cidades tomadas pela Rússia
- Contra-ataque ucraniano
- Anexada pela Rússia em 2014
- Combates intensos

Rodeados por soldados, os líderes europeus, que além de Scholz e Macron incluíam o premiê italiano, Mario Draghi, e o presidente da Romênia, Klaus Iohannis, todos de terno e sem equipamentos de segurança visíveis, observaram prédios destruídos em Irpin, um dos pontos focais de combate antes de as tropas russas se concentrarem no leste da Ucrânia, na região do Donbass, o objetivo declarado do Kremlin.

Ao saírem da cidade, os soldados de Moscou deixaram corpos espalhados pelas ruas, cenas que o primeiro-ministro alemão descreveu como "crueldade inimaginável" e "violência sem sentido".

Zelenski, após a reunião com os colegas europeus, agradeceu o gesto e disse esperar novas entregas, "principalmente de armas pesadas, artilharia moderna de foguetes e sistemas de defesa antimísseis". Em resposta, Macron declarou que a França intensificará as entregas de armamentos.

Antes da visita a Irpin e à capital ucraniana, Macron pediu à fabricante de armas francesa Nexter que aumentasse a produção de obuseiros Caesar, já que nesta quinta anunciou o envio de mais seis armamentos do tipo ao Exército ucraniano, que se somariam aos 12 entregues anteriormente.

Além de armas, Zelenski pediu um sétimo pacote de sanções da UE que inclua um embargo ao gás de Moscou, justamente no momento em que a empresa russa Gazprom anunciou a redução do fornecimento do item por meio do gasoduto Nord Stream, o que Berlim e Roma viram como um ato político.

Scholz disse que a Alemanha apoiará o caminho da Ucrânia para a adesão à UE, mas também disse que os requisitos sobre democracia e estado de direito precisam ser cumpridos.

No front diplomático, Scholz afirmou no Twitter ter convidado o presidente ucraniano para participar da cúpula do G7, grupo que reúne as maiores economias do mundo, e que Zelenski, por óbvio, aceitou a oferta.

Nesta sexta-feira (17), o braço executivo da União Europeia deve propor que o país ora invadido pelas tropas russas formalize a candidatura ao bloco, de acordo com diplomatas e autoridades. O movimento seria um gesto político de peso para o país, ao mesmo tempo em que gera divisões entre líderes da UE.

A visita repercutiu em Moscou. O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, disse esperar que os líderes usassem a reunião para fornecer "uma visão realista da situação", não para acertar o envio de mais armas.

Já o ex-presidente russo Dmitri Medvedev adotou tom irônico em post no Twitter. Referindo-se aos líderes europeus como "fãs de rãs, salsichas e espaguete" —alusão a comidas típicas de França, Alemanha e Itália—, disse que a visita foi inútil. "Não aproximará a Ucrânia da paz; o relógio está correndo."

Espião russo deportado da Holanda está preso no Brasil, diz PF

GUARULHOS A Polícia Federal informou ontem, segundo a agência Reuters, que o russo Serguei Vladimirovitch Tcherkasov, 36, está sob custódia das autoridades brasileiras e será processado por uso de falsos documentos após ser deportado pela Holanda, que o acusa de espionagem.

O Serviço de Inteligência holandês anunciou ter impedido Tcherkasov, que se passava por cidadão brasileiro, de se infiltrar no Tribunal Penal Internacional (TPI), em Haia, responsável por investigar, entre outras acusações, possíveis crimes de guerra cometidos na Guerra da Ucrânia.

Tcherkasov trabalharia para o GRU, unidade de inteligência militar da Defesa russa, e teria se passado por Viktor Muller Ferreira para entrar em território holandês. O episódio ocorreu em abril, mas só agora foi divulgado.

A inteligência holandesa publicou documentos com a história apresentada pelo suposto espião. Ele dizia ter nascido em 4 de abril de 1989, em Niterói (RJ), e descrevia uma saga pessoal com diversos episódios de dificuldades financeiras e abandono paterno.

No documento, cheio de tarjas pretas que escondem parte do conteúdo, o homem conta ter vivido por anos no exterior, com uma tia, após sua mãe morrer de pneumonia. Ele não seria fluente em português, o que se nota pelos seguidos erros gramaticais no relato, e o espanhol seria uma de suas línguas.

Segundo a PF, Tcherkasov entrou no Brasil em 2010 e assumiu a falsa identidade de brasileiro, com a qual viveu por anos na Irlanda e nos EUA. Ele teria retornado ao Brasil para preparar sua mudança para a Holanda.

A **Folha** procurou o Itamaraty, que não respondeu até a publicação deste texto.

"Se o oficial da inteligência tivesse obtido acesso ao TPI, ele poderia reunir informações e recrutar fontes; teria sido capaz de influenciar processos criminais", diz um trecho do comunicado. "Por se apresentarem como estrangeiros, eles [espiões] têm acesso a informações que seriam inacessíveis a um cidadão russo." No material tornado público, o homem diz que foi abandonado pelo pai. Assim, teria sido criado pela mãe, que fazia apresentações de música. Quando ela ficou doente, uma tia que não morava no Brasil o teria levado.

Entre outros episódios, ele descreve uma crise financeira no ano de 2001 que fez com que a situação da família se agravasse. Menciona, ainda, aulas de espanhol na escola e momentos em que tomava chimarrão. Quando ainda estava no Brasil, segundo o documento, diz se recordar da ponte Rio-Niterói, e, por isso, teria aversão a cheiro de peixe.

Afirma ainda ter obtido um bacharelado em ciências humanas e cogitado trabalhar como jornalista. Depois da morte da tia, ele teria procurado o pai no Rio e, apesar de, segundo o depoimento, ter conseguido contato, frustrou-se com a conversa que tiveram.

Dali, diz ter ido para Brasília, onde "em paralelo com a restauração da cidadania" teria tido aulas de português. Sobre a capital, ele lista lugares que supostamente gostava de frequentar, como o restaurante A Tribo —que, de fato, existe. "Esse restaurante faz a melhor feijoada da cidade."

A Holanda diz que o documento provavelmente foi redigido em 2010 pelo próprio Tcherkasov, para que ele memorizasse a versão. Com Reuters

Watergate, 50, mudou visão sobre Casa Branca

Escândalo que levou à queda de Nixon minou establishment conservador e faz americanos traçarem paralelo com era Trump

Lúcia Guimarães

NOVA YORK O complexo Watergate, com 12 edifícios à beira do rio Potomac, alcançou infâmia mundial há 50 anos, num símbolo de abuso de poder em Washington. Na madrugada de 17 de junho de 1972, cinco arrombadores foram presos instalando escuta eletrônica e furtando documentos na sede do Partido Democrata.

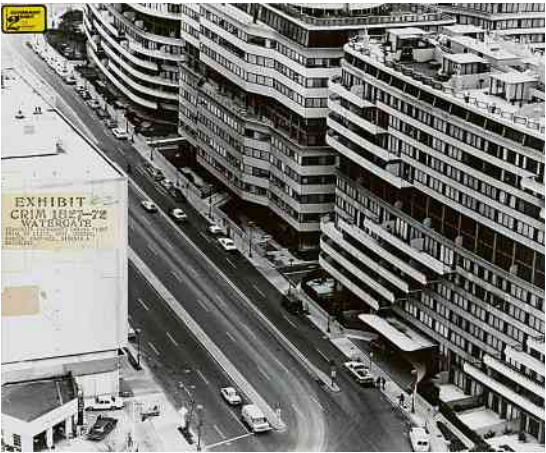
Dois repórteres do jornal The Washington Post, Bob Woodward e Carl Bernstein, logo perceberam que havia no crime mais do que um caso de polícia local. Um dos presos fora identificado como ex-agente da CIA e responsável pela segurança na campanha de reeleição do presidente republicano Richard Nixon.

Três dias depois do arrombamento, Bob Woodward estava diante de sua fonte anônima, apelidada de Deep Throat (garganta profunda) na série de reportagens que valeram um prêmio Pulitzer.

Três décadas mais tarde, Deep Throat foi identificado como Mark Felt, o então número 2 do FBI, que tinha sido usado antes como fonte por Woodward. Felt detestava Nixon e já tinha enfrentado tentativas da Casa Branca de usar seus agentes federais para fins políticos.

A invasão de Watergate se revelou apenas uma fase da campanha ilegal movida por Nixon para garantir a derrota do candidato democrata George McGovern, em novembro daquele ano. Um capanga do presidente já havia ajudado a tirar do páreo, em fevereiro, o democrata mais centrista e com mais chances contra Nixon. A publicação de uma carta falsa atribuída ao pré-candidato Edmund Muskie, com uma referência ofensiva a americanos descendentes de canadenses, forçou Muskie a abandonar a disputa.

O escândalo Watergate, inicialmente acompanhado com maior afinco pelo Post, demorou a desenvolver a gravidade histórica que adquiriu depois. Nixon se reelegeu com folga. Mas, em maio de 1973, começaram as audiências do comitê de investigação no Senado com a participação da testemunha-estrela John Dean, o conselheiro jurídico de Nixon, que renunciara em fevereiro e passou a oferecer uma detalhada delação premiada do esforço para acobertar os crimes do presidente.

O outro momento decisivo para forçar a renúncia de Nixon, em 9 de agosto de 1974, foi a revelação, nas audiências, de que o presidente havia instalado um sistema de gravação das conversas que mantinha na Casa Branca. Nixon entregou gravações editadas, alegando privilégio executivo, mas acabou forçado a entregar as fitas que comprovaram a compra de silêncio dos envolvidos no escândalo.

A mídia americana foi inundada com especiais sobre os 50 anos de Watergate. Assistir aos documentários ou ao filme com Robert Redford e Dustin Hoffman baseado no livro "Todos os Homens do Presidente", de Woodward e Bernstein, desperta nostalgia.

Este é o sentimento expressado por historiadores, protagonistas daquela era e pessoas com idade para ter testemunhado o desmoronamento da Presidência Nixon. A **Folha** conversou com um grupo de americanos que tinham de 11 a 31 anos em junho de 1972.

"Eu cursava a pós-graduação em Direito e havia escolhido, em 1971, um tópico considerado obscuro para a minha dissertação," recorda Robert Hammel, 75, ex-promotor federal e ex-professor de direito da New York University. O tópico era privilégio executivo, o que fez dele um ávido monitor de qualquer notícia relacionada a Watergate.

Hammel tem mais motivos pessoais para se chocar com o país revelado na era Donald Trump. Ele integrou, nos anos 1980, a equipe de promotores comandada pelo então caçador de mafiosos e futuro prefeito de Nova York, Rudolph Giuliani, hoje envolvido na tentativa de golpe encenada por Trump em janeiro de 2021.

Hammel diz que Watergate reforçou a desconfiança do establishment político, mas mostrou também que o sistema podia fazer uma correção de curso. "Hoje, já sou mais pessimista sobre isso."

"Desde o começo, o arrombamento me pareceu suspeito," diz o maestro e compositor Bill McGlaughlin, 78, que era trombonista da Orquestra Sinfônica de Pittsburgh, na Pensilvânia. Ele lembra da filha, então com 5 anos, que assistia a uma entrevista de Nixon na TV e perguntou se ele estava mentindo. "Quando Watergate estourou, eu já me opunha a Nixon por causa da guerra no Vietnã, mas o que descobri com o escândalo me fez não confiar mais no governo," afirma o músico.

"A gente já tinha motivo de sobra para detestar Nixon antes de Watergate," afirma Robert Stam, 80, professor de Cinema da New York University. "Não só a guerra no Vietnã, mas a repressão à militância racial e a política nuclear de Nixon me revoltavam. Mas, comparado aos republicanos de hoje, o establishment conservador da época era um paraíso," diz o professor, lembrando que Nixon tinha um lado progressista — ele fundou a agência federal de proteção ao meio ambiente, tentou implantar um plano de renda universal a famílias carentes e abriu os EUA para a China.

A mãe advogada e politizada logo trouxe Watergate para a mesa de jantar da casa do nova-iorquino Just Spring, que tinha 11 anos em 1972. "No ano seguinte," lembra o historiador de arte e biógrafo, "fui para uma colônia de férias, e ficávamos grudados na TV, assistindo às audiências".

No verão de 1973, as sessões no Senado chegaram a ter 85 milhões de espectadores. "Eu me sinto perplexo hoje", afirma Spring. "Testemunhei tanta indignação. Havia mais clareza moral com Nixon. Não percebemos que Trump tentou um golpe de Estado porque achávamos que não era possível acontecer aqui."

O complexo Watergate, em Washington, em 1972, onde ficava a sede do Partido Democrata US National Archives / AFP

Trump pressionou vice a não certificar vitória de Biden, diz comitê

O ex-presidente dos EUA Donald Trump pressionou seu vice, Mike Pence, a contestar a vitória do democrata Joe Biden nas eleições de 2020, segundo assessores de Pence. A denúncia foi feita nesta quinta-feira (16), no comitê do Congresso americano que investiga a invasão ao Capitólio. A imposição de Trump veio mesmo após ele ser informado de que o então vice não tinha autoridade para se opor formalmente à sua derrota. O episódio se refere a 6 de janeiro do ano passado, quando Pence e legisladores americanos se reuniram no Capitólio para certificar a vitória de Biden. A sede do Legislativo foi, então, invadida por apoiadores do presidente. Trump e aliados consideram o comitê uma estratégia política do Partido Democrata. Os republicanos já prometeram que vão enterrar o trabalho do grupo se assumirem o controle do Congresso nas "midterms", eleições que em novembro vão renovar parte da Casa. (Reuters e AFP)

Em 1974, presidente Richard Nixon faz pronunciamento na Casa Branca logo após renunciar por causa de Watergate 9.ago.1974/AFP

MUNDO LEU | Livros, filmes, séries, podcasts e o que mais houver para tentar entender o mundo

Narrativa sedutora de livro sobre 2ª Guerra funciona como desabafo

João Batista Natali

SÃO PAULO Adolf Hitler, além de notório monstro moral, foi de profunda burrice em relação à história. Acreditava que a 1ª Guerra havia sido provocada por uma conspiração judaica. Em janeiro de 1939, em discurso para lembrar seis anos de poder nazista, voltou a mentir. "Se o judaísmo financeiro novamente empurrar os povos a uma guerra, em lugar da bolchevização do mundo acontecerá o extermínio da raça judaica."

Muitas barbaridades em tão poucas palavras: os banqueiros judeus não eram bolchevistas, judeus não são raça, e, o pior, Hitler evocava em contagem regressiva o Holocausto.

Em julho do ano anterior, a Conferência de Evian, na França, já havia demonstrado a indiferença pelos refugiados judeus, e em novembro a Noite dos Cristais antecipara a tragédia com 91 assassinatos antissemitas, o incêndio de sinagogas e a destruição de empresas de judeus.

O chamamento à memória é um dos méritos de "Breve História da Segunda Guerra Mundial", do jornalista alemão Ralf Georg Reuth, que a Todavia acaba de traduzir no Brasil. Breve em termos. São 400 páginas de uma narrativa sedutora, que não traz propriamente novidades, mas funciona, com austeridade, como desabafo sobre um conflito que, entre civis e militares, deixou 55 milhões de mortos.

Outro dos méritos está em não pendurar o cordão umbilical da 2ª Guerra no conflito anterior, na Conferência de Versalhes e nas condições "de escravidão" que ela impôs à Alemanha, que teve de afundar 74 embarcações para redimensionar sua Marinha por imposição dos ex-inimigos franco-britânicos.

O fato é que Hitler rearmou seu país a partir de 1933, instalou arsenais na beira do Reno e mandou às favas a imposição de limitar o Exército a 100 mil homens. Ele tinha planos explícitos de expansão do Terceiro Reich, mas por meio de pequenas conquistas —como a da Áustria— ou da submissão da Tchecoslováquia ao protetorado. Ele acreditava que uma guerra de verdade só eclodiria em 1943.

A Alemanha deveria se tornar, para o establishment nazista, a grande potência europeia, sem que houvesse nisso uma relação com a derrota do Eixo na carnificina de 1914-1918. A Polônia foi invadida em setembro de 1939, o que estourou o conflito, e a seguir Hitler também invade Ucrânia e Rússia, com a Operação Barbarossa, cuja reviravolta, em 1944, marcou o início do recuo alemão, que acabaria em 1945 com o marechal russo Georgi Jukov conquistando do geograficamente Berlim.

Reuth argumenta que a guerra em solo soviético foi o grande campo experimental de Hitler, na qual ele arriscou tudo e tudo perdeu. Não obteve os campos de trigo ou as reservas de petróleo. E, sobretudo, ficou sem a capitulação de Leningrado. A metrópole de Catarina, a Grande, para onde ela mudou a capital russa no século 18, permaneceu cercada de novembro de 1941 a janeiro de 1944. Um milhão de civis russos morreram durante o cerco de 872 dias, levados pela fome e por doenças derivadas da desnutrição.

O livro, paradoxalmente, não reserva a Leningrado um capítulo em separado, conforme versões épicas da 2ª Guerra que discorrem sobre o heroísmo soviético e a ocorrência de canibalismo com cadáveres desenterrados para sobreviver com alguma proteína.

O autor tampouco produz capítulo exclusivo sobre 6 de junho de 1944, quando os aliados desembarcaram na Normandia e passaram a comer a ocupação alemã pelas bordas, até a libertação de Paris (agosto) e a marcha em direção à Alemanha. Bem antes disso, outra data capital foi 7 de dezembro de 1941, quando a Marinha Imperial Japonesa destruiu a frota norte-americana em Pearl Harbour.

Os EUA, enfim, entraram na guerra —Roosevelt trazia aos pés o peso do pacifismo construído por Woodrow Wilson, o que atrapalhou seus planos. Stálin e Churchill estavam agora na companhia do país que assumiria a liderança econômica, política e militar mundial. Simples assim.

A obra de Reuth é muito bem escrita. Desperta prazer, em que pese o assunto por vezes entre o amargo e o azedo.

Breve História da Segunda Guerra Mundial
Autor: Ralf Georg Reuth. Ed.: Todavia. Quanto: R$ 89,90 (livro físico), R$ 54,90 (e-book), 400 págs. Tradução Claudia Abeling

Carolina Barrero

Regime cubano acabou nos protestos, e oposição não está só em Miami

Para historiadora da arte e ativista exilada hoje em Madri, Lula e a esquerda latina serão julgados pela história por apoiar comunistas

ENTREVISTA

Igor Gielow

SÃO PAULO Os atos de 11 de julho de 2021 selaram o fim do apoio popular ao regime cubano, algo que a esquerda latino-americana não vê em seu aval à ditadura. Mas a oposição não se resume aos criticados exilados de Miami.

A afirmação, feita pela curadora de arte Carolina Barrero, 35, delineia parte das contradições que marcam a relação de países da região com a Revolução Cubana dos irmãos Fidel e Raúl Castro. Com efeito, políticos autoritários como o ex-presidente americano Donald Trump e o brasileiro Jair Bolsonaro são críticos vocais da ditadura caribenha.

Ela diz que líderes como Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o ex-presidente que lidera a corrida pelo Planalto, deveriam rever a posição favorável ao regime de Havana sob pena de serem julgados pela história.

Barrero estava no centro do movimento que levou aos megaprotestos contra a ineficiência estatal, problemas econômicos e falta de liberdades na ilha. Nas contas de ativistas, mais de 1.300 foram presos. Havana diz ter condenado 381 pessoas até aqui.

Historiadora que havia sido curadora da Bienal de Havana, ela integrou o 27N, movimento surgido em 27 de novembro de 2020 —quando 500 artistas fizeram o maior ato ocorrido em frente a um prédio do regime, o Ministério da Cultura, para protestar contra o fechamento da sede de um núcleo cultural.

No princípio de tudo está o primeiro ato do governo de Miguel Díaz-Canel, que substituiu os Castros no poder em 2018: um decreto tentando controlar toda atividade artística. Para a ativista, a ditadura está em um momento pior.

Barrero passou seis meses em prisão domiciliar pontuada por visitas a interrogatórios, e foi forçada a deixar a ilha no começo deste ano. Desde então, mora em Madri.

Rodou a Europa e, agora, está em um giro latino-americano para denunciar Díaz-Canel. No Brasil, está a convite da Fundação FHC, associada ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Com efeito, não se encontrou com ativistas de direitos humanos, usualmente ligados à esquerda simpática ao regime cubano. Ela falou à **Folha** na quarta (15), em um hotel paulistano.

*

A historiadora e ativista cubana Carolina Barrero durante entrevista Marlene Bergamo/Folhapress

Carolina Barrero, 35
Filha de pai cineasta e mãe empreendedora, ambos exilados de Cuba, estudou história da arte na Universidade de Havana. Tornou-se curadora de mostras. Militou em grupos com o Movimento San Isidro e o 27N, de artistas em busca de liberdades civis. Presa por seis meses em 2021, acabou deixando Cuba forçada pelo regime. Mora em Madri.

Na América Latina, Brasil em particular, a maioria dos ativistas de direitos humanos pode ser considerada de esquerda. No geral, esse campo apoia o regime cubano. Como a sra. vê isso? Direitos humanos não são nem de direita, nem de esquerda. É assunto que não deveria ser ideologizado. Lamentavelmente, há essa confusão de linguagem, responsabilidade também do regime castrista, na América Latina. Gostaria de falar com ativistas no Brasil, mas não tentei.

Líderes criticados por seu autoritarismo na região, como Donald Trump e Jair Bolsonaro, são críticos de Cuba. Não acaba sendo contraditório? Bom, é algo da política. Veja, o regime militar do [general Jorge] Videla na Argentina [de 1976 a 1981], que foi praticamente fascista, tinha relação com Cuba. O México não é uma ditadura, mas em certa medida é um narco-Estado mafioso com boa relação com Cuba.

Na América Latina, há a questão do sentimento anti-imperialista na esquerda, que vê o embargo a Cuba como uma luta entre Davi e Golias. Isso serve de cortina de fumaça.

Que acaba justificando o regime. Sim, a narrativa serve ao governo para desviar a atenção das questões dos direitos civis, constitucionais, humanos e econômicos. Não quero, claro, minimizar os efeitos indiretos nos cidadãos.

Mas as sanções são desenhadas para afetar a cúpula do país. É algo semelhante ao que Joe Biden fez com Vladimir Putin por causa da Ucrânia. Cuba apoia a guerra, devia ser responsabilizada.

No Brasil, Lula lidera a corrida presidencial e é um apoiador do regime cubano. O que a sra. espera dele? Eu diria a Lula o que diria ao [argentino] Alberto Fernández, a todos esses presidentes latino-americanos que são complacentes com o castrismo. Que se atrevam a viver na verdade. Que coloquem os valores da democracia acima dos interesses políticos e econômicos. É crucial no momento de crescimento do autoritarismo. A história os julgará se não fizerem isso.

Como a sra. compara a relação Cuba-EUA sob Obama, Trump e Biden? São diferentes momentos. Eu mesmo mudei minha ideia de como deveria ser a relação com os EUA. Não gostaria de que os EUA tivessem tanta importância nos assuntos internos. O primeiro fã dos EUA é o regime castrista, que usa o embargo para justificar sua ineficiência burocrática.

A situação mudou após a chegada de Díaz-Canel ao poder? Ele não carregava, afinal, o sobrenome Castro, que tinha sua mística. Certamente, mas eu não vou dar nenhuma legitimidade ao castrismo. Mas tudo mudou, a Cuba atual não é a Cuba dos 1990, dos 2000, da aparente abertura quando Raúl Castro assumiu. Até 2018, eu pensava que o embargo só servia de justificativa do regime.

Como parte do mito, sobretudo na esquerda internacional, isso não tem como se sustentar depois do 11 de julho. Por pouco não tivemos uma guerra civil. Mas hoje eu acho que as sanções são coerentes.

Quando a sra. começou a se interessar por política? Minha geração era contestadora desde sempre. Tive sorte, pois fui criada pelos meus avós paternos nos anos 1990 numa casa em que os pais tiveram de sair de Cuba atrás de melhores oportunidades. Meus avós eram críticos do regime. Muita gente que hoje está no 27N começou a conversar, a enfrentar a polícia, em parques de Havana. A abertura da internet, em 2013, mudou tudo.

Logo estávamos nos comunicando, usando o VPN (sistema que permite acessar sites estrangeiros). Hoje as redes sociais são a ágora onde discutimos. Antes de Díaz-Canel, havia repressão, mas não tão forte talvez porque não éramos vistos como uma ameaça.

Agora isso mudou. Sim. Quando Díaz-Canel assume, sua primeira decisão foi implementar o decreto 349, que legalizou a censura artística no país. A censura sempre existiu nas artes, mas nunca havia virado lei. Nos anos 1980, censuravam uma exposição, proibiam a pessoa de expor. Mas agora eles podem intervir e fechar o estúdio pessoal de um artista.

Como vínhamos dos anos Obama, quando tudo parecia que ia mudar [com a abertura do americano à ilha], a classe artística não aceitou. Acho que eles acreditavam que a comunidade iria se atemorizar, as pessoas iriam pensar individualmente nos riscos. Mas aconteceu o contrário.

Não havia outros segmentos da sociedade envolvidos? Tudo começa na arte, mas depois isso se ampliou. Veja o manifesto do 27N, que nasceu do único protesto grande já ocorrido em frente a um prédio público de Havana desde a revolução. O manifesto pedia liberdades políticas, porque não há liberdade artística sem elas. Isso acabou se convertendo num movimento cívico, que levou ao 11 de julho.

> “À diferença de Nicarágua e Venezuela, em Cuba não há partidos de oposição, apenas o Partido Comunista. Isso parece uma desvantagem, mas eu acredito que é uma vantagem. Porque o movimento de protestos foi uma autoconsciência de direitos, os partidos devem nascer daí

Como foi sua saída de Cuba? Fiquei presa em casa, de abril a novembro de 2021. Fugi duas vezes, conheci todos os calabouços de Havana. Em 31 de janeiro, durante o julgamento de ativistas, me deram a opção: ou eu saía do país ou iriam acusar também as mães dos jovens detidos. Fui embora, tenho nacionalidade espanhola e parei em Madri, as minhas acusações ainda estão abertas.

Quando a sra. acha que voltará? Quero voltar todos os dias, mas só quero voltar numa posição de força.

Como a sra. vê os próximos passos? A ditadura segue em pé. O mito da revolução caiu no 11 de julho, o regime não tem apoio popular. Por outro lado, o poder repressor é real. Mas acredito que são os estertores de um animal ferido.

É preciso de um grupo para suceder outro no poder. Há alternativa? Essa pergunta é fundamental, e acho que a resposta não é a esperada. À diferença de Nicarágua e Venezuela, em Cuba não há partidos de oposição, apenas o Comunista. Isso parece uma desvantagem, mas eu acredito que é uma vantagem.

Isso porque o movimento de protestos foi uma autoconsciência dos direitos civis. Os partidos devem nascer dessas necessidades. As associações estão amadurecendo para o processo de transição democrática. O autoritarismo cubano é elitista, classista, machista, racista, é quase fascista. Se foi socialista, esqueceu há muito tempo. Assim, não é um terreno baldio.

O que a sra. diz é que a oposição cubana não está só em Miami. E eles? Todos são cubanos. Tenham a ideologia que tenham, têm direito a pensar a nação. Se não for assim, vamos repetir os mesmos erros do castrismo, não seria democracia. Claro, o exílio inicial de Miami tinha uma ideologia muito conservadora, muitos hoje são próximos de Trump, e têm direito a fazê-lo. São vistos como a única oposição, e isso é algo que o regime incentivou. São parte importante, mas não são os líderes. Diria que ninguém lidera a oposição, por sorte. Acho melhor que não haja um “quem” nesse processo, que perpetua a lógica de um líder que substitui outro, assim podemos nos concentrar no “como”.

E haveria lugar para integrantes do poder hoje nessa transição? Claro, há lugar para todos. Cuba precisa se dirigir a uma reconciliação, aprender com casos similares. É preciso uma Comissão da Verdade imparcial. É preciso algo sem ódio, na medida. Nem justiçamento, nem impunidade.

A sra. vai entrar na política? Eu acredito que a casta política é parte do mal.

Toda Mídia
Excepcionalmente, a coluna não é publicada hoje

Conselho da Petrobras rejeita pedido do governo para segurar os preços

Colegiado diz que diretoria tem autonomia na decisão; diesel deve subir nos próximos dias

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO O conselho de administração da Petrobras rejeitou nesta quinta-feira (16) pedido do governo para segurar os preços dos combustíveis. Em reunião extraordinária, o colegiado reforçou que a decisão sobre preços é atribuição da diretoria da estatal.

A expectativa é que a empresa anuncie um reajuste no preço do diesel nos próximos dias e a reunião foi uma última cartada do governo para tentar evitar o aumento. O encontro foi marcado pelo presidente do conselho, Marcio Weber, e tinha como tema "aumento de preços".

A Petrobras não reajusta o preço da gasolina há 97 dias. O preço do diesel foi elevado pela última vez há 37 dias. Com o petróleo em alta e o real voltando a perder valor ante o dólar, a empresa vinha sinalizando que fará reajustes em breve

O presidente Jair Bolsonaro (PL), porém, vem pressionando a direção da companhia a segurar repasses enquanto põe em prática um pacote de medidas para tentar reduzir os preços, que inclui o estabelecimento de um teto para alíquotas do ICMS, aprovado pelo Congresso na quarta (15).

A pressão esbarra na resistência da direção da empresa, que defende que a manutenção de preços defasados cria risco de abastecimento de diesel no país, já que cerca de 25% do mercado é suprido por produto importado.

O conselho de administração reforçou que o estatuto da empresa dá à diretoria a competência por definir reajustes. A decisão é tomada por um comitê formado pelo presidente da companhia, José Mauro Coelho, e pelos diretores de Finanças e Comercialização e Logística, Rodrigo Araújo e Cláudio Mastella.

Segundo a Abicom (Associação dos Importadores de Combustíveis), o preço médio do diesel nas refinarias brasileiras estava R$ 1,08 abaixo da paridade de importação nesta quarta (15). A diferença no caso da gasolina era de R$ 0,67 por litro.

A **Folha** apurou que a reunião extraordinária do conselho foi convocada a pedido dos ministros Adolfo Sachsida (Minas e Energia) e Ciro Nogueira (Casa Civil), que têm participado da força-tarefa do governo para tentar convencer a estatal.

A avaliação é que reajustes nesse momento ofuscam os efeitos positivos das medidas em negociação no Congresso, que poderiam reduzir os impactos da escalada inflacionária sobre a popularidade do presidente Jair Bolsonaro (PL).

O teto para o ICMS, por exemplo, pode reduzir o preço médio da gasolina em R$ 0,657 por litro, segundo projeção do consultor Dietmar Schupp. O valor varia entre os estados, podendo ir de R$ 0,441 por litro, no Amapá, a R$ 1,153, no Rio de Janeiro, que tem a alíquota mais cara do país.

Há pouco impacto sobre o diesel, já que a maior parte dos estados já cobram alíquotas menores do que os 17% estabelecidos pela lei aprovada no Congresso. Na média, o preço do combustível cairá menos de R$ 0,01 por litro com a nova regra.

A conta de Schupp considera que as novas alíquotas sejam cobradas sobre os preços de referência usados hoje para calcular o imposto, que estão congelados desde o fim de 2021. Caso os preços sejam atualizados, pode haver até aumento no valor de venda dos combustíveis.

Em outra frente, o Congresso debate na próxima semana a chamada PEC (Proposta de emenda à Constituição) dos Combustíveis, que autoriza o governo a zerar impostos federais sobre a gasolina e compensar estados que se dispuserem a reduzir o ICMS sobre o diesel e o gás de cozinha.

Com as medidas, Bolsonaro espera uma redução total de R$ 2 por litro no preço da gasolina. O preço do diesel cairia R$ 1, segundo as contas do presidente.

A resistência da direção da Petrobras em alterar a política de preços levou à demissão, no fim de maio, do presidente da companhia, o general Silva e Luna. Coelho, porém, segue no cargo até que seu substituto, Caio Paes de Andrade, seja aprovado em assembleia de acionistas.

No encontro, ainda não agendado, Bolsonaro tentará renovar todo o conselho, indicando nomes mais alinhados ao governo.

Na lista de dez nomes apresentada à estatal, há seis ocupantes de cargos públicos, em estratégia diferente da adotada até agora, que indicava executivos do setor privado.

Movimento de consumidores em posto de combustível na marginal Pinheiros, em São Paulo Zanone Fraissat/Folhapress

Defasagem média em relação à paridade de importação

Quando a linha está acima de 0, a empresa está vendendo mais caro do que a paridade de importação. Quando está abaixo, o preço de venda pela estatal está mais barato, em R$ por litro

Fonte: Abicom

Peso de combustíveis na inflação ultrapassa a faixa dos 8%

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO Após sucessivos reajustes de preços, o peso dos combustíveis para veículos no índice oficial de inflação do Brasil rompeu a faixa dos 8% em maio, apontam dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

No mês passado, o item passou a responder por 8,13% do IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), o índice oficial de inflação do país. Em abril, o percentual era de 7,96%.

O aumento sinaliza que os combustíveis vêm impactando mais as despesas dos brasileiros nos últimos meses —problema que preocupa o presidente Jair Bolsonaro (PL), que tenta a reeleição neste ano.

Há dois anos, em maio de 2020, fase inicial da pandemia, o peso era consideravelmente mais baixo, de 5,41%. Em igual intervalo de 2021, a fatia estava em 6,84%.

No IPCA, o item dos combustíveis para veículos é formado por quatro subitens: gasolina, etanol, óleo diesel e gás veicular.

O maior peso individual, com folga, é o da gasolina, já que atinge diretamente o bolso dos motoristas.

Em maio deste ano, o subitem respondeu por 6,81% do IPCA. Há dois anos, em igual período de 2020, o percentual da gasolina era bem inferior, de 4,59%. A fatia estava em 5,82% no quinto mês do ano passado.

A gasolina também é o subitem com maior peso individual entre todos os 377 que compõem o IPCA.

O etanol, por sua vez, respondeu por 0,95% do IPCA em maio de 2022. Já a fatia do diesel foi de 0,29%, e a do gás veicular, de 0,08%.

O diesel costuma causar impactos indiretos sobre os consumidores finais de bens e serviços, porque é usado no transporte de mercadorias e passageiros.

Ou seja, quando sobe, acaba pressionando os custos dos fretes de produtos diversos, como os alimentos, e as passagens de ônibus.

O avanço dos combustíveis reflete a escalada do petróleo no mercado internacional, que ganhou força após o início da Guerra da Ucrânia, e a pressão cambial.

Os dois fatores são levados em consideração pela Petrobras na hora de definir os preços nas refinarias. Quando os valores avançam nas instalações da estatal, a tendência é de repasses ao longo da cadeia produtiva, até as bombas dos postos.

Com a proximidade das eleições, a escalada da inflação virou dor de cabeça para o presidente Jair Bolsonaro (PL).

A carestia de produtos como os combustíveis é vista por membros da campanha de Bolsonaro como principal obstáculo para reeleição.

Para fazer frente ao problema, o governo vem anunciando uma série de projetos e medidas —muitas delas pouco eficazes, na visão de especialistas.

Na quarta-feira (15), por exemplo, o Congresso concluiu a votação de projeto de lei que estabelece um teto para alíquotas do ICMS sobre os combustíveis.

Novos reajustes implementados pela Petrobras, no entanto, devem anular rapidamente o alívio nos preços resultante da medida.

Outra preocupação é o impacto das medidas sobre as contas públicas.

Nos cálculos do banco Santander, as medidas para reduzir os preços de combustíveis e energia elétrica devem ter um impacto de até R$ 35 bilhões neste ano para os cofres públicos, com uma redução na inflação do ano de 9,5% para 8,1%.

Esse é o cenário visto como mais provável pelo banco, que considera a implantação parcial das mudanças tributárias em discussão.

O banco prevê a implantação da redução do ICMS de combustíveis para 17% ou 18%, com impacto parcial nas bombas, e o uso de créditos tributários para redução da conta de energia elétrica.

Não está contemplado o impacto fiscal da aprovação da PEC dos Combustíveis. O banco considera improvável que os estados zerem o ICMS, conforme deseja o governo.

O banco diz também que as empresas provavelmente usarão a redução de impostos para fortalecer as margens. Por isso, avalia que o repasse aos consumidores será de apenas 70%.

Colaborou Eduardo Cucolo

Bolsonaro diz que reajuste neste momento seria para atingi-lo

Marianna Holanda e Renato Machado

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) disse nesta quinta (16) que, caso a Petrobras conceda um reajuste nos combustíveis neste momento, seria para atingir o seu governo.

A reunião do conselho da estatal nesta quinta, em que o pedido para segurar preços foi rejeitado, não foi citada pelo presidente na sua transmissão semanal nas redes sociais. Bolsonaro já anunciou a intenção de trocar inteiramente o colegiado.

"Espero que a Petrobras não queira aumentar diesel, aumentar gasolina nesses dias que estamos negociando aqui com o Parlamento", disse. "Só posso entender que seria um reajuste agora interesse político para atingir o governo federal", completou.

Diante dos valores dos combustíveis, em especial do diesel, abaixo das cotações internacionais, a Petrobras vem sinalizando que fará reajustes.

Para Bolsonaro, a empresa deveria ao menos esperar que as medidas propostas pelo governo sejam sancionadas antes de realizar um reajuste.

O presidente repetiu que um novo aumento no preço dos combustíveis seria "maldade com o povo". "Quanto mais o povo está sofrendo aqui, mais felizes estão os diretores e o atual presidente da Petrobras."

Para o chefe do Executivo, a empresa poderia ficar meses sem reajustar, mas há uma "sanha" em repassar os aumentos. "Há um interesse enorme dos minoritários, não consigo explicar, não vou cometer nenhuma injustiça aqui", disse.

"O presidente da Petrobras, os diretores, têm essa sanha de imediatamente reajustar o preço dos combustíveis. Para atender não sei o que, o interesse da empresa, de minoritários, de fundos de pensão estrangeiros que atuam lá dentro, dizer que nossa Petrobras está dando lucro e lá atrás dava prejuízo", completou.

Durante a semana, o governo tentou convencer a Petrobras a evitar reajustes neste momento, para que os benefícios cheguem ao bolso do consumidor antes que novos aumentos nas refinarias ofusquem os efeitos da redução de impostos.

A estatal também foi alvo de ataques do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL) e do ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira.

Lira usou suas redes sociais para comentar o resultado da reunião do conselho da Petrobras, na qual o colegiado reforçou que a decisão sobre preços é atribuição da diretoria da estatal.

"A República Federativa da Petrobras, um país independente e em declarado estado de guerra em relação ao Brasil e ao povo brasileiro, parece ter anunciado o bombardeio de um novo aumento nos combustíveis", escreveu o presidente da Câmara em post no Twitter.

"Enquanto tentamos aliviar o drama dos mais vulneráveis nessa crise mundial sem precedentes, a estatal brasileira que possui função social age como amiga dos lucros bilionários e inimiga do Brasil", completou.

Nogueira (Casa Civil) também usou suas redes sociais para reagir à decisão da petroleira. O ministro pediu um "basta" e afirmou que a Petrobras não pode seguir com tamanha "insensibilidade".

"Basta! Chegou a hora. A Petrobras não é de seus diretores. É do Brasil. E não pode, por isso, continuar com tanta insensibilidade, ignorar sua função social e abandonar os brasileiros na maior crise do último século", escreveu.

A Petrobras não quis comentar o assunto. Na semana passada, em resposta a notícias sobre a pressão para segurar preços, a empresa divulgou uma nota reforçando a defesa de sua política comercial, que prevê o acompanhamento das cotações internacionais.

"A prática de preços competitivos e em equilíbrio com o mercado é condição necessária para que o país continue sendo suprido sem riscos de desabastecimento pelos diversos agentes", afirma a companhia, que vem alertando o governo para riscos de falta de produtos no segundo semestre.

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Primeira classe

A concessionária do aeroporto de Guarulhos recebeu autorização do governo para assinar contrato para a construção de mais um terminal em Cumbica, a ser usado por clientes de alta renda. Chamado de Terminal VIP, o projeto prevê investimentos de US$ 80 milhões (R$ 409 milhões) em uma área de 5.000 metros quadrados e 4.000 de área construída, segundo Ronei Glanzmann, secretário de nacional de Aviação Civil. Não será só uma sala VIP. Será um terminal inteiro VIP.

PILOTO Glanzmann diz que se trata de um grupo árabe com sócios canadenses, operado pela Jetex, uma das maiores do setor. O foco é o passageiro que tem seu próprio avião ou viaja na primeira classe, em alguns casos na executiva. O terreno fica próximo aos hangares de manutenção da Latam e da American Airlines.

CINCO ESTRELAS O serviço busca o cliente em casa ou no hotel em um veículo de luxo e o leva até o terminal, onde tem, além de um espaço privativo separado das salas VIP convencionais, todo o sistema de imigração com Receita e Polícia Federal, ou seja, o passageiro não tem contato com o público da classe econômica em seu trajeto no aeroporto.

ASA O viajante é levado de carro até a porta da aeronave. A estrutura para atendê-lo no terminal, com sala de reunião e descanso, tem padrão de luxo acima da média. “Quando chega um grande empresário, ele tem condição de pagar, é inelástico a preço. E não tem um terminal desse na América Latina”, diz Glanzmann.

PISTA Segundo o secretário, Guarulhos disputou o investimento com a Cidade do México e só foi possível atraí-lo porque o contrato que envolve a cessão de espaço terá prazo superior à vigência da concessão. “Guarulhos só tem mais dez anos de concessão. Não dá viabilidade econômica para um projeto desses. Tem uma portaria que regulamenta contratos que extrapolam prazos. Esse é de 40 anos”, diz.

LUZ ACESA O consumo de energia teve nova alta de 1,2% em maio ante o mesmo mês em 2021, com demanda acima de 63 mil megawatts médios. É o quarto mês consecutivo de crescimento, segundo a CCEE (Câmara de Comercialização de Energia Elétrica).

TOMADA Cerca de 37% serviu à indústria e às grandes empresas, como shoppings e redes de varejo. A demanda do segmento subiu quase 6% em relação ao mesmo período do ano passado. Já nas pequenas e médias empresas, comércio e residências, o consumo caiu 1,3%. A CCEE atribui a variação à frente fria de maio.

AULA A diferença entre o valor das mensalidades ofertado pelos cursos de graduação presenciais e o preço efetivamente vendido nunca esteve tão grande, segundo levantamento do site Quero Bolsa, que acompanha a variação do mercado desde 2019. Em maio, as mensalidades médias anunciadas pelas instituições de ensino foram R$ 743, mas os estudantes conseguiam se matricular pagando R$ 478.

PROVA A demanda reprimida da pandemia elevou a disposição das faculdades para subir os preços. Porém, na prática, elas tiveram que aumentar os descontos, segundo Marcelo Lima, da Quero Educação, empresa dona do Quero Bolsa. Também pode ser resultado do esvaziamento dos beneficiários do Fies, o que obriga as universidades a dar desconto para atrair demanda, afirma Lima.

PROFESSOR Ainda de acordo com a pesquisa, desde o fim do ano passado, os preços ofertados estão acima da inflação. As vendas, por sua vez, ficaram abaixo do IPCA acumulado a partir de janeiro.

HORIZONTE A Câmara Brasileira da Economia Digital vai criar um comitê com foco em criptomoedas e blockchain. A ideia, segundo a entidade, é abrir espaço para as empresas associadas debaterem o futuro do mercado de criptomoedas brasileiro, acompanhando a pauta legislativa e regulatória.

BOLSO O brasileiro demonstra ter uma sensação de satisfação nas relações de consumo acima da média global, segundo levantamento da empresa Binds.co, que monitora experiência de clientes. Segundo a pesquisa, baseada na métrica NPS (Net Promoter Score), que avalia a porcentagem dos clientes promotores e detratores, a área de saúde teve melhor avaliação com 83 no indicador, acima da média de 75.

LIGAÇÃO A maior diferença apareceu no setor automotivo, que alcançou 79 de satisfação no Brasil ante 58 no mundo. A nota mais baixa no mercado brasileiro foi a do setor de telecomunicações (43).

com Paulo Ricardo Martins e Gilmara Santos

INDICADORES

JUROS

Mai., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

Competência maio

Autônomo e facultativo			
Valor mín.	R$ 1.212,00	20%	R$ 242,40
Valor máx.	R$ 7.087,22	20%	R$ 1.417,44

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria venceu em 15.jun

MEI (Microempreendedor)			
Valor mín.	R$ 1.212	5%	R$ 60,60

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.212,00	7,5%
De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35	9%
De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03	12%
De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 20.jun. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS

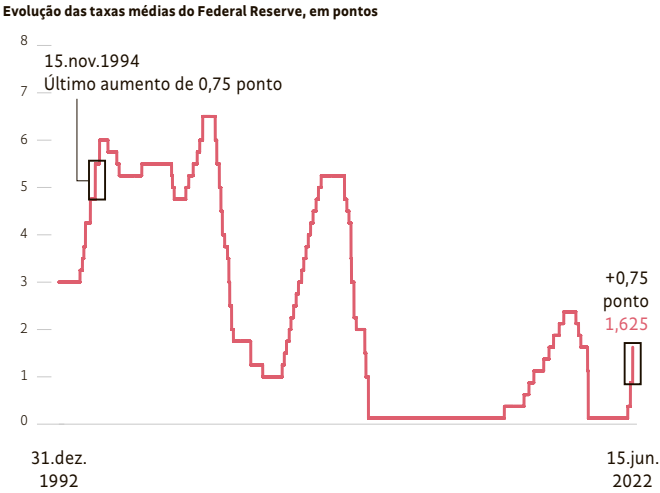
Considerando o piso na capital e Grande SP

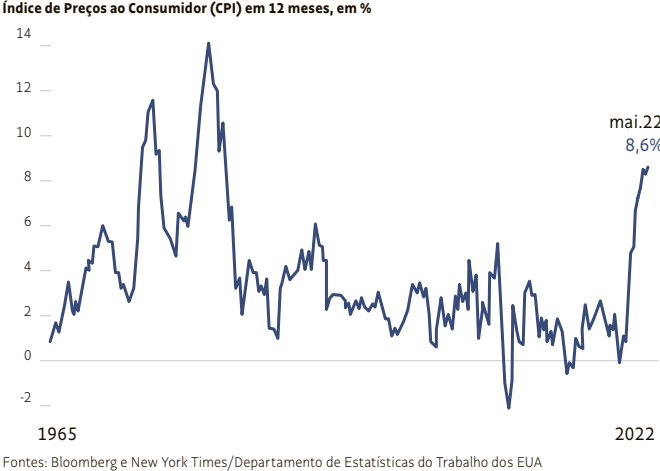
R$ 1.433,73	Valor, em R$
Empregado	110,85
Empregador	286,71

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico venceu em 7.jun. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Alta dos juros nos EUA

Fed promove a maior elevação dos juros em 28 anos...

Evolução das taxas médias do Federal Reserve, em pontos

...para tentar conter a maior inflação em mais de 40 anos

Índice de Preços ao Consumidor (CPI) em 12 meses, em %

Fontes: Bloomberg e New York Times/Departamento de Estatísticas do Trabalho dos EUA

Bolsas globais despencam na esteira da alta de juros dos EUA

Analistas e investidores temem que aperto maior que o previsto na taxa americana aja como freio brusco na maior economia mundial

Clayton Castelani

SÃO PAULO Os mercados de ações globais mergulharam em pessimismo nesta quinta-feira (16), um dia após o Fed (Federal Reserve, o banco central americano) ter confirmado um aumento de 0,75 ponto percentual da sua taxa de juros.

É a maior alta aplicada pela autoridade monetária dos Estados Unidos desde 1994, indicando uma postura mais agressiva no enfrentamento à maior inflação no país em quatro décadas.

Analistas de mercado voltaram a comentar nesta quinta que o aperto monetário mais agressivo representa uma ameaça de severo resfriamento da atividade econômica.

“Acho que existe a percepção de que realmente podemos estar caminhando para uma recessão”, disse Altaf Kassam, chefe de estratégia de investimento para Europa, Oriente Médio e África da State Street Global Advisors, em entrevista ao The Wall Street Journal.

O aperto monetário —que significa tornar o crédito mais caro para, assim, esfriar o consumo e desacelerar a inflação— nos Estados Unidos aumenta o rendimento dos títulos do Tesouro americano, considerado o investimento mais seguro do planeta.

Isso leva investidores a diminuírem suas aplicações em mercados mais arriscados, como as Bolsas de Valores. É um momento em que o mercado quer tirar proveito da renda fixa mais atrativa nos EUA.

Esse aumento do fluxo de dólares em direção aos títulos soberanos nos Estados Unidos torna a moeda mais escassa e cara, provocando uma reação em cadeia no mundo dos negócios.

Em países de economia emergente, como o Brasil, a alta do dólar eleva custos de importação e faz disparar a inflação.

Bancos centrais são forçados a elevar juros para convencer investidores de que o retorno oferecido por seus títulos soberanos compensa o risco que eles correm ao não levarem seus dólares para os EUA.

O principal problema desse movimento é a falta de liquidez no mercado, uma vez que investidores passam a ter a chance de obter ganhos confortáveis com juros altos pagos pela renda fixa em todo o mundo. O dinheiro que sai das Bolsas faz falta para as empresas, pois elas perdem capital com a queda das suas ações e deixam de crescer e gerar empregos.

Mas a crise atual é ainda mais difícil de se enfrentar porque o aperto ao crédito não é o único remédio capaz de frear a inflação. Ainda como consequência das paralisações de atividades provocadas pela pandemia de Covid, o mundo enfrenta a falta de bens e insumos.

A alta de preços, portanto, precisaria também ser combatida com o aumento da oferta. Mas há ao menos dois grandes impedimentos para a normalização da comercialização global de mercadorias.

Em primeiro lugar, a China, que concentra boa parte da produção de bens industrializados do mundo, mantém severas restrições ao funcionamento de empresas para tentar conter as infecções pelo coronavírus.

Além disso, a guerra na Ucrânia reduziu a oferta de petróleo e fez o preço da matéria-prima disparar, uma vez que a produção russa foi banida dos Estados Unidos e de parte da Europa. Também devido ao conflito, a produção de grãos da Ucrânia enfrenta obstáculos para ser escoada, colaborando com o aumento global dos preços dos alimentos.

O movimento das Bolsas de Valores mundiais nesta quinta contrariou a reação positiva do mercado imediatamente após a divulgação da taxa do Fed na véspera, desfazendo a impressão inicial de que os investidores já teriam absorvido o impacto do aumento dos juros.

Apesar de aguardada desde a última sexta, quando dados do governo americano mostraram uma aceleração surpreendente da inflação em maio, participantes do mercado passaram a pesar nesta quinta os impactos que uma alta extremamente agressiva dos juros nos Estados Unidos provocará na economia mundial.

Na Bolsa de Nova York, o indicador de referência S&P 500 afundou 3,25%. A queda acumulada neste ano já chega perto de 23%.

O Dow Jones, que acompanha os papéis de três dezenas de grandes companhias do país, tombou 2,42%. A perda em 2022 chegou a 18%.

O indicador da Nasdaq desabou 4,08% nesta sessão e 32% no ano. Esse índice é um importante termômetro para avaliar o temor da alta dos juros, pois é composto por empresas de médio porte do setor de tecnologia que dependem do crédito barato e farto para crescer.

As ações europeias caíram para seus níveis mais baixos em 16 meses, considerando o recuo de 2,47% do índice Stoxx 600. Além da alta do Fed, a pressão negativa na Europa ganhou força depois que Reino Unido e Suíça também apertaram suas políticas monetárias.

As Bolsas de Londres, Paris e Frankfurt fecharam com quedas de 3,14%, 2,39% e 3,31%, respectivamente.

Na Ásia, o mercado de Hong Kong caiu 2,17%. O índice que acompanha empresas chinesas de Xangai e Shenzhen recuou 0,66%.

No Brasil, os mercados de ações e de câmbio não funcionam devido às celebrações de Corpus Christi. Na véspera, o Ibovespa fechou em alta de 0,73%, a 102.806 pontos, interrompendo uma sequência de oito quedas diárias consecutivas.

O aumento aplicado nesta quinta pelo Fed elevou a taxa de referência para o empréstimo diário entre bancos (parâmetro para o setor de crédito em geral) para um intervalo entre 1,5% e 1,75% ao ano. O ciclo de aumentos, porém, está longe do fim.

Projeções divulgadas pelos jornais The Wall Street Journal e Financial Times apontam para uma taxa perto de 3,4% ao final deste ano, ou um adicional de aproximadamente 1,75 ponto percentual nas próximas quatro reuniões das autoridades que compõem o Fomc, o conselho monetário do Fed.

Após a divulgação da decisão, o presidente do Fed, Jerome Powell, disse esperar que altas dessa magnitude não se tornem comuns, mas também comentou que considera provável um novo aumento entre 0,50 e 0,75 ponto na próxima reunião do órgão.

Powell reforçou que os próximos passos serão ditados pelas pressões inflacionárias, destacando em seu comentário os problemas na cadeia global de abastecimento decorrentes da Covid na China e da Guerra da Ucrânia.

+ MERGULHO GLOBAL

Estados Unidos
S&P 500 -3,25%
Dow Jones -2,42%
Nasdaq -4,08%

Europa
Londres (FTSE 100) -3,14%
Paris (CAC 40) -2,39%
Frankfurt (DAX) -3,31%

Ásia
Tóquio (Nikkei) +0,40%
Hong Kong (Hang Seng) -2,17%
Xangai/Shenzhen (CSI 300) -0,66

Bolsonaro joga videogame em vídeo publicado por seu filho, Flavio, junto com anúncio de corte do IPI do produto Reprodução

Bolsonaro anuncia 4º corte de imposto sobre videogame

Ministério da Economia não apresentou estimativa de perda de arrecadação

Nathalia Garcia

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) anunciou nesta quinta-feira (16), pelas redes sociais, uma redução na cobrança do imposto de importação sobre videogames e acessórios. A mudança de tarifa será válida a partir de 1º de julho.

Com a medida, de acordo com o chefe do Executivo, a redução será de 16% para 12% nas alíquotas incidentes sobre as importações de partes e acessórios dos consoles e das máquinas de jogos de vídeo.

Já a cobrança do imposto sobre videogames com tela incorporada, portáteis ou não, e suas partes, será zerada. A alíquota que incidia no preço final do produto era de 16%.

O Ministério da Economia ainda não apresentou estimativa de perda de arrecadação com a medida e comunicou que irá se manifestar "quando estiverem encerrados os trâmites formais relacionados à reunião do Comitê-Executivo de Gestão da Camex (Câmara de Comércio Exterior)".

A redução do imposto passa a valer no momento da publicação da medida no DOU (Diário Oficial da União) e não exige aprovação do Legislativo.

Essa é a quarta vez que Bolsonaro anuncia algum tipo de desoneração tributária para videogames, o último corte havia sido anunciado em agosto de 2021 sobre IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados). Na época, o presidente vinha perdendo apoio dentro da comunidade de gamer, sobretudo entre seus influenciadores

Segundo colocado nas pesquisas de intenção de voto a menos de quatro meses das eleições, Bolsonaro vem promovendo uma série de cortes em impostos e tarifas.

Nas redes sociais, o presidente afirmou que o governo vem reduzindo ou zerando impostos de produtos desde 2019. Como exemplos, mencionou remédios e insumos para combate à Aids, ao câncer e à Covid-19, alimentos que compõem a cesta básica, combustíveis e outros itens.

Em 23 de maio, a Camex aprovou uma redução de 10% nas alíquotas do imposto de importação sobre a maior parte dos produtos comprados no exterior. Feijão, carne, arroz e materiais de construção estavam entre os itens.

A Câmara de Comércio Exterior já havia anunciado, em 11 de maio, redução nas tarifas de importação de dois tipos de vergalhões de aço e havia zerado as alíquotas de sete alimentos: carnes desossadas de bovinos, pedaços de frango, farinha de trigo, trigo, milho em grãos, bolachas e biscoitos e outros produtos de padaria e pastelaria.

Em abril, o presidente editou um decreto para ampliar o corte nas alíquotas do IPI de 25% para 35%, sob a justificativa de estimular a economia e reduzir preços aos consumidores.

Produtos como geladeiras e máquinas de lavar foram beneficiados pela medida, enquanto artigos como celulares, aparelhos de TV, ar condicionado, micro-ondas e motocicletas não entraram na lista da redução adicional.

A medida, porém, foi judicializada e parte de sua eficácia, suspensa. Em 6 de maio, o ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), suspendeu trecho de decreto do presidente. A decisão valia apenas para bens produzidos na Zona Franca de Manaus.

Produtos que tiveram o IPI reduzido

Partes e acessórios dos consoles e dos videogames
De 16% para 12% a partir de 1º.jul.22

Videogames com tela incorporada, portáteis ou não, e suas partes
De 16% para 0% a partir de 1º.jul.22

Arroz
De 9% para 8% entre 1º.jun.22 e 31.dez.23

Feijão em grãos
De 12,6% para 11,2% entre 1º.jun.22 e 31.dez.23

Carne bovina
De 9% para 8% entre 1º.jun.22 e 31.dez.23

Massas
De 14,4% para 12,8% entre 1º.jun.22 e 31.dez.23

Blocos e tijolos para construção
De 7,2% para 6,4% entre 1º.jun.22 e 31.dez.23

Carnes desossadas de bovino
De 10,8% para 0% entre 12.mai.22 e 31.dez.22

Pedaços de frango
De 9% para 0% entre 12.mai.22 e 31.dez.22

Farinha de trigo
De 10,8% para 0 entre 12.mai.22 e 31.dez.22

Trigo
De 9% a 0% entre 12.mai.22 e 31.dez.22

Dois tipos de vergalhão de aço (CA50 e CA60)
De 10,8% para 4% entre 12.mai.22 e 31.dez.22

Vinicius Torres Freire
Hoje, excepcionalmente, o colunista não escreve.

Prateleira com tinturas para cabelo da Revlon em supermercado da rede Walmart em Houston (EUA) Brandon Bell/Getty Images/AFP

Com dívida de US$ 3,3 bilhões, Revlon entra com pedido de recuperação judicial nos EUA

Daniele Madureira

SÃO PAULO A multinacional americana de cosméticos Revlon informou nesta quinta-feira (16) que entrou com pedido de recuperação judicial nos Estados Unidos. A empresa apresentou petição voluntária de reorganização sob o Capítulo 11 do Tribunal de Falências dos Estados Unidos para o Distrito Sul de Nova York —mesmo recurso usado pela companhia aérea Latam em maio de 2020.

O chamado "Chapter 11" (capítulo 11) é uma tentativa de recuperar a empresa por meio da renegociação de suas dívidas, envolvendo inclusive mudanças nas datas de pagamentos e valores. É o último recurso para que a empresa não vá à falência, e permite que a companhia continue operando normalmente.

"O arquivamento do Capítulo 11 permitirá que a Revlon reorganize estrategicamente sua estrutura de capital herdada e melhore sua perspectiva de longo prazo, especialmente em meio a restrições de liquidez causadas por desafios globais contínuos, incluindo interrupção da cadeia de suprimentos e aumento da inflação, bem como obrigações com seus credores", informou a empresa em comunicado.

Segundo a fabricante de cosméticos fundada em 1932, ano em que lançou o seu primeiro esmalte, a empresa espera que, após receber o aval da Justiça para prosseguir com a recuperação, seja contemplada com um financiamento de US$ 575 milhões (R$ 2,94 bilhões) feito por um grupo de credores. A companhia tem dívidas de US$ 3,3 bilhões (R$ 16,8 bilhões).

"O arquivamento de hoje permitirá que a Revlon ofereça aos nossos consumidores os produtos icônicos que entregamos há décadas, ao mesmo tempo em que fornece um caminho mais claro para nosso crescimento futuro", disse Debra Perelman, CEO da Revlon, em comunicado.

"A demanda do consumidor por nossos produtos continua forte —as pessoas adoram nossas marcas e continuamos a ter uma posição de mercado saudável. Mas nossa estrutura de capital desafiadora limitou nossa capacidade de lidar com questões macroeconômicas para atender a essa demanda", afirmou.

A operação tem a PJT Partners como consultora financeira e a Alvarez & Marsal como consultora de reestruturação. A consultoria jurídica fica a cargo de Paul, Weiss, Rifkind, Wharton & Garrison LLPestá.

Em 2021, a companhia registrou receita líquida de US$ 2,078 bilhões (R$ 10,6 bilhões), alta de 9,2% sobre 2020. No período, o prejuízo foi reduzido em dois terços, para US$ 206,9 milhões (R$ 1,05 bilhão). No primeiro trimestre deste ano, a receita líquida cresceu 7,8% na comparação anual, para US$ 479,6 milhões (R$ 2,45 bilhões), enquanto o prejuízo somou US$ 67 milhões (R$ 342,5 milhões), recuo de 30% ante o mesmo período de 2021.

Depois do baque de 2020 provocado pela pandemia, o mercado mundial de maquiagem vem apresentando crescimento em todas as categorias, segundo a consultoria Euromonitor —com destaque para o consumo de perfumes, que até superou o período pré-pandemia.

Mas, no Brasil, a recuperação ainda se mostra lenta, por conta do cenário macroeconômico. Com exceção para os perfumes, cuja venda não caiu nem com o isolamento social.

No mundo, o setor deve registrar vendas de US$ 116,8 bilhões (R$ 597 bilhões) este ano (alta de 5% sobre 2021) e, no Brasil, faturamento de R$ 36,7 bilhões (ligeira alta de 1,9%), segundo a Euromonitor. Os dados levam em conta os segmentos de maquiagem para os olhos, maquiagem para o rosto, batons e perfumes.

Criada pelos irmãos Charles Revson e Joseph Revson após o início da Grande Depressão nos Estados Unidos, a Revlon ganhou este nome graças à letra "L" do sobrenome do químico Charles Lachman, que também se associou ao negócio. A empresa é dona da marca Elizabeth Arden, adquirida em 2016.

O seu primeiro produto foi o esmalte, seguido pelos batons, em 1939. Hoje a empresa atua nos segmentos de tintura para cabelos, maquiagem, cosméticos e perfumes. A marca está presente em cerca de 150 países e já teve grandes nomes do cinema como embaixadoras, como Halle Berry, Emma Stone e Gal Gadot.

Em 1985, foi vendida para a holding MacAndrews & Forbes, do investidor americano Ronald Perelman, atual controladora da companhia. A empresa abriu o capital em 1996.

McDonald's fecha, mas Big Mac ainda é servido na Rússia

NOVA YORK | REUTERS O sanduíche Big Mac continua sendo vendido em alguns dos locais onde funcionavam franquias do McDonald's na Rússia.

A rede vendeu a maior parte de seus 850 restaurantes na Rússia para um de seus licenciados locais em maio. Alguns deles reabriram no domingo sob o novo nome Vkusno & tochka, ou "Delicioso e é isso", oferecendo um novo menu, sem o Big Mac.

Mas outros franqueados mantiveram seus estabelecimentos abertos, vendendo refeições da rede em restaurantes com a marca McDonald's praticamente visíveis. Nas estações de trem em Moscou e em São Petersburgo, o logo foi coberto com um pano branco e o Big Mac estava disponível, embora tenha sido rebatizado como Bolshoi Burger ou Big Burger.

A presença persistente das lanchonetes destaca os desafios que as companhias ocidentais enfrentarão para atender a sanções tomadas por causa da Guerra da Ucrânia.

O que ocorreu na economia brasileira?

Em resposta a coluna de domingo (12) de Samuel Pessôa, economistas dizem que trava nos lucros causou crise

RÉPLICA

Adalmir Marquetti e José Luis Oreiro

Professor da PUCRS e professor de economia da Face/UnB e coordenador do Structuralist Development Macroeconomics Group

Em sua coluna dominical, Samuel Pessôa apresenta interpretações para as crises de 2008 e de 2020, bem como para a crise de 2014-2016. Enquanto as duas primeiras teriam causas exógenas, a última teria causas endógenas à economia brasileira.

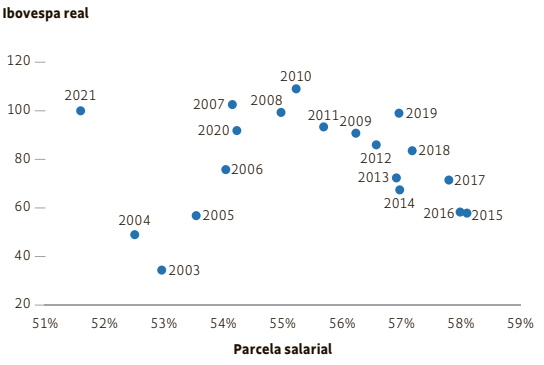
Nas crises exógenas, a tendência do PIB (Produto Interno Bruto) recuperou a trajetória anterior, enquanto na crise endógena houve queda permanente da taxa de crescimento. O autor apresenta "duas interpretações" para a crise de 2014-2016, uma heterodoxa e outra neoclássica.

A nossa interpretação heterodoxa difere da apresentada por Samuel. Em primeiro lugar, deve-se observar que a crise de 2014-2016 se vincula com a crise de 2008. As mudanças ocorridas na economia mundial interromperam o regime de crescimento liderado pelo aumento da participação dos salários na renda e estabilidade ou aumento da taxa de lucro. Como se observa no gráfico, entre 2003 e 2007 houve aumento da parcela salarial e do Ibovespa deflacionado pelo IPCA.

O primeiro governo Dilma Rousseff respondeu à mudança no quadro internacional com uma política de estímulo ao investimento privado com isenção fiscal e redução da taxa de juros. Houve uma queda da taxa de desemprego que aumentou a capacidade dos trabalhadores obterem ganhos salariais acima da produtividade do trabalho. Isso resultou na queda da taxa de lucro ao mesmo tempo em que reduziu a competitividade-preço da indústria, acentuando o processo de desindustrialização prematura, o que diminuiu o crescimento potencial da economia.

A equipe econômica do governo não percebeu o efeito do esmagamento de lucros sobre o investimento privado. Ela também subavaliou o impacto da desindustrialização sobre o crescimento potencial. A resultante foi uma desaceleração do crescimento entre 2011 e 2013, seguida de uma "parada súbita" do investimento a partir do segundo trimestre de 2014, para a qual a operação Lava Jato teve uma contribuição não desprezível.

O desequilíbrio fiscal subsequente foi a consequência, e não a causa, da desaceleração do crescimento. No gráfico observa-se que entre 2009 e 2015, a parcela dos salários na renda aumenta enquanto o Ibovespa real se reduz.

A relação entre a parcela salarial e o Ibovespa real (2021=100)

A origem da crise de 2014-2016 está no esmagamento dos lucros, que levou ao colapso do investimento. A mudança da política econômica em 2015, a qual aprofundou a recessão iniciada em 2014, teve como objetivo reduzir o poder de barganha dos trabalhadores por intermédio do aumento do desemprego resultante da adoção de uma política de "austeridade fiscal" combinada com elevação da taxa de juros.

Nos governos Temer e Bolsonaro as políticas contracionistas foram combinadas com "reformas estruturais", como a "reforma trabalhista", cujo objetivo era reduzir o custo do trabalho e assim promover um aumento da taxa de lucro. Embora esta tenha de fato aumentado, levando a um aumento real do Ibovespa, a manutenção das políticas de austeridade limitou o crescimento da produção industrial, aprofundando o processo de desindustrialização, atuando no sentido de reduzir a produtividade do trabalho na economia brasileira.

A estagnação econômica a partir de 2017 decorre de uma política econômica míope que busca recuperar a taxa de lucro através da sobre-exploração da força de trabalho, em vez de promover uma mudança estrutural na direção dos setores onde a produtividade do trabalho é mais elevada, ou seja, a indústria e os serviços ligados à indústria.

Cerimônia de recebimento do KC-390 pela Força Aérea Brasileira Pedro Ladeira - 9.set.2019/Folhapress

Embraer vende 5 cargueiros à Holanda e amplia presença no mercado da Otan

Igor Gielow

SÃO PAULO O KC-390, da brasileira Embraer, derrotou o norte-americano Lockheed Martin C-130J Super Hércules na disputa para ser o novo avião de transporte da Força Aérea da Holanda. Serão cinco aeronaves, a serem entregues a partir de 2026.

É o terceiro contrato de exportação do modelo, todos eles no estratégico mercado europeu da Otan (aliança militar liderada pelos Estados Unidos). Antes, Portugal havia adquirido cinco unidades e a Hungria, outras duas.

Segundo o secretário de Defesa holandês, Christophe van der Maat, a ideia inicial era a de comprar quatro aviões, mas os desafios da evacuação do Afeganistão e a situação de segurança na Europa com a Guerra da Ucrânia mudaram o cenário.

Diversos países do continente têm refeito suas contas militares desde que Vladimir Putin invadiu o vizinho, em 24 de fevereiro. Este é o primeiro negócio que a Embraer fecha sob essa nova realidade, que até aqui vinha favorecendo basicamente fabricantes norte-americanos —a mesma Lockheed fabrica o F-35, caça que ganhou contratos.

Não há valores divulgados, mas Van der Maat disse ao Parlamento holandês nesta quinta que a previsão com a ampliação das horas de voo estimadas é de algo entre € 1 bilhão (R$ 5,3 bilhões) e € 2,5 bilhões (R$ 13,36 bilhões).

É um volume bastante polpudo, mas que inclui gastos futuros de manutenção. No negócio húngaro, de menor escala, o pacote com dois aviões e apoio tecnológico saiu por US$ 300 milhões (R$ 1,5 bilhão no câmbio atual).

"Reconhecendo que ainda há muito trabalho a ser feito nos próximos meses, estamos comprometidos com o sucesso desta nova fase de cooperação", disse a fabricante brasileira em nota.

A vitória também é estratégica por ter sido sobre a mais recente versão do Hércules, o mais venerando avião de transporte militar do mundo, que voa desde os anos 1950.

O modelo J está tentando ganhar concorrências para substituir os 137 aviões de versões anteriores operados pelos países europeus da Otan.

Além disso, os contratos no exterior dão um ânimo extra ao programa do KC-390, que em sua versão tem capacidade de reabastecer outros aviões é chamado de C-390.

Ele vivia turbulência em seu contrato de origem com a FAB (Força Aérea Brasileira).

O negócio de R$ 7,2 bilhões (R$ 12 bilhões corrigidos), fechado em 2014, previa a entrega de 28 aviões até 2027. A FAB refez sua programação operacional e financeira, reduzindo a compra pelo mesmo valor para 22 unidades até 2034, mas seu comandante, Carlos de Almeida Baptista Junior, afirmou recentemente que o número final deverá ser de 15 aeronaves.

A relação de mais de 50 anos entre Força e Embraer, que foi criada pelos militares e privatizada em 1994 para grande sucesso comercial no mercado, ficou abalada.

Em entrevista à **Folha**, Baptista Junior enfatizou que a empresa agora deve tratar a FAB "como uma cliente". Do outro lado, pessoas ligadas à Embraer se queixam do que veem como paternalismo dos fardados no relacionamento.

Até aqui, cinco KC-390 já foram entregues à FAB, que anunciou prioridade para os caças suecos Gripen, aumentando a encomenda inicial de 36 para 40 unidades e negociando mais 26 aviões em um segundo lote. O modelo será feito em conjunto com a própria Embraer no Brasil.

Lucros do FGTS devem ser distribuídos até 31 de agosto

são paulo Os trabalhadores com contas ativas e inativas no FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) vão receber, até o dia 31 de agosto, a distribuição dos lucros obtidos pelo fundo em 2021. Os ganhos do ano passado, que devem ficar na casa dos bilhões, serão divulgados até o final de julho pela Caixa.

O total a ser distribuído, porém, ainda precisa ser confirmado pelo Conselho Curador do FGTS. O órgão, composto por representantes de governo, trabalhadores e empresas, é que define o percentual de lucro a ser depositado.

Em 2021, a Caixa distribuiu aos trabalhadores 96% do lucro líquido de 2020, somando R$ 8,1 bilhões repassados. Para cada R$ 100 na conta do FGTS no final de 2020, foram creditados R$ 1,86.

José Abelha Neto, dirigente da CUT (Central Única dos Trabalhadores) que faz parte do Conselho Curador do FGTS, afirma que ainda não é possível saber o valor a ser distribuído, mas acredita que o impacto será menor neste ano, por causa da inflação, na casa dos 10% no acumulado desde janeiro.

Em nota, o Ministério do Trabalho afirma que, desde que os lucros passaram a ser distribuídos, em 2017, "a remuneração das contas vinculadas superou o IPCA". Esse deve ser o primeiro ano que o valor ficará abaixo.

Todas as contas vinculadas ao FGTS, sejam ativas ou inativas, têm direito a receber o lucro do ano anterior. O pagamento é feito até o dia 31 de agosto de cada ano, para quem tinha saldo em 31/12 do ano-base.

---

bradesco

LEILÃO SOMENTE ONLINE 40 IMÓVEIS
FECHAMENTO: 29/06/2022 a partir das 20h00

Imóveis localizados: AM GO MG MT PA PE PR RJ RS SP TO

À VISTA COM 10% DE DESCONTO • PARCELAMENTO EM 12 MENSAIS IGUAIS OU EM ATÉ 48 PARCELAS*

LOTE 25 - TABOÃO DA SERRA/SP - CASA
Rua Edgar Alves Figueiredo, 298 (Lt. 161 da qd. 04)
JARDIM TRIANON
Área Terreno: 357,00m²
Área Construída estimada: 356,25m²
LANCE MÍNIMO: R$ 387.000,00

Lances "on-line", *condições de venda e pagamento de cada lote e fotos consulte site do leiloeiro.
Mais informações: www.banco.bradesco/leiloes
(11) 3117.1001 | imoveis@freitasleiloeiro.com.br
Sergio Villa Nova de Freitas - Leiloeiro Oficial - JUCESP 316
www.freitasleiloeiro.com.br

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE FIAÇÃO E TECELAGEM EM GERAL, DE MALHARIAS E MEIAS, ESPECIALIDADES TÊXTEIS, CORDOALHA E ESTOPA DE TINTURARIA, ESTAMPARIA E BENEFICIAMENTOS DE LINHAS, DE TECIDOS, DE NÃO TECIDOS, E DE FIBRAS ARTIFICIAIS, NATURAIS E SINTÉTICAS DE ATIBAIA, BOM JESUS DOS PERDÕES, E MAIRIPORÃ - Edital de Convocação - Assembleia Geral Ordinária - Pelo presente Edital ficam convocados todos os associados deste Sindicato, quites e em pleno gozo dos seus direitos sindicais, para a AGO a realizar-se no dia 23/06/2022 às 18:00 horas em 1ª convocação ou meia após em 2ª convocação com qualquer número de convocados presentes, na Rua Adolfo André 531, Atibaia/SP, para deliberarem sobre a seguinte **ordem o dia: a)** Leitura, discussão e votação da Ata da Assembleia anterior; **b)** Leitura, discussão e votação do Balanço e relatório da diretoria, referente ao ano de 2021, com o parecer do Conselho Fiscal. Atibaia/SP, 17/06/2022. **Jaty Aparecida Fernandes de Farias** - Presidente.

SINTERCAMP - SINDICATO DOS TRABALHADORES EM REFEIÇÕES DE CAMPINAS E REGIÃO - ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA - EDITAL DE CONVOCAÇÃO - O Presidente do SINTERCAMP - Sindicato dos Trabalhadores em Refeições de Campinas e Região, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, **convoca** todos os Trabalhadores representados por este Sindicato em sua Base Territorial, bem como todos seus Diretores membros da Diretoria Efetiva e Suplentes e Membros Diretores do Conselho Fiscal e Suplentes, à fim de participarem da Assembleia Geral Ordinária a ser realizada na sede deste Sindicato, à Rua Alvares Machado, n. 361, 2°. andar, Centro, Campinas/SP, às 14:30 hs. do dia **27 de Junho de 2.022**, em primeira convocação com 2/3 (dois terços) dos Associados, devidamente em dia com suas obrigações estatutárias então, aptos a votar e às 15:30 hrs.,do mesmo dia, em segunda e última convocação, com qualquer número de trabalhadores presentes, para deliberar a seguinte ordem do dia: **única - aprovação da Prestação de Contas**, referente ao **exercício do ano de 2.021**, com o parecer do **Conselho Fiscal**. Campinas, 17/06/2022. **Paulo Eduardo Ritz** - Presidente.

LEILÃO DE IMÓVEL
SOMENTE ONLINE
DIA: 27 de Junho de 2022 às 15:30 horas
Apartamento na Vila Sofia em São Paulo/SP

Confira e Aproveite! FORMAS DE PAGAMENTO: **À VISTA**
OU PARCELADO EM ATÉ 03 VEZES SEM JUROS conforme edital.
Mais informações: (11) 4083-2575 ou **www.biasileiloes.com.br**
Leiloeiro Oficial Eduardo Consentino – JUCESP nº 616 (João Victor Barroca Galeazzi – Preposto em exercício)

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DA CONSTRUÇÃO E DO MOBILIÁRIO DO ESTADO DE SÃO PAULO - FETICOM-SP. ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA - EDITAL DE CONVOCAÇÃO - A Federação dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário do Estado de São Paulo - Feticom-SP, por seu Presidente, Sr. Ademar Rangel da Silva, convoca todos os Delegados, que compõem o Conselho de Representantes desta Entidade, para participarem da Assembleia Geral Ordinária a se realizar no dia 28 de junho de 2022, as 10:00 horas, na Rua Laurentina de Sampaio Sar, 305, Jd. São Paulo, Chácara Antonieta, Limeira-SP, Cep 13484-501, em primeira convocação, para discutir e deliberar sobre a ordem do dia: 01. Leitura, discussão e aprovação da ata anterior; 02. Leitura, discussão e aprovação do Balanço Patrimonial e Financeiro do ano de 2021, com parecer do Conselho Fiscal; 03. Apresentação e aprovação do relatório das atividades realizadas pela Feticom em 2021. Não havendo quorum, a assembleia realizar-se-á uma hora após, em segunda convocação, no mesmo dia e local, na forma dos Estatutos Sociais, com os Delegados presentes. Participarão da Assembleia os Delegados dos Sindicatos Filiados, que compõem o Conselho de Representantes da Feticom-SP, quites com a contribuição associativa aprovada pelo Conselho de Representantes no dia 14 de abril de 2015. São Paulo, 17 de junho de 2022. **Ademar Rangel da Silva** - Presidente - CPF: 039.053.918-05. Fed.Trab.Ind.Constr.Mobiliário do Estado de São Paulo-FETICOM-SP.

PECINI LEILÕES

EDITAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO PÚBLICOS LEILÕES EXTRAJUDICIAIS E COMUNICAÇÃO DAS DATAS DOS LEILÕES ONLINE

DATA: 1º Público Leilão: 27/06/2022, às 10h30 | 2º Público Leilão: 29/06/2022, às 10h30

ANGELA PECINI SILVEIRA, Leiloeira Oficial, JUCESP nº 715, autorizada pela Credora Fiduciária **JJO CONSTRUTORA E INCORPORADORA LTDA.**, CNPJ/RFB nº 02.680.280/0001-51, venderá em 1º ou 2º Público Leilão Extrajudicial, nos termos dos arts. 26 e 27 da Lei Federal nº 9.514/97, e posteriores alterações, o **IMÓVEL: APARTAMENTO Nº 402, TIPO "1", 4º PAVIMENTO DO BLOCO Nº 01, integrante do CONDOMÍNIO RESIDENCIAL THE GATE**, situado na Rua Dona Tecla, nº 602, Guarulhos/SP, contendo as seguintes áreas: privativa total de 81,5000m²; comum de divisão não proporcional de 53,6190m²; comum de divisão proporcional de 27,6726m², composta de 16,8097m² de área padrão de construção do condomínio e 10,8629m² de área descoberta; total de 162,7916m²; coeficiente de proporcionalidade de 0,3167%, com direito ao uso de 01 depósito e 02 vagas indeterminadas, localizadas na garagem coletiva do condomínio. Matrícula Imobiliária nº 161.594 do 2º CRI de Guarulhos/SP. Inscrição Cadastral nº 083.64.34.0536.00.000 (área maior). **Valores**: **1º Leilão: R$ 853.491,17**. **2º Leilão: R$ 802.767,59**. **Encargos do Arrematante**: **i)** Pagamento à vista do valor do arremate e 5% de comissão da leiloeira; **ii)** Custas cartoriais, impostos e taxas de transmissão para lavratura e registro da escritura; **iii)** Quitação dos débitos de IPTU vencidos e todas as despesas que vencerem a partir da data da arrematação; **iv)** Verificação do imóvel, de sua situação jurídica e eventuais ações judiciais em andamento; **v)** Venda ***AD CORPUS***. Imóvel entregue no estado em que se encontra; **vi) IMÓVEL OCUPADO**. Desocupação a cargo do arrematante. Ficam os Devedores Fiduciantes **LUACI MIRANDA NASCIMENTO**, CPF nº 403.061.458-20 e **VITOR GIMENES DA SILVA**, CPF nº 347.581.128-60, comunicados das datas dos leilões também pelo presente edital. **Os interessados deverão tomar conhecimento do Edital Completo de Leilão, disponível no portal** WWW.PECINILEILOES.COM.BR. Maiores informações pelo e-mail contato@pecinileiloes.com.br; WhatsApp (11) 97577-0485; Fone (19) 3295-9777. Avenida Rotary, 187 – Jd. das Paineiras, Campinas/SP, CEP nº 13.092-509.

LEILÃO DE IMÓVEIS Online
Data do Leilão: 23/06/2022
a partir das 15h00

À VISTA 10% DE DESCONTO | PRÉDIOS COMERCIAIS • TERRENO | OPORTUNIDADES NO PR • RS • SP

LOTE 01 - PRÉDIO COMERCIAL - PORTO ALEGRE/RS - CENTRO HISTÓRICO
IMÓVEL DESOCUPADO
Prédio composto por 7 pavimentos e 1 subsolo, Av. Alberto Bins, nº 600 - Cj 301/Cj 201/Cj 101 e Vagas 14/15/16/18/19/20/21 - Edifício Paraná II, Área real privativa de 2.841,87m²; Área real total de 3.834,77m², Matrículas: 156.126 (SALÃO Nº 301/RGI Nº 703490); 156.125 (SALÃO Nº 201/RGI Nº 703491); 156.124 (SALÃO Nº 101/RGI Nº 703493); 156.142 (VAGA 14/RGI Nº 703494); 156.143 (VAGA 15/RGI Nº 703495); 156.144 (VAGA 16/RGI Nº 703496); 156.146 (VAGA 18/RGI Nº 703498); 156.147 (VAGA 19/RGI Nº 703499); 156.148 (VAGA 20/RGI Nº 703500); 156.149 (VAGA 21/RGI Nº 703501);
Lance Inicial: R$ 11.365.655,56

LOTE 02 - TERRENO - SÃO PAULO/SP - BARRA FUNDA
Terreno utilizado como estacionamento de ex agência, situado à Rua Lopes Chaves, 262, Barra Funda. Área Terreno 1.531m², Matrícula 62135 do 15º CRI Local.
IMÓVEL DESOCUPADO
Lance Inicial: R$ 7.074.222,00

LOTE 03 - PRÉDIO COMERCIAL - UMUARAMA/PR - CENTRO
Situado à Avenida Brasil, 4159, Lotes 14 a 17, Quadra 35, Centro, Subsolo, térreo, 1º e 2º pavimento e casa de máquina. Térreo e parte do subsolo ocupados pela agência, Área de terreno: 2.100m²;Área construída: 4.802,33m², Matrícula 21.856 do 1º CRI Local.
Lance Inicial: R$ 11.981.337,00

Comissão do leiloeiro: O arrematante pagará ao leiloeiro 5% sobre o valor da arrematação.
Edital completo no site do leiloeiro. Dora Plat - Jucesp 744 - Leiloeira Oficial.

MAIS INFORMAÇÕES: 3003.0677 | www.ZUKERMAN.com.br

---

emgea | BIASI leilões

LEILÃO DE IMÓVEIS
SOMENTE ONLINE
DIA: 27 de Junho de 2022 às 15:45 horas
03 Imóveis (Casas e Apartamento) em São Paulo/SP, Guarujá/SP e Ribeirão Pires/SP

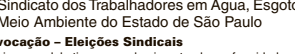
Confira e Aproveite! FORMAS DE PAGAMENTO: **À VISTA**
OU PARCELADO EM ATÉ 03 VEZES SEM JUROS conforme edital.
Mais informações: (11) 4083-2575 ou **www.biasileiloes.com.br**
Leiloeiro Oficial Eduardo Consentino – JUCESP nº 616 (João Victor Barroca Galeazzi – Preposto em exercício)

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE MATERIAL PLÁSTICO, QUÍMICAS E FARMACÊUTICAS DE RIO CLARO E REGIÃO - CNPJ: 56.397.391/0001-84 - **Edital de Convocação - Assembleia Geral Ordinária** - Pelo presente Edital, o **Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Material Plástico, Químicas e Farmacêuticas de Rio Claro e Região**, por seu representante legal, convoca os trabalhadores associados da categoria dos trabalhadores nas indústrias Químicas; Preparação de Óleos Vegetais e Animais; Perfumarias e Artigos de Toucador; Resinas Sintéticas; Sabão e Velas; Explosivos; Tintas e Vernizes; Fósforos; Adubos e Corretivos Agrícolas; Defensivos Agrícolas; Material Plástico (Inclusive da Produção de Laminados Plásticos); Matérias-Primas para Inseticidas e Fertilizantes, Abrasivos, Álcalis; Petroquímicas, Lápis, Caneta e Material de Escritório; Defensivos Animais; Re-Refino de Óleos Minerais e Reciclagem Plástica, enquadradas no 10º Grupo, do quadro anexo ao artigo 577 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, pertencentes à base territorial da entidade sindical, composta pelas cidades de: Analândia, Cordeirópolis, Corumbataí, Ipeúna, Iracemápolis, Itirapina, Rio Claro e Santa Gertrudes, no Estado de São Paulo, quites e em pleno gozo de seus direitos, para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária a ser realizada no dia 27 de junho de 2022, às 7 horas em primeira convocação, para deliberarem sobre a seguinte **Ordem do Dia: 1)** Leitura, discussão e votação da Ata da Assembleia anterior; **2)** Leitura, discussão e votação do Balanço relativo ao exercício de 2021, com Parecer do Conselho Fiscal. Em caráter excepcional, visando a preservação da saúde e segurança de todos, esta assembleia será realizada de forma virtual, por meio da plataforma ZOOM. Os associados deverão procurar o Sindicato para receber o link de acesso à assembleia. Não havendo número suficiente de associados em primeira convocação para a realização da assembleia, esta mesma será realizada duas horas após, em segunda convocação na forma do estatuto, no mesmo dia e local, com qualquer número de associados presentes. Rio Claro, 15 de junho de 2022. **Francisco Carlos Quintino da Silva** - Presidente.

PECINI LEILÕES

EDITAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO PÚBLICOS LEILÕES EXTRAJUDICIAIS E COMUNICAÇÃO DAS DATAS DOS LEILÕES ONLINE

DATA: 1º Público Leilão: 27/06/2022, às 10h00 | 2º Público Leilão: 29/06/2022, às 10h00

ANGELA PECINI SILVEIRA, Leiloeira Oficial, JUCESP nº 715, autorizada pela Credora Fiduciária **JJO CONSTRUTORA E INCORPORADORA LTDA.**, CNPJ/RFB nº 02.680.280/0001-51, venderá em 1º ou 2º Público Leilão Extrajudicial, nos termos dos arts. 26 e 27 da Lei Federal nº 9.514/97, e posteriores alterações, o **IMÓVEL: APARTAMENTO Nº 1503, TIPO "2", 15º PAVIMENTO DO BLOCO Nº 01, integrante do CONDOMÍNIO RESIDENCIAL THE GATE**, situado na Rua Dona Tecla, nº 602, Guarulhos/SP, contendo as seguintes áreas: privativa total de 66,0000m²; comum de divisão não proporcional de 26,8095m²; comum de divisão proporcional de 19,0075m², composta de 11,5461m² de área padrão de construção do condomínio e 7,4614m² de área descoberta; total de 111,8170m²; coeficiente de proporcionalidade de 0,2175%, com direito ao uso de 01 depósito e 01 vaga indeterminada, localizados na garagem coletiva do condomínio. Matrícula Imobiliária nº 161.661 do 2º CRI de Guarulhos/SP. Inscrição Cadastral nº 083.64.34.0536.00.000 (área maior). **Valores**: **1º Leilão: R$ 723.489,14**. **2º Leilão: R$ 544.273,59**. **Encargos do Arrematante**: **i)** Pagamento à vista do valor do arremate e 5% de comissão da leiloeira; **ii)** Custas cartoriais, impostos e taxas de transmissão para lavratura e registro da escritura; **iii)** Quitação dos débitos de IPTU vencidos e todas as despesas que vencerem a partir da data da arrematação; **iv)** Verificação do imóvel, de sua situação jurídica e eventuais ações judiciais em andamento; **v)** Venda ***AD CORPUS***. Imóvel entregue no estado em que se encontra; **vi) IMÓVEL OCUPADO**. Desocupação a cargo do arrematante. Fica a Devedora Fiduciante **DEISE ALVES DA SILVA LEANDRO**, CPF nº 330.927.468-30, comunicada das datas dos leilões também pelo presente edital. **Os interessados deverão tomar conhecimento do Edital Completo de Leilão, disponível no portal** WWW.PECINILEILOES.COM.BR. Maiores informações pelo e-mail contato@pecinileiloes.com.br; WhatsApp (11) 97577-0485; Fone (19) 3295-9777. Avenida Rotary, 187 – Jd. das Paineiras, Campinas/SP, CEP nº 13.092-509.

PECINI LEILÕES

EDITAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO PÚBLICOS LEILÕES EXTRAJUDICIAIS E COMUNICAÇÃO DAS DATAS DOS LEILÕES ONLINE

DATA: 1º Público Leilão: 27/06/2022, às 11h30 | 2º Público Leilão: 29/06/2022, às 11h30

ANGELA PECINI SILVEIRA, Leiloeira Oficial, JUCESP nº 715, autorizada pela Credora Fiduciária **JJO CONSTRUTORA E INCORPORADORA LTDA.**, CNPJ/RFB nº 02.680.280/0001-51, venderá em 1º ou 2º Público Leilão Extrajudicial, nos termos dos arts. 26 e 27 da Lei Federal nº 9.514/97, e posteriores alterações, o **IMÓVEL: APARTAMENTO Nº 804, TIPO "2", 8º PAVIMENTO DO BLOCO Nº 01, integrante do CONDOMÍNIO RESIDENCIAL THE GATE**, situado na Rua Dona Tecla, nº 602, Guarulhos/SP, contendo as seguintes áreas: privativa total de 66,0000m²; comum de divisão não proporcional de 26,8095m²; comum de divisão proporcional de 19,0075m², composta de 11,5461m² de área padrão de construção do condomínio e 7,4614m² de área descoberta; total de 111,8170m²; coeficiente de proporcionalidade de 0,2175%, com direito ao uso de 01 depósito e 01 vaga indeterminada, localizados na garagem coletiva do condomínio. Matrícula Imobiliária nº 161.620 do 2º CRI de Guarulhos/SP. Inscrição Cadastral nº 083.64.34.0536.00.000 (área maior). **Valores**: **1º Leilão: R$ 723.489,14**. **2º Leilão: R$ 619.040,04**. **Encargos do Arrematante**: **i)** Pagamento à vista do valor do arremate e 5% de comissão da leiloeira; **ii)** Custas cartoriais, impostos e taxas de transmissão para lavratura e registro da escritura; **iii)** Quitação dos débitos de IPTU vencidos e todas as despesas que vencerem a partir da data da arrematação; **iv)** Verificação do imóvel, de sua situação jurídica e eventuais ações judiciais em andamento; **v)** Venda ***AD CORPUS***. Imóvel entregue no estado em que se encontra; **vi) IMÓVEL OCUPADO**. Desocupação a cargo do arrematante. Fica o Devedor Fiduciante **JUBERTO MACIEL DA SILVA JÚNIOR**, CPF nº 253.179.698-32, comunicado das datas dos leilões também pelo presente edital. **Os interessados deverão tomar conhecimento do Edital Completo de Leilão, disponível no portal** WWW.PECINILEILOES.COM.BR. Maiores informações pelo e-mail contato@pecinileiloes.com.br; WhatsApp (11) 97577-0485; Fone (19) 3295-9777. Avenida Rotary, 187 – Jd. das Paineiras, Campinas/SP, CEP nº 13.092-509.

Sintaema — Sindicato dos Trabalhadores em Água, Esgoto e Meio Ambiente do Estado de São Paulo

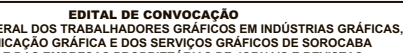
Edital de Convocação – Eleições Sindicais

Pelo presente edital, faço saber aos que virem ou dele tiverem conhecimento, de conformidade com as disposições contidas no Título VI e suas Seções do Estatuto Social, que nos **dias 26, 27 e 28 de julho de 2022**, em horários e locais de votação a serem definidos em aditamento e com regular divulgação até dez (10) dias antes do início do pleito, serão realizadas eleições no **Sindicato dos Trabalhadores em Água, Esgoto e Meio Ambiente do Estado de São Paulo – Sintaema**, com sede a Avenida Tiradentes, nº 1323, Ponte Pequena, São Paulo-SP, para composição da Diretoria Executiva, Diretoria de Base, Conselho Fiscal, e respectivos suplentes, **ficando aberto o prazo de cinco (5) dias úteis para o registro de chapas**, contados da publicação do presente edital. O requerimento, em duas (2) vias, acompanhado de todos os documentos exigidos para o registro das chapas deverá ser dirigido ao Presidente da entidade e assinado pelo encabeçador ou quem este designar. A Secretaria do Sindicato funcionará no período destinado ao registro de chapas no horário das 09 às 17 horas, onde se encontrará à disposição dos interessados, pessoa habilitada para o atendimento, prestação de informações concernentes ao processo eleitoral e fornecimento do correspondente recibo (protocolo). As impugnações das chapas e/ou candidatos e processo eleitoral poderão ocorrer no prazo de três (3) dias úteis, a contar da divulgação das chapas registradas, o que ocorrerá nas setenta e duas (72) horas subsequentes ao encerramento do prazo para registro. Concorrendo duas ou mais chapas, será declarada vitoriosa a mais votada e, se ocorrer empate entre as duas chapas mais votadas, será realizada eleição em segundo escrutínio em data a ser decidida e divulgada pela Comissão Eleitoral. Concorrendo chapa única a eleição ocorrerá por assembleia (aclamação) em data, hora e local determinado pelo Presidente da Comissão Eleitoral, com prévia divulgação. Para composição parcial da Comissão Eleitoral, serão eleitos em assembleias quatro (4) representantes, sendo um (1) representante eleito em assembleia a realizar-se no dia 27 de junho de 2022, às 08 horas, na portaria da SABESP sito na Rua Doutor Costa Leite, nº 2000, Centro, Botucatu-SP, e mais três (3) representantes eleitos em assembleia a realizar-se no dia 28 de junho de 2022, às 18 horas, na sede do SINTAEMA sito na Avenida Tiradentes, nº 1323, Ponte Pequena, São Paulo-SP, devendo, necessariamente, os representantes, serem associados no mínimo há dois (2) anos, encontrarem-se em pleno gozo dos direitos estatutários, quites com sua contribuição associativa, não figurar em uma chapa inscrita e tampouco pretender inscrever sua candidatura em qualquer chapa.

São Paulo-SP, 17 de junho de 2022. ***José Antonio Faggian*** *– Presidente*

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA Online
1º Leilão: 27/06/2022 às 14h00
2º Leilão: 28/06/2022 às 14h00

BANCO PAN

Credora Fiduciária: BRAZILIAN SECURITIES COMPANHIA DE SECURITIZAÇÃO
Fiduciantes: MÁRCIO NILSON DE LIMA e sua esposa ANA CRISTINA FABRI DE LIMA | **Custodiante: OLIVEIRA TRUST DTVM S/A**

LOTE 01 - SÃO PAULO/SP

Apartamento sob n° 134, localizado no 13° andar do bloco 07, Edifício "Jade", integrante do conjunto residencial "Pedra Branca", situado à Rua Desembargador Rodrigues Setti, n° 365, 8° Subdistrito- Santana, da capital de São Paulo/SP, contendo área útil de 50,9000m², área comum de 13,4518m² (inclusive uma vaga individual e indeterminada, localizada no estacionamento coletivo do referido condomínio), área total de 64,3518m², correspondendo-lhe a fração ideal de terreno de 0,138889%. Contribuinte sob n° 127.310.0004-9. **Imóvel objeto da matrícula nº 73.575 do 3° Ofício de Registro de Imóveis de São Paulo/SP. Observação:** Imóvel ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 e parágrafo único da lei 9.514/97.

Lance Mínimo 1º Leilão: R$ 492.686,54 | Lance Mínimo 2º Leilão: R$ 257.984,30

O(s) arrematante(s) terá(ão) o prazo de 24 horas, para efetuar o(s) pagamento(s) da totalidade do(s) preço(s) e da comissão do leiloeiro, correspondente a 5% sobre o valor de arremate, inclusive o devedor fiduciante, no caso do exercício do direito de preferência, na forma da lei. Em caso de inadimplemento do valor de arrematação, por desistência do arrematante, desfar-se-á a venda e será cobrada uma multa moratória no valor de 4% (quatro por cento) da arrematação para pagamento de despesas administrativas, bem como poderá ainda o Leiloeiro emitir título de crédito para a cobrança de tais valores, encaminhando-o a protesto, por falta de pagamento, se for o caso, sem prejuízo da execução prevista no artigo 39, do Decreto nº 21.981/32, além da inclusão do arrematante nos serviços de proteção ao crédito. Caso haja arrematante, quer em primeiro ou segundo leilão, a escritura de venda e compra, será lavrada em até 60 dias, contados da data do leilão. Correrão por conta do arrematante, todas as despesas relativas à transferência do imóvel arrematado, tais como, taxas, alvarás, certidões, ITBI - Imposto de transmissão de bens imóveis, foro e laudêmio, quando for o caso, escritura, emolumentos cartorários, registros etc. Todos os débitos incidentes sobre o(s) imóvel(eis), que tenham fato gerador a partir da data da realização do leilão, serão de exclusiva responsabilidade do(s) arrematante(s). Na forma do disposto no artigo 448, do Código Civil, o Vendedor se responsabiliza por eventual evicção, somente até o valor recebido a título de arremate, excluídas quaisquer perdas. Eventuais avisos/menções de ações judiciais, no site zukerman.com.br, na divulgação desse leilão, aderirão ao edital. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto n° 21.981/32, com as alterações introduzidas pelo Decreto n° 22.427/33, que regulam a atividade da leiloaria.Edital completo no site do leiloeiro. DORA PLAT, leiloeira oficial - JUCESP nº 744.

MAIS INFORMAÇÕES: 3003.0677 | www.ZUKERMAN.com.br

EDITAL DE CONVOCAÇÃO
ASSEMBLÉIA GERAL DOS TRABALHADORES GRÁFICOS EM INDÚSTRIAS GRÁFICAS, DA COMUNICAÇÃO GRÁFICA E DOS SERVIÇOS GRÁFICOS DE SOROCABA E REGIÃO E DAS EMPRESAS PROPRIETÁRIAS DE JORNAIS E REVISTAS.

Pelo presente Edital, nos termos do Estatuto Social da entidade, e na condição Categoria Profissional Gráfica Diferenciada nos termos do artigo 511 da CLT, Processo MTPS 319.819/73, DOU de 03.10.1974, página 11.231, independentemente da atividade principal da empresa, **convoco todos** os trabalhadores gráficos integrantes nas Indústrias da: Gravura, Oficiais Gráficos e Encadernadores, Tipografia, Encadernação e Impressão Digital e Eletrônica, da Comunicação Gráfica e dos Serviços Gráficos, estabelecidos nos Municípios de ANGATUBA, ARAÇOIABA DA SERRA, BOITUVA, CAPÃO BONITO, CAPELA DO ALTO, CERQUILHO, CESÁRIO LANGE, GUAREÍ, IPERÓ, ITAPETININGA, ITU, MAIRINQUE, PIEDADE, PILAR DO SUL, PORANGABA, PORTO FELIZ, SALTO, SALTO DE PIRAPORA, SÃO MIGUEL ARCANJO, SÃO ROQUE, SARAPUÍ, SOROCABA, TAPIRAÍ, TATUÍ, TIETÊ E VOTORANTIM, para a **Assembleia Geral dos Trabalhadores das Indústrias Gráficas** a realizar-se às 17:40 horas do dia 08 de Julho de 2022, na Rua Marcílio Dias, n.º 187,Pinheiros, na cidade de Sorocaba/ SP, em primeira convocação, ou uma hora após em segunda e última convocação. **Da mesma forma convoco todos os trabalhadores que desenvolvem as suas atividades gráficas** acima mencionadas **nas Oficinas e Departamentos Gráficos das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas no Estado de São Paulo,** estabelecidos nestes mesmos Municípios, para outra **Assembleia Geral de Trabalhadores Gráficos de Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas** no mesmo dia e local, a realizar-se às 15:20 horas do dia 08 de Julho de **2022**, em primeira convocação, ou uma hora após em segunda e última convocação. Ambas Assembleias serão realizadas, respectivamente, para o fim de deliberar sobre a seguinte Ordem do Dia: **a)** discussão da Pauta de Reivindicações a ser encaminhada ao Setor Patronal para a Renovação da Convenção Coletiva de Trabalho para o período de **2022 a 2023**; **b)** outorga de poderes à diretoria desta entidade para empreender as negociações necessárias, celebrar Convenção Coletiva de Trabalho, Instaurar Dissídio, firmar Acordo Judicial, ou ainda, conferir poderes a FTIGESP para esse fim; **c)** autorizar o exercício do Direito de Greve na forma da Lei 7.783/89, em caso de malogro das negociações; **d)** discutir a instituição de Contribuição em favor desta entidade sindical e das entidades de grau superior, conforme deliberação determinada pela Assembleia, a ser descontada em folha-de-pagamento de todos os trabalhadores da categoria; **e)** Discussão sobre a definição de prazos, formas e condições para o Direito de Oposição ao referido desconto.

Sorocaba, 14 de Junho de 2022.

João Ferreira da Silva
Presidente.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA - Pelo Presente edital, ficam convocados todos os Associados do **SINDICATO DOS EMPREGADOS DE AGENTES AUTÔNOMOS DO COMÉRCIO E EM EMPRESAS DE ASSESSORAMENTO, PERÍCIAS, INFORMAÇÕES E PESQUISAS E DE EMPRESAS DE SERVIÇOS CONTÁBEIS DE JUNDIAÍ E REGIÃO**, com base territorial, Atibaia, Bom Jesus dos Perdões, Bragança Paulista, Campo Limpo Paulista, Itatiba, Itupeva, Jarinú, Joanópolis, Jundiaí, Louveira, Morungaba, Nazaré Paulista, Pedra Bela, Pinhalzinho, Piracaia, Tuiuti, Vargem, Várzea Paulista e Vinhedo, quites e em pleno gozo com suas obrigações estatuárias para participarem da **Assembleia Geral Ordinária,** a ser realizada em **30 de Junho 2022, às 16:00 horas**, em primeira convocação, na sede social da entidade, Rua Prof. Raquel Carderelli, 73 - Bairro Anhangabaú - Jundiaí/SP, a fim de deliberarem sobre as seguintes matérias da ordem do dia: a) Leitura, discussão e votação da Ata da Assembleia Anterior b) Leitura, discussão e votação do Balanço Patrimonial do Exercício 2021 c) Relatório da Diretoria e respectivo Parecer do conselho fiscal. Em razão da PANDEMIA DA COVID-19, e com o objetivo da preservação da saúde dos trabalhadores, e no sentido de evitar a contaminação e proliferação do vírus, o uso de máscara facial protetora será obrigatório a todos durante a assembleia, bem como deverá ser observado o distanciamento social de dois metros entre os presentes. O Sindicato disponibilizará, álcool em gel 70º na entrada e durante a realização da assembleia. Não havendo, na hora acima indicada, número legal de associados, ou seja 1/5 para instalação dos trabalhadores em primeira convocação, a Assembleia será instalada 2 (duas) horas após**,** ou seja às 18:00 horas, no mesmo dia e Local, em segunda convocação, com qualquer número de associados presentes. Jundiaí/SP, 17 de Junho de 2022. **Stael Kellen de Carvalho Barbosa**

FENTEC - FEDERAÇÃO NACIONAL DOS TÉCNICOS INDUSTRIAIS

EDITAL DE CONVOCAÇÃO - ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

FENTEC - FEDERAÇÃO NACIONAL DOS TÉCNICOS INDUSTRIAIS, com sede na Rua 24 de Maio, 104, 14° andar, Centro, São Paulo - SP - CEP 01041-000, por seu Presidente, Wilson Wanderlei Vieira, no uso das suas atribuições Estatutárias, convoca todos os Sindicatos filiados e todos os técnicos industriais em suas diversas modalidades incluindo os que exercem suas atividades laborativas com bases inorganizadas (AC, AL, AM, AP, BA, MA, MS, MT, PA, PB, PI, RN, RO, RR, SE e TO) e que trabalham na empresa **NCR BRASIL LTDA.,** para participarem virtualmente, em caráter excepcional diante da atual situação decorrente da pandemia do coronavírus (COVID-19) e das restrições impostas ou recomendadas pelas autoridades com relação a reuniões de pessoas da **Assembleia Geral Extraordinária que se realizará no dia, 20/06/2022, às 16h00 (horário de Brasília) em 1ª convocação, às 17h00 (horário de Brasília) em 2ª e última convocação,** com qualquer número de presentes/conectados, transmitida ao vivo através do aplicativo TEAMS ou outro similar que será amplamente divulgado para os interessados e estará disponibilizado através de um link na página oficial da FENTEC, assim, todos poderão participar online. A assembleia irá discutir as seguintes propostas - **ORDEM DO DIA**: **a)** Discussão e aprovação da Pauta de Reivindicações da empresa **NCR BRASIL LTDA. 2022; b)** Autorização para a diretoria da **FENTEC** firmar Acordo Coletivo de Trabalho incluindo ACT/PLR - Participação nos Lucros e Resultados com a empresa empregadora; **c)** Aprovação do plano de lutas; **d)** Aprovação e Ratificação da Contribuição assistencial e/ou confederativa e/ou negocial; **e)** Delegar poderes para a direção da **FENTEC -** Federação Nacional dos Técnicos Industriais, para iniciar as negociações coletivas, assinar Acordo Coletivo de Trabalho, requerer protesto judicial ou instaurar Dissídio Coletivo; **f)** Assuntos gerais de interesse dos trabalhadores. Fica convocada a assembleia em caráter permanente e itinerante para que a categoria profissional possa apresentar suas reivindicações, acompanhadas de lista de presença, a serem discutidas e inseridas na Pauta de Reivindicação. São Paulo, 14 de junho de 2022.

WILSON WANDERLEI VIEIRA
Presidente
FENTEC - FEDERAÇÃO NACIONAL DOS TÉCNICOS INDUSTRIAIS

COMISSÃO DE POLÍTICA URBANA, METROPOLITANA E MEIO AMBIENTE

A Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente convida o público interessado para participar da **Audiência Pública Semipresencial** para debater a seguinte matéria:

1) **PL 362/2022 – Executivo – Ricardo Nunes** - Estabelece regras aplicáveis a estabelecimentos formados por um conjunto de cozinhas industriais, utilizadas para produção por diferentes restaurantes e/ou empresas, destinada à comercialização de refeições e alimentos essencialmente por serviço de entregas, sem acesso de público para consumo no local, configurando operação conjunta, regime de conglomerado ou condomínio de cozinhas, popularmente conhecidas como "dark kitchens".

Data: **23/06/2022 (quinta-feira)**
Horário: **15 horas**
Local: **Salão Nobre Presidente João Brasil Vita - 8° andar e Auditório Virtual**
Câmara Municipal de São Paulo
Viaduto Jacareí, 100

O acesso do público em geral à Câmara Municipal de São Paulo será permitido mediante a aferição obrigatória de temperatura e, segundo o cronograma vacinal municipal, a apresentação de comprovante de vacinação ou relatório médico que justifique óbice à imunização, o uso de máscaras de proteção facial torna-se obrigatório quando houver ocupação acima da metade da capacidade do auditório ou sala de reunião, conforme Art. 2° do Ato nº 1.504, de 02 de março de 2021, alterado pelo Ato nº 1.539, de 29 de março de 2022.

Para assistir: Será permitido o acesso do público até o limite de capacidade de auditório, considerando o protocolo de segurança sanitária vigente. O evento será transmitido ao vivo pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, através dos Auditórios Online **www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditorios-online**, e pelo canal da Câmara Municipal no YouTube **www.youtube.com/camarasaopaulo**.

Para participar: Encaminhe sua manifestação por escrito ou inscreva-se para participar ao vivo por videoconferência através do Portal da CMSP na internet: **www.saopaulo.sp.leg.br/audienciaspublicas/inscricoes**
Também serão permitidas inscrições para participação do público presente no auditório.

Caso não possa, por qualquer motivo, participar da videoconferência, não deixe de encaminhar sua MANIFESTAÇÃO POR ESCRITO, através do formulário disponível em **www.saopaulo.sp.leg.br/audienciaspublicas**

Para maiores informações: **urb@saopaulo.sp.leg.br**

COMISSÃO DE POLÍTICA URBANA, METROPOLITANA E MEIO AMBIENTE

A Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente convida o público interessado para participar da Audiência Pública Semipresencial para debater as seguintes matérias:
Projetos em 1ª Audiência Pública

1) PL 457/2018 - Ver. AURÉLIO NOMURA (PSDB) - DISPÕE SOBRE A PROIBIÇÃO DOS SERVIÇOS PRIVADOS DE VIGILÂNCIA URBANA DE UTILIZAR SIRENES, ALARMES OU SIMILARES NO HORÁRIO NOTURNO.
2) PL 97/2019 - Ver. GILBERTO NATALINI (S/PARTIDO),Ver. CAIO MIRANDA CARNEIRO (UNIÃO),Ver. CLAUDIO FONSECA (CIDADANIA),Ver. REIS (PT),Ver. MARIO COVAS NETO (PODE),Ver. CELSO GIANNAZI (PSOL),Ver. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY (PT),Ver. SONINHA FRANCINE (CIDADANIA),Ver. CELSO JATENE (PL),Ver. PROFESSOR TONINHO VESPOLI (PSOL),Ver. ZÉ TURIN (REPUBLICANOS),Ver. ELISEU GABRIEL (PSB) - DISPÕE SOBRE A CRIAÇÃO DO PARQUE MUNICIPAL MANANCIAIS DO PAIOL E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.
3) PL 626/2019 - Ver. ISAC FELIX (PL),Ver. THAMMY MIRANDA (PL) - DISPÕE SOBRE A DESTINAÇÃO DE ESPAÇO NOS PARQUES MUNICIPAIS PARA A COLOCAÇÃO DE FRALDÁRIO E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.
4) PL 540/2020 - Ver. AURÉLIO NOMURA (PSDB),Ver. RUBINHO NUNES (UNIÃO) - DISPÕE SOBRE O RESSARCIMENTO DE DESPESAS COM O TRATAMENTO DE ANIMAIS VÍTIMAS DE MAUS TRATOS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO.
5) PL 645/2020 - Ver. ELISEU GABRIEL (PSB) - Dispõe sobre a implantação ou adaptação de Fraldário em todos os banheiros públicos, femininos e masculinos, instalados nos hospitais e postos de saúde no âmbito do Município de São Paulo, e dá outras providências.
6) PL 20/2021 - Ver. AURÉLIO NOMURA (PSDB) - Institui o Programa Municipal de Patrocínio para Incentivo da Coleta Seletiva do Lixo no Município de São Paulo.
7) PL 78/2021 - Ver. SANDRA TADEU (UNIÃO),Ver. THAMMY MIRANDA (PL)
"Dispõe sobre a obrigatoriedade da colocação de placas nas entradas dos locais que especifica com os seguintes dizeres: "A exploração sexual de crianças e adolescentes é crime, punido com reclusão de 4 a 10 anos e multa", e dá outras providências."
8) PL 243/2021 - Ver. ANDRÉ SANTOS (REPUBLICANOS),Ver. PAULO FRANGE (PTB),Ver. FARIA DE SÁ (PP),Ver. RODRIGO GOULART (PSD) - Dispõe sobre a criação de 4 (quatro) hospitais públicos veterinários nos bairros Jabaquara, Butantã, Brasilândia e Ipiranga no Município de São Paulo.
9) PL 267/2021 - Ver. CAMILO CRISTÓFARO (AVANTE) - Altera o paragrafo único do artigo 161 da lei 13.478 de 30 de dezembro de 2002 (otimização do serviço de remoção de veículos abandonados).
10) PL 269/2021 - Ver. JAIR TATTO (PT) - Autoriza o Executivo a Instituir o Hospital Público Veterinário no Distrito de Brasilândia para atendimentos de animais e, dá outras providências.
11) PL 330/2021 - Ver. RODRIGO GOULART (PSD),Ver. MARCELO MESSIAS (MDB) - Dispõe sobre a criação do Polo Ecoturistico Histórico Cultural Represas Guarapiranga e Billings, e dá outras providências.
12) PL 462/2021 - Ver. GILSON BARRETO (PSDB),Ver. PROFESSOR TONINHO VESPOLI (PSOL) - Dispõe sobre a criação do Parque Municipal Cotonifício Guilherme Giorgi e dá outras providências.
13) PL 489/2021 - Ver. RICARDO TEIXEIRA (UNIÃO),Ver. RUBINHO NUNES (UNIÃO) - Dispõe no âmbito do município de São Paulo sobre a autorização para colocação de contêineres em pontos viciados de lixo, o chamado "Ecoponto Pronto" , e dá outras providências.
14) PL 624/2021 - Ver. JANAÍNA LIMA (MDB) - Institui o programa de gestão de resíduos sólidos na rede municipal de ensino da cidade de São Paulo e dá outras providências.
15) PL 680/2021 - Ver. MARLON LUZ (MDB) - Institui a devolução de 50 % (cinquenta por cento) do valor pago a título de Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores – IPVA incidente sobre os veículos licenciados no Município de São Paulo e que sejam adaptados ao uso de gás natural veicular – GNV.
16) PL 10/2022 - Ver. MARCELO MESSIAS (MDB) - Proíbe fazer tatuagens permanentes ou temporárias ou a colocação de "piercing", em animais, para fins estéticos e dá outras providencias.
17) PL 57/2022 - Ver. SANDRA SANTANA (PSDB) - Fica autorizado o Executivo a instituir o Programa de Parceria e Cooperação visando o reuso e o encaminhamento de retalhos de tecidos e de outros produtos descartados pela produção têxtil, para a utilização em cursos de qualificação e capacitação de munícipes de baixa renda ou de vulnerabilidade social.
18) PL 84/2022 - Ver. SANDRA TADEU (UNIÃO) - "Cria a obrigatoriedade de implante de chips de identificação em cães e gatos doados ou vendidos no Município de São Paulo."

Data: **22/06/2022 (Quarta-feira)**
Horário: **12 horas**
Local: **Sala Tiradentes 8° andar e Auditório Virtual**
Câmara Municipal de São Paulo
Viaduto Jacareí, 100

O acesso do público em geral à Câmara Municipal de São Paulo será permitido mediante a aferição obrigatória de temperatura e, segundo o cronograma vacinal municipal, a apresentação de comprovante de vacinação ou relatório médico que justifique óbice à imunização, o uso de máscaras de proteção facial torna-se obrigatório quando houver ocupação acima da metade da capacidade do auditório ou sala de reunião, conforme Art. 2° do Ato nº 1.504, de 02 de março de 2021, alterado pelo Ato nº 1.539, de 29 de março de 2022.

Para assistir: Será permitido o acesso do público até o limite de capacidade de auditório, considerando o protocolo de segurança sanitária vigente. O evento será transmitido ao vivo pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, através dos Auditórios Online **www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditorios-online**, e pelo canal da Câmara Municipal no YouTube **www.youtube.com/camarasaopaulo**.

Para participar: Encaminhe sua manifestação por escrito ou inscreva-se para participar ao vivo por videoconferência através do Portal da CMSP na internet: **www.saopaulo.sp.leg.br/audienciaspublicas/inscricoes**
Também serão permitidas inscrições para participação do público presente no auditório.

Caso não possa, por qualquer motivo, participar da videoconferência, não deixe de encaminhar sua MANIFESTAÇÃO POR ESCRITO, através do formulário disponível em **www.saopaulo.sp.leg.br/audienciaspublicas**

Para maiores informações: **urb@saopaulo.sp.leg.br**

Maldito juro vs. dragão da inflação

Se a taxa real não subir muito, a aposta de Biden terá sido um sucesso

Nelson Barbosa
Professor da FGV e da UnB, ex-ministro da Fazenda e do Planejamento (2015-2016). É doutor em economia pela New School for Social Research

Há quase um mês, escrevi neste espaço que, ainda em 2022, a Selic subiria para mais de 13,25% e a "Fed Funds" (a Selic dos EUA) para mais de 3%. Os eventos desta semana confirmaram minhas expectativas, mas por restrição de espaço falarei apenas dos EUA nesta coluna.

O Fed (Federal Reserve) aumentou seu juro básico em 0,75 ponto percentual, dando uma guinada no seu discurso anterior. A Fed Funds foi para o intervalo de 1,5% a 1,75%, pois o Fed trabalha com banda de juro em vez de um valor fixo.

Agora o mercado espera piso de juro entre 3,5% e 4% no final de 2022. Acho que será maior, entre 4% e 4,5%, pois a inflação ainda está muito alta nos EUA e não há sinal de solução política para a questão da Ucrânia, o que poderia puxar os preços internacionais de commodities para baixo.

Até a semana passada o BC dos EUA dizia que o juro não subiria muito, pois a principal fonte da inflação não era de demanda. Neste ponto eles estão corretos. Assim como no Brasil, a principal fonte de aumento de preço por lá foram os gargalos produtivos pós-Covid e o choque Putin.

Explicando melhor, a recuperação pós-pandemia aumentou muito a demanda por bens no mundo. Com o tempo, a oferta se adequa à demanda, mas no curto prazo o ajuste cria gargalos em vários setores, pressionando os preços para cima. Adicione a isso o aumento de margem de lucro pelas empresas e o resultado é mais inflação. Este era o contexto antes do choque Putin.

Aí veio a invasão da Ucrânia, os preços de commodities subiram mais e a inflação dos EUA pulou para 8,6% ao ano.

Mas se o choque não é de demanda, por que subir juro? No caso dos EUA parte da inflação também é de demanda. O plano de estímulo e reconstrução de Biden deram certo. Houve rápido crescimento da economia e redução substancial do desemprego. Por razões de demanda, também faz sentido subir o juro nos EUA. A discussão relevante é quanto.

Considere o pior cenário: quatro pancadas adicionais de 75 pontos base levando o piso da Fed Funds para 4,5% no final de 2022. Caso a expectativa de inflação anual caia para 2,5% nos EUA, uma queda de 6,1 pontos em relação a inflação efetiva de hoje, o juro real será de 2% ao ano.

Juro real de 2% é alto ou baixo? Se você é jovem e só assistiu à estagnação secular da década de 2010, você tende a achar 2% de juro real um absurdo, o inferno na terra, sobretudo na terra das criptomoedas. Porém, se você é mais velho, juro real de 2% é baixo para debelar um surto inflacionário como o atual. O juro real dos EUA subiu para muito mais do que 2% real em episódios semelhantes de "desinflação" no passado.

A anomalia foi o juro real negativo da última década, fruto da magnitude da crise financeira de 2008 e da resposta equivocada de política econômica que se seguiu. Em 2010, vários governos apostaram na hipótese furada de contração fiscal expansionista para fazer a economia crescer rápido. A economia não cresceu rápido e o juro real desabou.

Dez anos depois, quando veio a Covid, o governo dos EUA corretamente resolveu fazer diferente. Biden arriscou "errar para mais", com forte expansão fiscal para tirar a economia rapidamente da crise, mesmo que sob risco de aumento de inflação. A economia dos EUA saiu como um foguete da pandemia, mas a inflação também subiu. O choque Putin piorou o cenário e agora é preciso elevar o juro real.

Se o juro real não subir muito (tomara), a aposta de Biden terá sido um sucesso, mas é cedo para decretar vitória ou derrota. Quando saberemos mais? Em dezembro.

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcos Vasconcellos | TER. Nizan Guanaes, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | **SÁB. Marcos Mendes**, Rodrigo Zeidan

Bill Gates diz que teoria do tolo explica NFTs e criptomoedas

Natalie Vanz Bettoni

CURITIBA O fundador da Microsoft, Bill Gates, disse que criptomoedas e NFTs são uma classe de ativos "100% baseada em um tipo de teoria do mais tolo, de que alguém vai pagar mais por isso do que eu".

A "teoria do mais tolo" diz respeito à crença de que é possível ganhar dinheiro ao comprar um ativo valorizado ao vendê-lo para alguém "mais tolo" disposto a comprá-lo por um valor ainda maior, na esperança de fazer o mesmo.

A fala ocorreu terça (14) em conferência promovida pelo site TechCrunch, em Berkeley, na Califórnia (EUA).

"Eu estou acostumado a classes de ativos como uma fazenda, onde tem produção, ou uma companhia, em que produtos são fabricados", declarou o bilionário.

Gates afirmou ainda que o movimento de criptomoedas e NFTs tem em seu coração "um tipo de anonimidade", que permite evitar taxas e outras regras governamentais.

Em referência à famosa coleção de NFTs Bored Ape (macaco entediado), disse com sarcasmo: "Obviamente, imagens digitais caras de macacos vão melhorar o mundo imensamente."

A declaração vem em uma semana de fortes quedas do bitcoin que, na quarta-feira (15), atingiu a menor cotação desde dezembro de 2020.

Essa não foi a primeira vez que o fundador da Microsoft criticou os criptoativos.

Em entrevista à Bloomberg em fevereiro deste ano, Gates disse que as pessoas devem ter mais cuidado nas operações com bitcoin.

Questionado sobre as criptomoedas, ele disse não ser otimista com o bitcoin e afirmou que pessoas que têm menos dinheiro que Elon Musk, bilionário presidente da Tesla, devem tomar cuidado com as oscilações do ativo.

"Elon Musk tem muito dinheiro, ele é bem sofisticado. Não me preocupo se ele vai ganhar ou perder nessa", disse. "Acho que as pessoas são levadas por essas manias e podem não ter muito dinheiro para gastar".

Bill Gates criticou na ocasião a mineração de bitcoin e a dificuldade de rastreabilidade, lembrando que a produção da criptomoeda gera emissão de poluentes de combustíveis fósseis.

"Existem investimos na sociedade que produzem resultados. O bitcoin usa muita energia. Acontece para promover transações anônimas. Não são transações reversíveis", explicou.

A moeda digital é criada quando computadores de alta potência competem com outras máquinas para resolver problemas matemáticos complexos, um processo que consome muita energia e que atualmente depende de combustíveis fósseis, principalmente carvão.

Com Reuters

Alunos enfrentam ansiedade e agressões na volta ao presencial

Redes públicas e privadas lidam com questões psicológicas de estudantes, agravadas na pandemia

Claudinei Queiroz

SÃO PAULO Em 8 de abril, o Samu (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) do Recife foi chamado para atender 26 alunos da Erem (Escola de Referência em Ensino Médio) Ageu Magalhães, que passavam mal com uma crise coletiva de ansiedade, apresentando sintomas como sudorese, saturação baixa e taquicardia.

Esse episódio, ocorrido na semana de provas, levantou a discussão sobre os danos psicológicos provocados pela pandemia de Covid-19 nos estudantes, que voltaram em 2022 para as aulas 100% presenciais após dois anos longe da rotina escolar.

É apenas um entre vários problemas vividos Brasil afora nas salas de aula desde o início do ano letivo. Além das crises de ansiedade, educadores tiveram de lidar com casos de automutilação, de falta de concentração, de desobediência e de violência.

"Esses dois anos de paralisação nas escolas foram devastadores. A expectativa era que a gente tivesse problemas de readaptação, mas a realidade foi muito pior", afirma Mauro Aguiar, diretor do Colégio Bandeirantes, na zona sul de São Paulo, e conselheiro estadual de educação.

"Os alunos perderam aquela noção de tempo, de assistir às aulas e de prestar atenção, e têm dificuldade com coisas básicas, como a hora de falar e a forma como se dirigir a um adulto."

Segundo Vagner da Silva, coordenador pedagógico do ensino médio do Colégio Agostiniano Mendel, na zona leste de São Paulo, os estudantes que já possuíam algum tipo de problema psicológico ou emocional antes da pandemia foram os mais afetados com a volta ao presencial.

> Esses dois anos foram devastadores. A expectativa era que a gente tivesse problemas de readaptação, mas a realidade foi muito pior
>
> **Mauro Aguiar**
> diretor do Colégio Bandeirantes, na zona sul de São Paulo

"Nosso maior desafio é fazer o corpo discente reaprender a estudar e a ser estudante. O formato online supriu uma demanda de momento, mas não conseguiu tornar a aprendizagem eficaz, o que criou uma verdadeira lacuna no processo de ensino", afirma o educador.

Na visão dele, adquirir uma rotina de estudos diários e realizar tarefas em casa parecem "práticas ultrapassadas" para muitos alunos.

A angústia dos estudantes pode ser explicada pelo sentimento de perda que tiveram na pandemia, diz Mario Augusto Vitoriano Almeida, coordenador do Conviva SP (Programa de Melhoria da Convivência e Proteção Escolar), da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Mauro Aguiar, do Bandeirantes, exemplifica: "A criança e, principalmente, o adolescente precisam de contato humano com seus pares de sua idade. Os pais têm seu papel importantíssimo, mas isso não dispensa o contato com os pares. De repente, isso tudo foi interrompido".

Os casos que mais aterrorizam os pais neste primeiro semestre têm sido os de automutilação, quando estudantes acabam se cortando como forma de descarregar a pressão. Foi o que aconteceu com uma adolescente do 9º ano do ensino fundamental do Bandeirantes, um dos mais caros e exigentes da capital paulista.

Segundo sua mãe, era comum a filha chegar em casa chorando, deitar-se no chão e falar que queria morrer. Depois ela descobriu que a menina estava se automutilando, assim como outros colegas de classe. Ela disse que procurou o apoio da escola. Transferiu a filha para outro colégio.

Em nota, o Bandeirantes afirma que possui uma equipe de orientação educacional formada por psicólogas e pedagogas para atender alunos e famílias que necessitam de apoio individual.

"O tema saúde mental é uma pauta permanente do colégio que busca criar espaços de diálogos, tanto para os alunos quanto para os professores e funcionários", diz.

Na Escola Municipal Professor Anísio Teixeira, em Uberaba (MG), a diretora Edna Chimango percebeu os estudantes tensos no início do ano, o que fez com que os casos de automutilação, que eram cerca de dois para dez salas antes da pandemia, passassem para 26 até abril entre os alunos do 5º ao 9º ano do ensino fundamental.

> Nosso maior desafio é fazer o corpo discente reaprender a estudar e a ser estudante. O formato online criou uma verdadeira lacuna
>
> **Vagner da Silva**
> coordenador pedagógico no Colégio Agostiniano Mendel, na zona leste de São Paulo

Para tentar resolver a questão, ela criou o projeto Empatia, com o "objetivo geral de valorizar as relações respeitosas, focadas no bem, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação". Após um mês, diz, os casos diminuíram quase 40%.

Almeida, do Conviva SP, afirma que os problemas psicológicos são iguais em qualquer escola, seja ela particular ou pública. "A dor é humana. E a automutilação é uma dor interna, muito mais que externa. Eu me cortar dói mais do que a dor que sinto internamente", diz, explicando por que estudantes recorrem à automutilação para aliviar os problemas emocionais.

Em abril, um mapeamento feito pela Secretaria da Educação de São Paulo identificou que 69% de mais de 642 mil estudantes da rede estadual relatam ter sintomas ligados à depressão e ansiedade.

A pasta também fez um levantamento sobre os casos de violência, que dispararam cerca de 45% neste ano em comparação ao período anterior à pandemia.

"Em 2022 foram registrados 5.737 casos de violência, incluindo agressão física, ameaça, bullying, discriminação e ação violenta de grupos/gangues, contra 3.937 no primeiro trimestre de 2019", informou a secretaria, em nota.

"Quando há qualquer tipo de intercorrência, a direção da unidade entra em contato com os responsáveis pelos estudantes envolvidos para fins de mediação", completa a secretaria.

Nos colégios particulares, o tipo de abordagem para esses casos depende da direção.

Uma jornalista de 44 anos reclama da estratégia do Colégio Singular, no ABC paulista. Ela conta que a filha menor, que cursa o 2º ano do fundamental, levou um soco no rosto de um menino, que queria roubar um doce dela. E que a outra filha, do 5º ano, também foi agredida e revidou.

A mãe afirma que o colégio apenas avisou os pais dos casos. "Fui várias vezes à escola pensando que era só com minhas filhas, mas vi que é generalizado", relata.

O diretor pedagógico do Singular, Caio Augusto Campacci Zampol, afirma que o início do ano foi mais complicado porque muitos alunos nunca haviam entrado numa escola e reproduziam atitudes que faziam em suas casas.

"Durou uns dois meses de trabalho da coordenação e dos pedagogos, convocando as famílias. É um momento delicado, por isso, fizemos trabalhos individuais para não expor as crianças", diz.

Cartaz de volta às aulas em escola estadual na zona sul de São Paulo, em fevereiro; semestre foi de readaptação ao presencial - Karime Xavier - 2.fev.2022/Folhapress

Sem dinheiro para água e luz, UFRJ estuda suspender atividades até agosto

Mariana Moreira

RIO DE JANEIRO Uma das mais importantes universidades do país, a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) cogita suspender as atividades até agosto por falta de dinheiro. Segundo a instituição, se não houver novos repasses, não será possível pagar as contas de água e luz.

Segundo a reitora Denise Pires de Carvalho, que concedeu entrevista na quarta-feira (15), o orçamento previsto para este ano era de R$ 329 milhões, valor já considerado insuficiente pela instituição. Deste montante, R$ 23 milhões acabaram cancelados.

Se o pagamento das contas deixar de ser feito, serão afetados 1.450 laboratórios, 170 cursos de graduação e 350 de pós-graduação e, pelo menos, 8.000 bolsistas.

A instituição, que completou cem anos em 2020, destaca-se entre as melhores colocadas no RUF (Ranking Universitário da **Folha**).

Em maio, a UFRJ já havia dito que seriam afetados os serviços de testagem de Covid-19 e a pesquisa de duas vacinas contra a doença, além da redução de leitos hospitalares e de atendimentos a pacientes.

Atualmente, o maior gasto da universidade é com a conta de energia elétrica, R$ 61.221,81. Em seguida, vem o valor utilizado para a segurança dos campi, R$ 51.759.

"Daqui a dois meses, não será possível pagar contas de luz e água", afirmou a reitora. "Afetará nossas colaborações internacionais em pesquisas. Temos, por exemplo, um estudo em andamento da vacina UFRJVac, que pode ser importante em outras fases de vacinação. Vamos ficar sem mais uma vacina que pode ser útil?"

O maior campus da instituição fica na Ilha do Fundão, na zona norte do Rio.

Na cidade, existem 15 prédios da universidade tombados. Um dos mais importantes é o prédio da Faculdade Nacional de Direito, no centro da capital fluminense.

Para exemplificar a falta de investimento, Carvalho citou o incêndio que destruiu parte da estrutura e do acervo de pesquisa do Museu Nacional da UFRJ, na Quinta da Boa Vista, em 2015.

"Os cortes vêm acontecendo de forma progressiva e elas têm promovido perdas estruturais importantes", disse.

O vice-reitor, Carlos Rocha, explicou que, por lei, as contas só podem ser pagas com o dinheiro do orçamento liberado diretamente pelo MEC (Ministério da Educação). Os recursos dos fundos de apoio e fomento à universidade não podem ser repassados para outros contratos.

"Todo o custeio dos laboratórios vem direto do orçamento da universidade. Corremos o risco de não ter limpeza na sala onde pesquisamos o vírus da varíola do macaco. O dinheiro das fundações de apoio não pode ser utilizado para manutenção", disse.

Em maio, o governo Jair Bolsonaro (PL) determinou um corte de R$ 3,23 bilhões do orçamento do MEC de 2022.

O bloqueio atinge também todos os órgãos ligados à pasta, como institutos e universidades federais. Os R$ 3,2 bilhões bloqueados representam um bloqueio de 14,5% no orçamento discricionário do MEC e unidades vinculadas, que somavam R$ 22,2 bilhões. Os recursos discricionários excluem despesas fixas como salários, por exemplo.

Na lista das 16 mais afetadas, além da UFRJ, estão a UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), a UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e a Unifesp (Universidade Federal de São Paulo).

Polícia prende suspeita de ser gerente do tráfico do Jacarezinho

RIO DE JANEIRO Policiais militares prenderam na madrugada desta quinta-feira (16) uma mulher apontada como gerente do tráfico de drogas da favela do Jacarezinho, na zona norte do Rio de Janeiro, segundo informações divulgadas pelo governo estadual.

Ela estava com um homem na avenida Atlântica, em Copacabana, na zona sul do Rio, quando foi abordada e detida pelos agentes.

A mulher, que não teve o nome divulgado, estava foragida do sistema penitenciário depois de não retornar do benefício de visita ao lar no Natal.

A suspeita tem anotações criminais por roubo, tráfico de drogas e associação para o tráfico. A abordagem foi realizada por policiais que atuam na operação Copacabana Presente.

"Ao ser abordado, o casal ficou nervoso e, ao consultarem os dados de identidade, os agentes confirmaram que a mulher constava no portal dos procurados", diz nota assinada pela Secretaria de Estado de Governo do Rio de Janeiro.

A mulher foi encaminhada para a 12ª DP (Delegacia de Polícia), em Copacabana. Ela teria ficado distante do Jacarezinho nos últimos meses. Não foram informados detalhes sobre o homem que estava com ela.

Em maio do ano passado, o Jacarezinho foi palco de uma operação policial que terminou com 28 pessoas mortas. A comunidade é o bairro do Rio com o maior número de pessoas mortas em chacinas decorrentes de ação policial.

Foram 112 mortes nos 19 massacres que ocorreram na favela entre 2007 e 2021, segundo reportagem recente da **Folha**.

Em 24 de maio, uma operação na Vila Cruzeiro, zona norte, deixou 23 mortos.

Corpus Christi volta às ruas após dois anos

Fiéis lotam cidades em SP e MG que fazem as tradicionais procissões e os tapetes coloridos em celebração à data

Marcelo Toledo

RIBEIRÃO PRETO A madrugada desta quinta-feira (16) começou diferente para Maria José Ferreira Francisco, a Teté, que integra a Irmandade Sagrado Coração, em Ouro Preto (MG). Depois de dois anos sem a procissão de Corpus Christi sobre tapetes coloridos, a tradição foi retomada num clima de alegria e fé na cidade mineira.

Ela fez parte de um grupo que foi para às ruas a partir de meia-noite para preparar os tapetes para a celebração, apesar dos termômetros que marcavam 9ºC.

"Já faz mais de 40 anos que passa aqui, a gente trabalha com muita alegria. É na fé, na fé", disse.

A arrumação terminou às 5h e foi regada a um caldo de feijão servido pelos participantes. A celebração começou na Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, de onde partiu a procissão até a Igreja de Nossa Senhora das Mercês e dos Perdões, num trajeto de cerca de três quilômetros.

Foram utilizados 500 quilos de materiais como serragem colorida, cal e pó de café (já usado).

Assim como em Ouro Preto, a comemoração do Corpus Christi depois de dois anos de interrupção por causa das medidas restritivas adotadas em virtude da pandemia da Covid-19 foi marcada por um sentimento de felicidade entre os fiéis de diversas cidades de todo o país.

Na também mineira Sabará, foram confeccionados 400 metros de tapetes com serragem, sal, pó de café, pedrarias e corantes, que resultaram em imagens de Jesus e de cálice de vinho, entre outros elementos religiosos.

As missas começaram às 8h, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no centro histórico.

Já em Matão, que há mais de sete décadas faz a principal celebração da data no estado de São Paulo, foram utilizadas 70 toneladas de dolomita para enfeitar 12 quarteirões.

Cerca de 500 voluntários participaram da produção dos tapetes em ruas da cidade, que tiveram o trânsito interrompido a partir do fim da tarde de quarta-feira (15).

Dez pontos da região central, entre eles as avenidas Quinze de Novembro, Sete de Setembro e Siqueira Campos, foram interditados para que os fiéis pudessem preparar a celebração para mais de 30 mil visitantes, que nesta quinta participam de missas e eventos musicais, além da tradicional procissão.

Em Santana de Parnaíba, na região metropolitana de São Paulo, o centro histórico foi colorido com 60 tapetes, numa extensão de 800 metros, para as celebrações desta quinta.

Foram utilizadas dez toneladas de materiais como serragem, que envolveram 1.200 fiéis em sua produção desde o início da manhã. A tradicional procissão, nesta tarde, deve reunir 30 mil pessoas.

Outras cidades também enfeitaram suas ruas nesta quinta, como Campinas, Jaboticabal, Valinhos, Itapetininga e Sumaré, no interior paulista, e Guarapari (ES).

"Vamos rezar para todos, pedir a Deus que essa pandemia vá embora, para a gente poder trabalhar com menos medo, porque a gente ainda está com muito medo da doença. Já fui vacinada, mas temos de ter os cuidados, ela não está indo embora, não. Faz que vai e volta. Mas o coração de Jesus é tudo para nós", disse Teté.

Colaborou Ane Souz

Saída da procissão de Corpus Christi, na Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto (MG) Ane Souz/Folhapress

Tati Bernardi

Excepcionalmente, a coluna não é publicada nesta sexta (17)

Proximidade com cracolândia faz evento pré-Parada LGBT de SP reforçar segurança

Mariana Zylberkan

SÃO PAULO Uma fileira de seguranças privados ocupa cada uma das entradas da Feira da Diversidade, organizada nesta quinta (16) no largo do Arouche, no centro de São Paulo. Em meio às barracas, ao menos seis carros da GCM (Guarda Civil Metropolitana) se concentram em uma das calçadas.

Principal evento de aquecimento da Parada LGBT, que acontece este domingo (19), a feira teve segurança reforçada neste ano por causa da proximidade com a cracolândia, fixada a poucos metros, na rua Helvétia. "Contratamos mais agentes privados para evitar invasões", diz Claudia Garcia, presidente da Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, que organiza os dois eventos.

Mais cedo, quando as barracas começaram a funcionar, um dos expositores disse que um grupo de dependentes químicos entrou no espaço delimitado por cavaletes de ferro, e a organização pediu reforço no efetivo da Polícia Militar. Procurada, a Secretaria da Segurança Pública não respondeu.

Os PMs estavam posicionados em frente a uma das barracas mais concorridas, que vende adereços com as cores do arco-íris, símbolo do orgulho LGBT. "Dos eventos dessa retomada pós-pandemia, a Parada era o evento mais esperado. Frequento há mais de 20 anos", diz o relações públicas Antônio Montano, 46.

Em outra barraca, que vendia itens de sex shop, a sensação era pelo brinquedo que simula uma disputa de masturbação com objetos de plástico. "Quem vence ganha um brinde", incentiva a dona da loja, Mariana Marques. Os ganhadores levam um gel estimulante.

É a primeira vez que ela vende na Feira da Diversidade. "As pessoas estão mais abertas aos brinquedos eróticos", diz.

Com cerca de 50 stands, a feira reuniu entidades privadas e públicas de defesa da causa LGBTQIA+. Uma das barracas oferecia teste gratuito de HIV.

A estudante Ruby Cinigalha, 20, chegou cedo ao largo do Arouche para participar da iniciativa de uma marca de cerveja para retificar o nome social de pessoas trans. "Já tinha 70 pessoas na minha frente", disse, após abraçar o namorado com o papel que dá início ao processo de troca dos documentos.

Segundo a diretora de marketing da Amstel, Vanessa Brandão, cerca de 800 pessoas fizeram o pré-cadastro, bem mais do que a capacidade de atender 200 pessoas na barraca montada no local. "Vamos continuar nos próximos dias para dar conta da demanda", diz.

Os custos para alterar o nome na carteira de identidade chegam a R$ 500 e podem demorar meses. A iniciativa arca com esses custos e agiliza o processo, segundo Brandão.

Ao lado do namorado, Samuel Papellas Szabo, 22, a estudante comemorou. "Toda vez que preciso mostrar a identidade digo que está errado. Não me reconheço naquela pessoa", diz.

Antônio Montano e o marido, Walber Franco, na Feira da Diversidade, em São Paulo Mariana Zylberkan/Folhapress

Regina LaBelle

Polícia deve ajudar usuário de drogas a ficar longe da cadeia

Para ex-diretora de combate aos entorpecentes da Casa Branca, forças de segurança precisam auxiliar pessoas a encontrar tratamento

ENTREVISTA

Rafael Balago

WASHINGTON Policiais que atuam no combate às drogas precisam entender melhor como os vícios funcionam e ajudar os usuários a obter o melhor tratamento. Essa é a visão de Regina LaBelle, ex-diretora de combate às drogas da Casa Branca. Para ela, essa conduta trará mais benefícios para a sociedade do que prender usuários em massa.

"Quanto mais as forças de segurança entenderem como os vícios funcionam, mais salvarão vidas. A coisa mais importante é ter certeza de que os policiais entendem o aspecto de saúde pública da questão e que atuem para evitar que as pessoas cheguem ao sistema de Justiça criminal", defende.

"Se você gasta US$ 1 em redução de danos, US$ 1 em apoio à recuperação, economiza quantos dólares que seriam gastos em encarceramento?"

LaBelle foi diretora do Escritório Nacional de Políticas de Controle de Drogas da Casa Branca, na gestão de Joe Biden, entre janeiro e novembro de 2021. Ela pesquisa e trabalha com o tema desde os anos 1990, quando foi conselheira da Prefeitura de Seattle. A cidade enfrenta, há décadas, problemas de uso de drogas em certas áreas, como na cracolândia, em São Paulo.

Atualmente, LaBelle é diretora do mestrado em políticas de vício da Universidade Georgetown, em Washington. "Estamos treinando a próxima geração de pessoas que vão trabalhar com políticas de vício, para que elas entendam como a ciência funciona. A ciência e a compaixão guiam nossas políticas", diz.

*

O que governantes deveriam fazer, e não fazer, para combater o uso de drogas em vias públicas? A primeira coisa é ter uma estratégia nacional de saúde pública relacionada ao uso de drogas, ou ao menos uma estratégia municipal, também importante.

Para isso, você precisa descobrir quais são os principais problemas, que substâncias estão sendo usadas e como estão sendo usadas. Isso precisa de pesquisa. E até onde sei, a última pesquisa feita no Brasil [sobre drogas] é de uma década atrás.

Você precisa de pesquisa para entender o tamanho do problema e criar estratégias. No meu entendimento, o uso de cocaína é um problema maior. E há um tratamento efetivo, o gerenciamento de contingência [redução de danos]. Estamos fazendo mais disso nos Estados Unidos.

O governo Biden tem expandido o uso de gerenciamento de contingência, que é uma forma efetiva de tratar excessos no uso de estimulantes. Uma vez que você faz essa pesquisa, cria a estratégia e se aprofunda nos tipos de tratamentos com evidências do que funciona.

E a outra parte, que é muito maior e de longo prazo, é olhar as condições sociais que estão levando ao uso de substâncias e à condição de morar na rua. Olhar para a pobreza, desemprego, condições de moradia.

Há um foco muito maior nos EUA nesses determinantes sociais da saúde. Eles podem levar ao uso problemático de substâncias e ao vício. Essas questões podem incluir encarceramento e traumas que as pessoas experimentaram quando jovens. A parte das condições sociais é muito ampla, e de longo prazo, mas também precisa ser encarada.

Nós temos, tradicionalmente, olhado para o abuso de drogas com uma abordagem punitivista. E nossa pesquisa mostra claramente que a punição não é o caminho para melhorar as condições ou impedir as pessoas de terem problemas por uso de substâncias. É realmente preciso reduzir os danos associados ao uso de substâncias, assim como levar as pessoas a terem vidas mais saudáveis.

Global Engagement - 19.mai.21/flickr

Regina LaBelle
Fundadora e diretora do mestrado em políticas de vício, da Universidade Georgetown, e ex-diretora do ONDCP (Escritório Nacional de Políticas de Controle de Drogas), onde atuou em 2021, no começo do governo de Joe Biden. Estudou direito na Georgetown e ciência política no Boston College. Foi conselheira jurídica da Prefeitura de Seattle e professora na Universidade de Seattle

Como fazer isso na prática? O uso de drogas precisa ser abordado da perspectiva de saúde pública, não política, não partidária. Todo mundo tem algum familiar afetado por isso, e não deveria ser uma questão política, em que você faz algo para ganhar pontos. E temos de ter certeza de que estamos tratando as pessoas com compaixão.

Em Georgetown, criei um programa de mestrado em políticas de vício. O propósito é garantir que estamos treinando a próxima geração de pessoas que vão trabalhar com políticas de vício, para que elas entendam como a ciência funciona. A ciência e a compaixão guiam nossas políticas.

Se eu fosse dar um conselho, seria garantir que estamos olhando para todos os lados da questão, mas que não há uma solução única que sirva para tudo. E precisamos garantir que estamos pensando primeiro nas pessoas mais afetadas pelo problema.

Como vê o avanço das políticas de redução de danos? No ano passado, no governo Biden, divulgamos nossas prioridades. Pela primeira vez, incluímos uma ênfase específica em redução de danos. O estigma com as pessoas que usam drogas as afasta do sistema de saúde tradicional, de um modo que amplia os danos associados ao uso de substâncias.

A redução de danos também significa tratar com respeito as pessoas que usam drogas, e não pensar que, se você puni-las o bastante, elas vão resolver os problemas que enfrentam, ou que você vai reduzir os danos associados ao uso de drogas se você apenas puni-las. Combater o estigma e reduzir danos é, com certeza, um esforço que precisa ser feito.

Como usar operações policiais de modo efetivo? O primeiro de tudo é ter certeza de que a polícia tem conhecimento sobre que tipo de vício está lidando. Há programas nos EUA em que agentes de segurança trabalham com assistentes sociais do serviço de saúde, para evitar que as pessoas caiam no sistema de justiça criminal.

Então não é o policial que decide se uma pessoa merece ou não ter tratamento —e as necessidades da pessoa podem ir além, como incluir moradia, emprego, outros serviços sociais.

Não acho que o Brasil tenha um grande problema com uso de opioides como temos nos Estados Unidos, com heroína e fentanil, mas as forças de segurança americanas têm levado Naloxone para as operações, uma droga capaz de reverter overdose. É uma forma de ajudar as forças de segurança a se envolverem no lado da saúde pública.

Quanto mais eles entenderem como os vícios funcionam, mais salvarão vidas. A coisa mais importante é ter certeza de que eles entendem o aspecto de saúde pública e que atuem junto com o setor de saúde pública para evitar que as pessoas cheguem ao sistema de Justiça criminal.

Tratamentos de usuários costumam ser longos e custosos, em um momento de falta de dinheiro para gastos públicos. Como lidar com essa questão? Reduzir os danos associados ao uso de drogas na verdade traz os custos [do governo] para baixo. Ao longo do tempo, isso reduz os gastos que seriam feitos com tratamento de saúde ou com o sistema de Justiça criminal. A outra parte é aumentar os serviços de apoio à recuperação, como empregos e moradia.

De um ponto de vista de políticas, se você gasta US$ 1 em redução de danos, US$ 1 em apoio à recuperação, quantos dólares que seriam gastos em encarceramento você economiza? É esse tipo de coisa que os formuladores de políticas podem olhar para decidir onde colocar os recursos.

Bloquear o suprimento de drogas é importante, tanto no nível internacional como local. Mas se você desvia as pessoas do sistema de justiça criminal, reduz os danos associados ao uso de drogas, dá a elas o tratamento e o suporte de que precisam, ao longo do tempo —não imediatamente—, isso economizará dinheiro.

Como a pandemia afetou o uso de drogas e o aumento de moradores de rua? Há relação entre as duas coisas? É uma questão complicada. Vimos uma alta nas mortes por overdose e nos danos associados ao uso de substâncias. Tivemos aumentos no uso de álcool. Os danos foram exacerbados.

Houve também uma ruptura nos serviços de saúde que teriam sido oferecidos [se não fosse a pandemia]. Mas tivemos algumas coisas boas. Houve um bom trabalho em oferecer telemedicina, o que reduz as barreiras ao tratamento.

Ao longo do tempo, isso será útil, mas agora, nos Estados Unidos, temos muito fentanil sendo oferecido como droga, e é por isso que vemos um aumento, ano após ano, nas mortes por overdose.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Vereador e deputado, foi defensor dos aposentados

ARNALDO FARIA DE SÁ (1945 - 2022)

Bruno Lucca

SÃO PAULO O vereador paulistano e ex-deputado federal Arnaldo Faria de Sá morreu em São Paulo na manhã desta quinta-feira (16), aos 76 anos. A causa não foi divulgada.

A morte foi confirmada por seu partido, o PP, que lamentou a perda de "um grande homem e líder político".

"Informamos com muita tristeza o falecimento do nosso eterno líder, Arnaldo Faria de Sá. Que Deus conforte toda família e amigos. A Família Progressista perde um grande homem e líder político", disse a legenda no Twitter.

Correligionário e amigo de Sá, o deputado Fausto Pinato (PP-SP), diz que o vereador foi professor e confidente de uma geração. "Hoje eu perdi um dos meus maiores aliados e amigos na política. Era um homem de bom coração que fazia questão de abraçar os jovens políticos. Minha geração perdeu um grande mestre."

Pinato acrescentou que o país perde um importante defensor dos direitos de aposentados e pensionistas.

Na Câmara dos Deputados, Faria de Sá foi coordenador da Frente Parlamentar em Defesa da Previdência Pública, exercendo a defesa do setor nas votações das reformas previdenciárias nos governos FHC, Lula, Dilma e Temer.

Políticos de todo o país com os quais Sá conviveu em Brasília também se manifestaram. O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), mostrou pesar em suas redes sociais e definiu seu correligionário como "notório regimentalista". Ele decretou luto oficial de três dias.

Apesar de estarem em lados opostos atualmente, Paulo Paim (PT), senador pelo Rio Grande do Sul, elogiou o vereador. "Recebi com muita tristeza a notícia. Um grande homem público. Parceiro das lutas em defesa dos aposentados e pensionistas. Ele foi fundamental na criação do Estatuto do Idoso. Meus sentimentos aos familiares e amigos", declarou.

Arnaldo Faria de Sá nasceu em São Paulo no dia 30 de dezembro de 1945 e foi deputado federal por oito mandatos. Ele ingressou na atividade parlamentar em 1986, quando foi eleito deputado federal constituinte pelo PTB.

Além de deputado federal, Faria de Sá foi secretário municipal de Esportes e de Governo da cidade de São Paulo.

O seu atual mandato como vereador foi conquistado em 2020. Nele, Sá presidiu a Comissão do Idoso e Assistência Social da Câmara e foi responsável pela criação das Delegacias de Polícia do idoso em São Paulo.

Faria de Sá também presidiu, nos anos início dos anos 1990, a Portuguesa de Desportos, tradicional clube paulistano. Era inclusive o comandante do clube na conquista da Copa São Paulo de Futebol Júnior de 1991. Ele deixou o cargo em 1993.

"Neste momento de tristeza, a Portuguesa se solidariza com os amigos e os familiares. As informações sobre o velório e enterro ainda não foram divulgadas até o momento", afirmou o clube.

Faria de Sá deixa a mulher, duas filhas e três netos.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Cláudia Collucci, repórter especial da Folha, faz mediação do evento Keiny Andrade/Folhapress

Pandemia interrompe tratamentos e agrava doenças na população

Consultas periódicas, represadas na crise, são essenciais para prevenir e diagnosticar enfermidades oftalmológicas

Catarina Ferreira

SÃO PAULO A pandemia represou consultas e procedimentos de saúde ocular, prejudicando pacientes que tratam doenças como o glaucoma, que acomete o nervo óptico e causa perda irreversível no campo de visão.

Rapidez no diagnóstico é essencial para que as doenças da visão sejam devidamente tratadas e a qualidade de vida do paciente, a melhor possível. A opinião foi compartilhada por especialistas no seminário Saúde dos Olhos, promovido pela **Folha** na terça (14).

O seminário teve mediação de Cláudia Collucci, repórter especial do jornal. O patrocínio foi da biofarmacêutica Allergan, uma empresa Abbvie.

"Atualmente recebemos pacientes com condições mais críticas por terem tido dificuldade de controle da doença na pandemia", afirma Roberto Vessani, chefe da divisão de glaucoma do Departamento de Oftalmologia da Unifesp.

O período de maiores perdas veio com as medidas mais restritivas de isolamento, em 2020, que "deixaram um grande revés no setor", afirma Sérgio Pimentel, chefe do serviço de retina do Hospital das Clínicas da USP.

"A chave para ter saúde a vida toda é prevenir e não tratar apenas quando a doença for avançada", afirma Pimentel.

Entre as especialidades monitoradas pelo CFM (Conselho Federal de Medicina), a oftalmologia registrou a maior queda de atendimentos entre 2019 e 2020, 34%.

Consultas, exames de mapeamento de retina e aferição da pressão intraocular caíram de 18,5 milhões para 12,2 milhões no período.

Nesse cenário, mais pessoas tiveram casos graves de catarata, por exemplo, que torna a visão opaca ao longo do tempo. A doença é a principal causa de cegueira reversível, segundo a OMS.

A enfermidade é comum em pessoas acima dos 55 anos e, quanto mais cedo for tratada, melhor a recuperação e a qualidade de vida do paciente, explica Bruno Machado Fontes, diretor da Associação Brasileira de Catarata e Cirurgia Refrativa. O médico diz que a tecnologia é um dos principais recursos da oftalmologia, o que aumenta a segurança das cirurgias.

Segundo o Conselho Federal de Oftalmologia, o número de cirurgias de catarata dobrou na última década. Entre 2009 e 2019, o total de procedimentos feitos pelo SUS passou de 302 mil para 601 mil.

Paciente com baixa visão e diretora da Escola Estadual Professor Jacob Casseb, em São Bernardo do Campo (SP), Ellen Pouseiro ressalta a importância de consultas com oftalmologista na infância, desde o primeiro ano de vida. Assim, é possível identificar o desenvolvimento e o crescimento dos olhos da criança.

Ela conta que nasceu com baixa visão, 5% no olho esquerdo e 10% no olho direito, devido uma infecção por toxoplasmose congênita, quando a doença é transmitida ainda na gestação. A enfermidade é causada por um protozoário, que chega ao corpo pela ingestão de alimentos mal lavados ou carne mal cozida.

Pimentel, da USP, diz que a infecção pode afetar diversos sistemas do corpo e a manifestação na visão é uma das mais comuns. "A prevenção é o mais importante, consumindo alimentos sempre bem higienizados e cozidos."

O médico diz também que suplementos vitamínicos para a visão são indicados só em casos específicos, com orientação médica. O melhor para a população em geral é ter alimentação balanceada.

Os debatedores também falaram sobre a associação entre maior tempo de exposição às telas, tônica da pandemia, e prejuízos aos olhos. "A tecnologia causa muito mais fadiga do que lesão. O cansaço é grande, mas o prejuízo não é permanente", diz Pimentel.

Fontes, da associação de catarata, completa dizendo que o cansaço ocular pode causar dores de cabeça, secura e ardência. "Pausas, hidratação e eventualmente o uso de colírios ajudam nesses sintomas."

VEJA O DEBATE
folha.com/umzey4bo

MESA 1

O ideal é que os pacientes tenham acesso a informação para evitar as patologias oculares ligadas ao envelhecimento

Roberto Vessani
chefe da divisão de glaucoma da Unifesp

A chave para ter saúde a vida toda é prevenir, e não tratar apenas quando a doença for avançada

Sérgio Pimentel
chefe do serviço de retina do Hospital das Clínicas da USP

Catarata é uma patologia que vai acometer todo mundo que viveu o suficiente, é como cabelos brancos e rugas

Bruno Machado Fontes
diretor de associação de catarata e cirurgia refrativa

Tudo que acontece na sociedade acontece na escola. Precisamos estar alinhados com políticas públicas de saúde e educação

Ellen Pouseiro
paciente com baixa visão

MESA 2

Pacientes precisam ter a consciência de que existem doenças que podem cegar. Promover essa informação é crucial

Mirko Babic
especialista em glaucoma pela USP e gerente da Allergan

No Judiciário, o concursado, ao começar, vai a locais distantes e depois muda-se para perto das capitais. Isso poderia ser implementado na área da oftalmologia

Jacob Cohen
professor da Ufam

A gente pode ter oftalmologistas em todas as cidades do Brasil, mas, se não tiver estrutura e tecnologia, isso se torna um problema. São dois lados da moeda

Ralf Toenjes
fundador da ONG Renovatio

Não é sobre colocar um oftalmologista em cada um dos municípios brasileiros, mas é importante estruturar a condição para que o médico seja acessível

Cristiano Caixeta Umbelino
presidente do CBO

Comentário dos leitores

Como foi falado pelos especialistas, o desafio hoje é ter acesso a diagnóstico e tratamento no país. Infelizmente, por falta de visão dos gestores públicos, poucos usuários, que têm acesso à rede particular, conseguem se tratar.

Embora insuficiente, é muito importante o trabalho de ONGs como a Renovatio, que leva assistência aos rincões do Brasil e à população de baixa renda. Gostei da sugestão do professor da Universidade Federal do Amazonas de criar meios para diminuir a desigualdade de acesso ao oftalmologista, e aí sugiro que recém-formados na área sejam financiados pelo governo para fazer residência em municípios afastados.
Henrique Prado
contador, Paraty (RJ)

Muito importantes eventos como este, que reforçam a importância de falar sobre saúde. Ainda mais saúde dos olhos. Quantos poderiam deixar de perder a visão se tivessem informação de qualidade no tempo certo? Excelente iniciativa!
Fernanda Salinas
relações públicas, São Paulo (SP)

O seminário foi muito necessário para quem busca por esse tipo de informação, que nem sempre vira pauta. A discussão foi acessível e promoveu importantes assuntos, como o difícil acesso a consultas e possíveis exames e tratamentos. A fala de Ellen Pouseiro, que tem baixa visão, foi um ponto-chave e nos mostrou outra perspectiva sobre o tema.
Letícia Ribeiro
professora, Santo André (SP)

O seminário foi importante e esclarecedor. Criando um ambiente relevante para todos e de maneira gratuita, a **Folha** se mostra interessada e preocupada com questões relevantes para população. Minhas questões foram respondidas e ainda obtive conhecimentos sobre a situação das dificuldades relacionadas à saúde dos olhos de vários estados.

Os debatedores das mesas estão de parabéns por conseguirem discutir as questões de uma maneira leve e esclarecedora.
Lilian Mendes
psicóloga, São Paulo (SP)

A primeira mesa foi mais interessante, pois abrangeu assuntos de meu interesse. Já na segunda achei tudo muito técnico, mas nem por isso deixei de assistir. Muito interessante saber das dificuldades do nosso povo no acesso ao oftalmologista e às pessoas preparadas para diagnosticar deficiência visual.
Bernadete Moreira
psicóloga, São Paulo (SP)

País tem número alto de especialistas, mas mal distribuídos

Pedro Lovisi

BELO HORIZONTE Há muitos oftalmologistas no Brasil. Eles, porém, não conseguem chegar de forma suficiente a regiões remotas do país e, com isso, o atendimento básico de saúde ocular do SUS (Sistema Único de Saúde) é insatisfatório. A boa notícia é que avanços tecnológicos podem mudar esse cenário.

A **Folha** organizou na terça-feira (14) o seminário Saúde dos Olhos e discutiu os acessos e desafios do setor no Brasil. O evento foi patrocinado pela biofarmacêutica Allergan, uma empresa AbbVie.

Participaram da segunda mesa do evento Jacob Cohen, oftalmologista e professor da Ufam (Universidade Federal do Amazonas); Ralf Toenjes, fundador da ONG Renovatio, que promove ações de saúde visual e doação de óculos; Mirko Babic, especialista em glaucoma pela USP; e Cristiano Caixeta Umbelino, presidente do CBO (Conselho Brasileiro de Oftalmologia).

Umbelino defende a inserção da oftalmologia na atenção básica para encurtar a fila de atendimento do SUS. "A presença do oftalmologista facilitaria a referência do paciente e a adequada coordenação dentro do sistema de saúde para que a pessoa chegue ao profissional qualificado no tempo certo", afirma.

De acordo com pesquisa Datafolha de outubro de 2021, metade dos brasileiros com 16 anos ou mais têm dificuldade para enxergar.

"Pacientes precisam ter consciência que existem doenças que podem cegar. Promover essa informação é crucial", diz Babic. "O SUS promove tratamento e diagnóstico de várias doenças oculares."

Já Cohen destaca a resistência de oftalmologistas para trabalhar no interior. "No Poder Judiciário existe a política de que o concursado, ao entrar na carreira, deve ir a locais mais distantes e, apenas depois de anos, muda-se para regiões mais próximas das capitais. Isso também poderia ser implementado na área da oftalmologia."

Ele defende que universidades obriguem os formandos a fazerem residência no interior. Segundo censo de 2021 do CBO, o Brasil tem 19,5 mil oftalmologistas. Na média, o país tem um especialista para cerca de 11 mil habitantes.

Para países desenvolvidos, a OMS preconiza a relação de um médico para 17 mil pessoas. No Norte, porém, a média registrada pelo CBO é de um para 19,5 mil —única região com dados inferiores ao recomendado pela entidade.

No âmbito estadual, apenas Amapá e Maranhão têm números abaixo do estipulado pela organização.

O censo destaca ainda que a oftalmologia está presente em 30% dos municípios brasileiros. Nesse caso, as cidades acolhidas agregam quase 80% da população do país.

Os debatedores defendem a necessidade de ampliar a telemedicina para solucionar a distribuição. "Existem muitas tecnologias que que estão chegando para transformar a relação entre doutor e paciente na oftalmologia. Há ainda a inteligência artificial para apoiar na triagem do paciente, que é onde o SUS falha", diz Toenjes, da Renovatio.

Segundo ele, cerca de 10% das pessoas que estão na fila do SUS para atendimento não precisam estar lá. A razão para isso seria a falha no encaminhamento dos pacientes. "Às vezes tem alguém com problema urgente na retina na mesma fila de uma pessoa que precisa de óculos."

O CFM (Conselho Federal de Medicina) regulamentou em abril a telemedicina no Brasil.

Umbelino, do CBO, defende ainda a necessidade de individualizar o atendimento com base nas características das regiões. "Não é sobre colocar um oftalmologista em cada um dos municípios brasileiros, mas é importante estruturar a condição para que o médico seja acessível."

VEJA O DEBATE
folha.com/6rgk17ca

Um quarto dos brasileiros não vai ao oftalmologista, indica pesquisa

Medicina recomenda ida ao especialista ao menos uma vez por ano, ainda que 'enxergue bem'

Karina Pastore

Conheça hábitos do país no cuidado com a visão

Resposta estimulada e única, em %

Costuma ir ao oftamologista/oculista

- 76% Entre mulheres
- 83% Entre quem tem mais de 60 anos
- 82% Entre quem tem ensino superior
- 85% Entre quem tem diabetes

Não costuma ir ao oftamologista/oculista

- 33% Entre moradores da região Norte
- 31% Entre quem faz parte das classes D/E
- 30% Entre homens
- 25% Entre quem não tem diabetes

62% dizem ter ido ao oftalmologista no último ano

Resposta estimulada e única, em %

Última vez que foi a uma consulta...

- 95% dos que vão ao médico com frequência afirmam ter realizado o teste de leitura das letrinhas
- 41% dizem ter realizado outros exames, como mapeamento da retina e ultrassom

Fonte: Pesquisa Datafolha/Allergan com 2.088 pessoas com 16 anos ou mais em 130 municípios do Brasil, entre os dias 4 e 11 de outubro de 2021. A margem de erro máxima para o total da amostra é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos

SÃO PAULO Aconteceu no último Carnaval. O primeiro sinal veio sob a forma de pequenos pontos pretos, flutuando diante do olho direito. Mas, Alexandre Cavalcanti, 49, não deu importância. Na manhã seguinte, quando acordou, o consultor de sistemas já não enxergava praticamente nada. Bateu o pânico.

Era feriado. Do médico encontrado às pressas veio o diagnóstico: descolamento de retina. "Você pode ficar cego", afirmava o especialista, insistindo na urgência da cirurgia. Cavalcanti decidiu arriscar e esperar pela volta de seu oftalmologista. Em 48 horas, foi operado. Hoje, completamente recuperado, se emociona ao lembrar do episódio. A angústia daqueles dias, ele sabe, poderia ter sido, se não evitada, amenizada.

Portador de alta miopia havia seis anos, Cavalcanti não fazia check-ups. "Um monte de coisa para fazer e a gente vai levando", justifica ele. "E o que está bom, você acha que não tem problema."

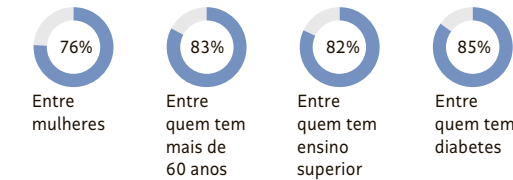
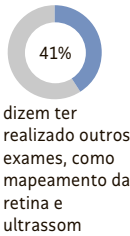
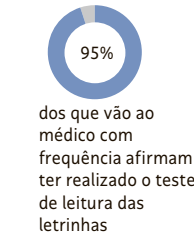
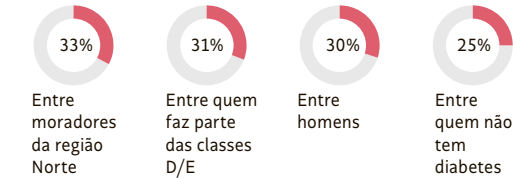
Se fosse ao oftalmologista ao menos uma vez por ano, como preconiza a medicina, Cavalcanti saberia que miopia grave é fator de risco para descolamento de retina.

O caso ilustra o comportamento de muitos brasileiros em relação à saúde ocular, como mostra pesquisa Datafolha, com 2.088 pessoas, em 130 municípios. Delas, 24% não vão ao oftalmologista.

É a minoria, sim, mas um contingente grande o bastante para despertar a preocupação de especialistas, sobretudo porque metade do total de entrevistados relata alguma dificuldade para enxergar. Por outro lado, 42% dos ouvidos disseram ter ido ao oftalmologista ao menos uma vez nos últimos 12 meses.

Dos que dispensam o acompanhamento, 60% o fazem porque alegam "enxergar bem", como Cavalcanti. Uma premissa tão equivocada quanto arriscada. "O sistema óptico funciona por compensação", diz o oftalmologista Rodrigo Pegado, da SBO (Sociedade Brasileira de Oftalmologia). "Como temos dois olhos, muitas vezes um olho acaba compensando o que está ruim e a pessoa tem a falsa sensação de que está tudo normal."

Além disso, condições graves, como catarata e glaucoma, são lentas e silenciosas. Quando surgem os primeiros sintomas, pode ser tarde.

Caracterizado por danos progressivos no nervo óptico, o glaucoma, por exemplo, pode avançar ao longo de 10, 20 anos, sem dar nenhum sinal. E fibra óptica lesionada não se regenera, alerta Pegado. Segunda causa de cegueira no Brasil, o distúrbio afeta 900 mil pessoas no país, de acordo com a OMS (Organização Mundial de Saúde).

No Brasil, segundo o IBGE, 35 milhões de pessoas têm algum problema ocular. Deles, quase 600 mil são cegos. Em 80% dos casos, a visão poderia ter sido preservada com medidas preventivas e/ou tratamentos adequados, diz a OMS.

Não é por falta de informação. Conforme o Datafolha, 95% dos entrevistados conhecem as principais doenças oculares. Entre as mais citadas estão catarata (95% das menções) e glaucoma (74%).

Outro dado da pesquisa que chama a atenção dos especialistas é a qualidade das consultas preventivas. Dos que vão ao médico regularmente, menos da metade é submetida a outros exames além do teste de acuidade visual.

Muitas vezes, o paciente lê facilmente as letrinhas da tabela de Snellen e, ainda assim, tem doença grave. O rastreamento básico, diz o oftalmologista Pegado, prevê também medição da pressão intraocular e análise do fundo de olho.

Bons hábitos, como não fumar e ter dieta equilibrada, são igualmente fundamentais para a saúde dos olhos.

Com o aumento da expectativa de vida, a incidência das doenças oculares também cresce. Muitas estão associadas à falta de controle de outras condições crônicas, típicas do envelhecimento. Uma das mais comuns e perigosas, a retinopatia diabética, na imensa maioria dos casos, surge em decorrência do manejo inadequado do diabetes.

Deixada a seu próprio curso, a complicação microvascular da retina, causada pelo excesso de glicose no sangue, pode levar até 50% dos pacientes à cegueira em cinco anos. No Brasil, o Ministério da Saúde estima em 2 milhões o número de doentes.

Junto com hipertensão e aterosclerose, o diabetes também é fator de risco para OVR (oclusão venosa da retina), caracterizada pelo enrijecimento das artérias da retina ou por sua obstrução, causada, em geral, por coágulo.

A urgência na promoção da saúde ocular não visa só o bem-estar dos pacientes de hoje, mas também conter a explosão de problemas prevista para os próximos anos.

O descuido com a prevenção impacta a qualidade de vida dos doentes e suas famílias, e a precariedade das políticas e programas de detecção precoce afeta cofres públicos.

A lei 14.126, promulgada em 2021, garante a quem enxerga apenas com um olho os mesmos direitos e benefícios dos deficientes. "Há uma importância muito grande da prevenção como estratégia política de redução de custo social", afirma Pegado.

Indígena é atendido durante ação da Renovatio em Ilhéus (BA) José Nazal/Folhapress

Entidade leva atendimento e óculos a comunidade indígena no litoral da BA

SÃO PAULO Mais de 500 pessoas receberam atendimento oftalmológico na comunidade de indígena Sapucaieira, em Ilhéus (BA), no início de junho.

O projeto é uma parceria da Renovatio, organização que oferece tratamento oftalmológico a pessoas em situação de vulnerabilidade, com a Sesai (Secretaria Especial de Saúde Indígena) e o Instituto Suel Abujamra, de saúde ocular.

Exames, entrega de óculos, atendimento odontológico e atividades educacionais fizeram parte da ação. Além dos moradores da região, a iniciativa atendeu outras 36 comunidades vizinhas.

A comunicação com a comunidade foi feita pelo Dsei (Distrito Sanitário Especial Indígena), unidade da Sesai que leva saúde básica a territórios indígenas. No país, existem 34 distritos, distribuídos de acordo com a localização dos povos originários.

Há sete anos, a Renovatio leva a escolas, centros comunitários, territórios indígenas e ribeirinhos doação de óculos, exames de mapeamento de retina, ultrassons e tratamento para doenças como glaucoma e catarata.

A estrutura médica é levada às localidades por uma unidade móvel equipada com um centro de diagnóstico completo. As ações da instituição são mantidas por parcerias com os setores público e privado, além de doações.

Ações como a de Ilhéus são voluntárias. O trabalho do Dsei é fazer a logística e a instalação da estrutura, além de identificar quais as principais demandas de cada região. CF

668.892 mortes
148 óbitos entre quarta e quinta

31.640.775 casos
31.009 registrados em 24 horas

Aplicação da 4ª dose da vacina contra Covid a pessoas acima de 50 anos, em UBS na Bela Vista, em São Paulo Danilo Verpa/Folhapress

Saúde vai liberar 4ª dose contra Covid a maiores de 40 anos

Cobertura vacinal está estagnada em alguns grupos, e governo federal corre o risco de perder 28 milhões de doses

Cláudia Collucci

SÃO PAULO O Ministério da Saúde vai anunciar na próxima semana a ampliação da quarta dose da vacina contra a Covid (ou a segunda dose de reforço) a pessoas a partir de 40 anos de idade.

A medida foi discutida nesta quinta (16) em reunião do PNI (Programa Nacional de Imunizações), e uma nota técnica sobre a ampliação deve ser publicada a partir da próxima segunda (20).

A segunda dose de reforço está liberada para a população acima dos 50 anos desde o último dia 4. Assim como ocorreu nas outras faixas etárias, a quarta dose só pode ser aplicada no mínimo quatro meses após a terceira.

Alguns locais, como o Distrito Federal, Teresina e Belém, já começaram a aplicação da quarta dose antes mesmo da recomendação do ministério. Os estados e municípios não são obrigados a seguir as recomendações do governo federal e podem elaborar regras próprias para o combate à pandemia, como reforçou o STF (Supremo Tribunal Federal) em decisão de 2020.

Na avaliação de Renato Kfouri, diretor da SBIn (Sociedade Brasileira de Imunizações) e que compõe a câmara técnica que assessora o PNI, a ampliação para a faixa dos 40 anos é uma tendência.

"Tem mais comorbidades nessa faixa etária. É melhor do que ficar mandando liberar para os diabéticos, para os cardiopatas, então já libera para todo mundo acima dos 40 anos. É um momento que tem vacina. [A imunização] Vai ser com [a vacina da] AstraZeneca em especial, mas ainda tem Janssen e um pouco de Pfizer. Vamos ver se a gente acelera a cobertura vacinal."

Para ele, ainda que os benefícios da quarta dose aos adultos jovens não sejam tão claros, há dados mostrando que atual proteção vacinal se sustenta por pouco tempo. "Como o país enfrenta uma nova onda de casos, vale a pena. Não é [uma medida] equivocada não."

A epidemiologista Ethel Maciel, professora da Universidade Federal do Espírito Santo, também defende a medida. "Com o aumento dos subtipos da ômicron BA.4 e BA.5 e a diminuição de tempo para reinfecção que a variante provoca, é uma medida muito interessante, até porque estamos com vacina em estoque."

"Temos vacina para vencer, então é melhor vacina no braço. Infelizmente não temos campanha por parte do governo federal. É importante a proteção para esse grupo também."

Conforme revelou a **Folha**, o Ministério da Saúde pode perder até o fim de agosto quase 28 milhões de doses de vacinas contra a Covid-19 compradas a R$ 1,23 bilhão caso os imunizantes não sejam aplicados até lá.

Os lotes se acumulam no momento em que a cobertura está estagnada e o governo Jair Bolsonaro (PL) trata com desdém a perda de fôlego da campanha de vacinação.

São ao menos 26 milhões de unidades da AstraZeneca e 1,92 milhão de doses da Pfizer que perdem a validade nos próximos dois meses (11,72 milhões e 16,35 milhões vencem, respectivamente, em julho e agosto).

O infectologista Julio Croda, pesquisador da Fiocruz, vê a ampliação da quarta dose para os acima de 40 anos com ressalvas. Segundo ele, após a terceira dose, os dados mostram que há evidências de ganho de resposta imune importante em comparação à segunda dose. Mas o mesmo não ocorre em relação à quarta dose.

"Essa população de adultos jovens, até 50 anos, tem menor risco de hospitalização e de óbito. Com três doses de vacina, já tem uma excelente proteção."

Ainda que exista uma discussão importante sobre a queda da proteção vacinal ao longo do tempo, especialmente entre os idosos, ainda não há uma resposta definitiva sobre qual seria o melhor momento para voltar a vacinar esse público de adultos jovens.

"Existem dúvidas do ponto de vista científico se é importante reduzir a faixa etária para 40 anos porque o ganho pode ser bem pequeno em relação à hospitalização e óbito."

Ao mesmo tempo, Croda lembra que as coberturas vacinais de terceira dose estão extremamente baixas entre os adultos jovens, em torno de 50%. "Precisamos melhorar essa cobertura de terceira dose. É isso que vai gerar proteção para hospitalização e óbito. Toda população acima de 12 anos tem que tomar três doses de vacina", diz.

Ele afirma que a quarta dose é extremamente relevante para os idosos acima de 60 anos, porém, as coberturas também não estão adequadas.

"Não podemos desviar o foco. Os Estados Unidos fizeram isso. Começaram a recomendar várias doses de reforço e tem um público com baixas coberturas de terceira dose. Isso é bem complicado. Não podemos passar a mensagem de 'quem quiser vacinar, se vacine com quantas doses quiser'. Para evitar colapso, é importante ter elevadas das coberturas."

O Brasil enfrenta, atualmente, um quadro de elevação no número de casos e de mortes associadas à Covid. O índice de óbitos ainda é baixo se comparado aos períodos críticos da pandemia, mas a média móvel de mortes está em alta há uma semana.

Dados do consórcio de veículos de imprensa de quarta (15) mostram que 167.151.998 brasileiros (77,81% da população) estão totalmente imunizados ao tomar a segunda dose ou a dose única de vacinas. A dose de reforço, no entanto, foi aplicada em apenas 45,35% da população (97.427.596 pessoas).

Segundo Croda, o sistema de saúde sabe quem tomou e quem não tomou duas ou três doses da vacina e deveria criar estratégias para buscar quem ainda não está imunizado. "Tem endereço, tem telefone. É função dos municípios trabalharem essa busca ativa. E dos governos federal e estadual fazerem campanhas."

Temos vacina para vencer, então é melhor vacina no braço. Infelizmente não temos campanha por parte do governo federal. É importante a proteção para esse grupo também

Ethel Maciel
epidemiologista

Cidades onde a 4ª dose foi antecipada

Distrito Federal
O Distrito Federal iniciou a aplicação da quarta dose em maiores de 40 anos neste feriado de Corpus Christi (16). Segundo a Codeplan (Companhia de Planejamento), há cerca de 1,1 milhão de pessoas com mais de 40 anos no DF —sendo 460 mil entre 40 e 50 anos. Segundo a Secretaria de Saúde, para receber a quarta dose a pessoa deve levar documento de identidade com foto, CPF e o cartão de vacina com o registro da terceira. Além disso, é obrigatório o uso de máscara. Neste feriado, existem quatro pontos de vacinação abertos que podem ser consultados no site da secretaria.

Teresina
A capital do Piauí também já liberou a quarta dose da vacina contra Covid desde 12 de maio. Conforme a FMS (Fundação Municipal de Saúde), para receber a aplicação é preciso apresentar documento de identificação com foto, CPF ou cartão do SUS e o cartão de vacinação. Informações sobre postos de vacinação podem ser acessadas no site da FMS.

Belém
A capital do Pará é outra cidade que já vacina com a quarta dose os maiores de 40 anos. A medida vale desde 4 de junho após a Sesma (Secretaria Municipal de Saúde) avaliar o estoque de vacinas da cidade. Para a vacinação, é necessário apresentar RG, CPF, comprovante de residência e o cartão de vacinação de Belém. Os detalhes sobre os locais de vacinação podem ser acessados no site dedicado a campanhas de imunização da cidade.

Comitê nos EUA indica vacinar até bebês com Pfizer ou Moderna

Lucie Aubourg

WASHINGTON | AFP Um comitê consultivo de especialistas da FDA (agência reguladora de drogas e alimentos dos Estados Unidos) se pronunciou na quarta-feira (15) favoravelmente à administração de vacinas contra a Covid dos laboratórios Pfizer e Moderna em crianças de seis meses até quatro anos, um primeiro passo crucial para a sua autorização.

Os membros do painel de consulta revisaram os dados dos testes clínicos realizados pela Pfizer em crianças de seis meses a quatro anos e pela Moderna em menores de seis meses a cinco anos.

Nos EUA, como em muitos países, essa é a última faixa etária que ainda não tem acesso a essa proteção.

Em duas votações, os 21 especialistas consideraram por unanimidade que os benefícios de vacinar essa faixa etária superam os riscos.

Com base nesses pareceres favoráveis, a FDA, cujas decisões são referência a nível internacional, pode conceder sua autorização.

Se seguir esse curso, a vacinação pode começar na semana de 20 de junho nos EUA, assim que o CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças) der o aval. Os especialistas do CDC devem se reunir nesta sexta-feira (17) e no sábado (18).

Nos estudos com esse público, a dose de vacina foi adaptada: um quarto da dos adultos para Moderna (25 microgramas em vez de 100) e um décimo para Pfizer (3 microgramas, contra 30).

A principal diferença entre os dois produtos é o número de injeções necessárias: a vacina da Moderna continuará sendo administrada em duas doses, com um mês de intervalo. Já a da Pfizer, em três, devido à dose baixa escolhida para reduzir efeitos colaterais em bebês, como febre. As duas primeiras doses devem ser dadas com três semanas de intervalo, e a terceira, oito semanas após a segunda aplicação.

Vários especialistas enfatizaram que as crianças não ficariam bem protegidas com duas doses de Pfizer e teriam que esperar a terceira —ou seja, meses— para isso. Um representante da empresa esclareceu, porém, que serão feitos estudos para uma terceira dose de reforço.

As vacinas são seguras e eficazes, de acordo com a FDA, que publicou sua própria análise dos ensaios clínicos na semana passada para fornecer uma base para as discussões dos especialistas.

De acordo com uma estimativa preliminar, a vacina Pfizer-BioNTech tem 80% de eficácia contra as formas sintomáticas da doença. Mas esse número é baseado em um pequeno número de casos positivos, disse a FDA.

A da Moderna demonstrou ser 51% eficaz em bebês de seis meses a menores de dois anos e 37% eficaz em crianças de dois a cinco anos.

Os números são consistentes com a eficácia observada em adultos contra a variante ômicron, segundo a agência. No entanto, a vacina continua protegendo bem contra casos graves de Covid.

Em relação aos efeitos colaterais, um quarto das crianças que recebeu a dose da Moderna apresentou febre, principalmente após a segunda dose. A febre passou depois de um dia, segundo as observações. No caso da Pfizer, a febre foi semelhante entre os vacinados e os que receberam placebo.

Alguns pais estão ansiosos pela possibilidade de vacinar seus filhos pequenos, mas outros ainda estão céticos.

De acordo com uma pesquisa da fundação Kaiser Family, desde o início de maio, apenas um em cada cinco pais de uma criança menor de cinco anos (18%) disse que vacinará o mais rápido possível; 38% vão esperar para fazê-lo e os demais se opõem, a menos que seja obrigatório.

Embora os mais jovens sejam menos vulneráveis à Covid e o risco para eles seja baixo, cerca de 480 crianças menores de quatro anos morreram nos Estados Unidos com a doença. As taxas de hospitalização também aumentaram acentuadamente para essa faixa etária durante a onda da variante ômicron.

No total, houve 45 mil crianças menores de cinco anos hospitalizadas nos Estados Unidos desde o início da pandemia, das quais um quarto esteve em terapia intensiva.

As crianças, além disso, podem pegar e transmitir a doença. Tal como os adultos, os pequenos podem sofrer de sintomas a longo prazo (Covid longa). Em casos raros, também podem desenvolver quadros graves de síndrome inflamatória multissistêmica pediátrica.

Brasil confirma 6º caso de varíola dos macacos, o 4º em São Paulo

Raquel Lopes

BRASÍLIA O Ministério da Saúde confirmou nesta quinta-feira (16) o sexto caso de varíola dos macacos no Brasil. O paciente tem 28 anos e mora em Indaiatuba (SP).

Ele está em isolamento domiciliar e apresenta quadro clínico estável, sem complicações e sendo monitorado pelas secretarias de saúde do estado de São Paulo e do município. O caso é considerado importado, já que o paciente tem histórico de viagem para a Europa.

No momento, dos seis casos confirmados no país, quatro são em São Paulo, um no Rio Grande do Sul e um no Rio de Janeiro. Outras 13 suspeitas da doença seguem em investigação.

"Todas as medidas de contenção e controle foram adotadas imediatamente, com o isolamento do paciente e rastreamento dos seus contatos", disse a pasta, em nota. O governo federal criou uma sala de situação para acompanhar o avanço da doença.

No mundo, a OMS (Organização Mundial da Saúde) contabiliza mais de 1.000 casos confirmados em 29 países. Nenhuma morte foi registrada.

A doença é causada pelo monkeypox, um vírus do gênero Orthopoxvirus. Outro patógeno que também é desse gênero é o que acarreta a varíola, doença erradicada em 1980.

Embora tenham suas semelhanças, existem diferenças entre as duas doenças. Uma delas é a letalidade: a varíola matava cerca de 30% dos infectados. Já a varíola dos macacos conta com uma taxa de mortalidade entre 3% a 6%, segundo a OMS.

Os sintomas mais comuns aparecem dentro de seis a 13 dias após a exposição, mas podem levar até três semanas. As pessoas que adoecem geralmente apresentam febre, dor de cabeça, dor nas costas e nos músculos, inchaço dos gânglios linfáticos e exaustão geral.

Sapinho brasileiro encolheu tanto que não consegue controlar pulo

Estudo aponta que tamanho de canal do ouvido de bicho de menos de 1 cm afetou habilidade

Reinaldo José Lopes

Sapinho brasileiro do gênero *Brachycephalus* mede menos de 1 cm em certos casos Luiz F. Ribeiro

SÃO CARLOS (SP) O tamanho diminuto —menos de 1 centímetro de comprimento, em certos casos— e as cores vibrantes fazem com que os sapinhos brasileiros do gênero *Brachycephalus* estejam entre os vertebrados mais interessantes do mundo. Mas o charme tem seu preço: eles encolheram tanto que se tornaram incapazes de saltar de forma controlada e elegante, ao contrário de qualquer outro sapo que se preze.

"Eles conseguem pular, mas não se orientar durante a descida do salto", conta André Confetti, doutorando da UFPR (Universidade Federal do Paraná) e coautor de um novo estudo sobre os minissapos que está saindo no periódico especializado Science Advances.

A equipe da pesquisa, coordenada pelo brasileiro Marcio Pie, da Universidade Edge Hill (Reino Unido), mostrou que o culpado pelas parcas habilidades acrobáticas dos bichos é o ouvido interno. Para ser mais exato, o problema começa com o tamanho dos canais semicirculares, estruturas do ouvido interno que são essenciais para que vertebrados como os sapos e nós consigam se orientar no espaço.

Esses canais, cujo formato lembra o de rosquinhas coladas umas nas outras em diferentes orientações, estão repletos de um líquido com densidade semelhante à da água. Quando viramos a cabeça em determinada direção, o fluido se movimenta e toca células que atuam como sensores, o que permite ao cérebro captar os padrões da nossa movimentação e postura.

> Quando você dá um pulo, você tem noção de que vai cair de pé no mesmo lugar. No caso desses sapos, nada disso acontece
>
> **André Confetti**
> doutorando da UFPR e coautor do estudo

Acontece que existe um limite de tamanho para que os canais semicirculares funcionem corretamente, por causa da maneira como o líquido circula dentro deles. Tanto é assim que, na maioria dos vertebrados, a variação de tamanho da estrutura não depende muito do tamanho corporal da espécie. Mas os sapinhos brasileiros encolheram tanto ao longo de sua evolução que os canais tiveram de acompanhar em parte essa miniaturização —e acabaram perdendo eficiência. Nisso, quem pagou o pato foi a precisão dos pulos.

"A ideia de investigar isso veio justamente por causa do tamanho dos sapos, porque, quando a gente faz pesquisa de campo, a impressão é que eles pulam normalmente, é até difícil de acompanhar os saltos", explica Confetti.

A coisa, no entanto, muda de figura quando filmagens dos saltos são analisadas em câmera lenta, em especial quando se compara o estilo de pular dos sapinhos com o de outros anfíbios de tamanho normal.

"Quando você dá um pulo, você tem noção de que vai cair de pé no mesmo lugar ou, se está pulando numa piscina, sabe que precisa ir para a frente para cair na água. No caso desses sapos, nada disso acontece", compara o pesquisador. "Normalmente, os anuros [sapos, rãs e pererecas] saltam já direcionados para onde querem chegar, o que não é o caso desses animais."

As espécies do gênero *Brachycephalus* são exclusivas dos trechos montanhosos de maior elevação da mata atlântica, na serra do Mar e na serra da Mantiqueira. São ambientes restritos, com menos disponibilidade de recursos, o que pode explicar em parte por que os bichos se miniaturizaram (corpos menores exigem menos alimento para se sustentar, afinal de contas).

Os sapinhos estão adaptados à vida na serrapilheira (a grossa camada de folhas que recobre o chão da floresta) e se alimentam principalmente de formigas e ácaros, compatíveis com seu tamanho mínimo. Sua pele possui considerável quantidade de toxinas, que servem como defesa contra predadores. O habitat muito específico faz com que eles sejam especialmente vulneráveis às mudanças climáticas.

Manchas de óleo na praia de Sítio do Conde (BA), um dos mais de mil locais no litoral brasileiro atingidos por vazamento em 2019 Raul Spinassé - 10.out.19/Folhapress

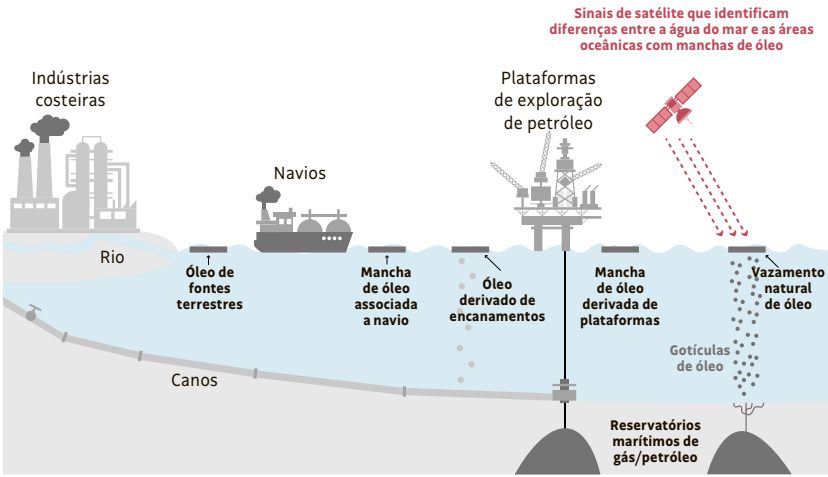
Em 6 anos, óleo no mar ocupa área 2 vezes maior que a França

Conclusão está em novo estudo na Science que avaliou manchas de 2014 a 2019

Phillippe Watanabe

SÃO PAULO Manchas de óleo que juntas são duas vezes maiores do que a França poluíram o mar de 2014 a 2019, o que equivale a mais de 1,5 milhão de quilômetros quadrados de poluição oleosa no oceano. E quase toda essa considerável sujeira tem a nossa assinatura: mais de 94% do óleo detectado tem origem em atividades humanas, segundo uma pesquisa publicada nesta quinta-feira (16), na revista Science.

As estimativas para a origem humana do óleo são consideravelmente maiores e mais abrangentes do que as de outros levantamentos realizados até o momento.

Os pesquisadores americanos e chineses das universidades de Nanjing, do Sul da Flórida e Estadual da Flórida usaram mais de 563 mil imagens de satélite para detectar cerca de 452 mil locais com manchas de óleo em mares de todas as regiões do mundo.

Além de pontos com vazamentos naturais (o escape da substância de reservatórios naturais no fundo do mar pode acontecer, mas só cerca de 6% da área detectada com óleo tinha essa origem), a análise encontrou frequentes vazamentos e descartes de óleo de infraestruturas de exploração de petróleo e gás no mar.

O mapa global de poluição construído pelos cientistas aponta que os vazamentos ou lançamentos estão concentrados, principalmente, nas costas. Cerca de 50% das manchas ocorreram em uma distância de 38 km do litoral, com o pico delas a cerca de 7 km.

As regiões mais críticas, segundo os pesquisadores, são os mares de Java (próximo à Indonésia) e do sul da China, além do Golfo da Guiné (na África).

Em alguns locais, os cientistas afirmam ter observado frequências de vazamentos alarmantes, que poderiam significar falta de fiscalização ambiental marinha — o que poderia ser facilmente resolvido com monitoramento por satélite.

A contaminação marítima por óleo vai além de vazamentos em plataformas e fontes naturais. A sujeira também pode ter origem em terra e acabar no mar, e no descarte ou escape de óleo de navios.

Através das imagens de satélite, os cientistas conseguiram identificar locais com elevada quantidade de manchas que coincidem com rotas de transporte marítimo, além de outras mais de 82 mil manchas lineares que, provavelmente, estavam relacionadas com escape de navios.

Aproximadamente 20% da poluição oleosa marinha têm origem no transporte marítimo, aponta a pesquisa.

E é em meio a essas "outras fontes" de poluição (vazamentos em terra e de navios) que o Brasil é citado no trabalho publicado na Science. Os dados da pesquisa apontam que todas as manchas identificadas no país no período do estudo estavam dentro desse grupo de "outras origens", ou seja, não tinham relação com plataformas, canos ou fontes naturais.

Vale lembrar que o período de tempo em que foi feita a coleta de dados por meio de imagens satélites coincide com a catástrofe ambiental de manchas de óleo que se espalharam pelo litoral brasileiro, especialmente no Nordeste.

Mais de mil locais em 11 estados brasileiros foram atingidos pelo petróleo que teve origem, segundo a PF (Polícia Federal), no navio Bouboulina, de bandeira grega. A investigação da PF aponta que a empresa Delta Tankers, o comandante Konstantinos Panagiotakopoulos e o chefe de máquinas Pavlo Slyvka não comunicaram às autoridades o descarte do material no oceano. Todos eles foram indiciados.

As investigações brasileiras demoraram até achar um responsável. A conclusão da PF veio somente no fim do ano passado.

Em parte, isso pode ser explicado por algo que ficou evidente enquanto as manchas chegavam às praias brasileiras: não necessariamente é simples detectar descartes de óleo por imagens de satélite e associar a uma origem. As manchas podem se mover por baixo da superfície (algo que foi presenciado no caso brasileiro) e a trajetória pode ser afetada por ventos e marés, como apontam os autores do estudo na Science.

Mas, além do vazamento histórico no Brasil em 2019, outras manchas ainda chegam às praias brasileiras. Neste ano, o litoral do Ceará já foi atingido por óleo. Em pelo menos um dos casos, após análises do material, foi apontado que a origem não era o navio grego responsável pelo problema de 2019.

A pesquisa aponta também que a contaminação por óleo é considerável nas costas de países emergentes, como China, Vietnã, Indonésia, Malásia e Brasil.

A liberação de óleo no oceano é um problema relevante, podendo afetar a vida marinha — uma das preocupações no Brasil era o possível impacto nos corais do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, que possui uma biodiversidade singular—, levar à perda de diversidade e à contaminação das cadeias alimentares.

Referindo-se à poluição por transporte marítimo, como ocorreu no Brasil, os pesquisadores afirmam que, apesar da existência de convenção internacional que trata da poluição por embarcações marítimas, a contribuição substancial de descarte de óleo por navios mostra uma necessidade urgente de maior regulação e cooperação internacional no setor.

As possíveis fontes de manchas de óleo no mar

Pesquisadores fizeram levantamento de poluição por óleo de 2014 até 2019

ESPORTE AO VIVO | **10h** Etapa de El Salvador Mundial de surfe, SPORTV3/WSL | **20h** Corinthians x Jaraguá Liga Futsal, NSPORTS | **21h30** CRB x Ituano Série B, SPORTV/PREMIERE

Mundial de 2026 terá jogos no estádio do tri brasileiro

Azteca, na Cidade do México, é um dos palcos escolhidos para o Mundial

SÃO PAULO A Fifa anunciou os estádios que receberão as partidas da Copa do Mundo de 2026. Das 23 arenas que se apresentaram como candidatas, 16 foram escolhidas para o torneio, cuja organização será dividida entre Estados Unidos, México e Canadá.

A decisão foi divulgada em evento realizado pela entidade que comanda o futebol mundial, em Nova York, na noite de quinta-feira (16). Está entre os campos vencedores da disputa aquele em que a seleção brasileira conquistou o tri mundial.

Em 1970, o Brasil levou a Copa pela terceira vez e ficou com a posse definitiva —ou quase isso— da taça Jules Rimet. O troféu foi obtido em uma vitória por 4 a 1 sobre a Itália, no estádio Azteca, na Cidade do México, novamente sede de um Mundial.

O Azteca será o primeiro estádio a receber duelos de três edições da competição. Em 1986, o torneio foi novamente realizado no México, e o palco da decisão se repetiu.

Havia a expectativa que o campo em que o Brasil ganhou o tetra, em 1994 —vitória nos pênaltis sobre a Itália, após empate por 0 a 0— também voltasse a ter jogos da Copa. Mas o tradicional Rose Bowl, em Pasadena, nos arredores de Los Angeles, foi preterido pelo moderno SoFi Stadium, em Inglewood, outra cidade na grande Los Angeles.

Nos Estados Unidos, também receberão partidas Nova Jersey (MetLife Stadium), Dallas (AT&T Stadium), Santa Clara (Levi's Stadium), Miami (Hard Rock Stadium), Atlanta (Mercedes-Benz Stadium), Seattle (Lumen Field), Houston (NRG Stadium), Philadelphia (Lincoln Financial Field), Kansas (Arrowhead Stadium) e Boston (Gillette Stadium).

Gerson celebra gol do Brasil na final de 1970 Acervo - 21.jun.70/AFP

Já o México terá três arenas na competição. Além do Azteca, estarão no torneio o Akron, em Zapopan, nas cercanias de Guadalajara, e o BBVA Bancomer, em Monterrey. O Canadá terá dois locais de disputa, o BMO Field, em Toronto, e o BC Place, em Vancouver.

"Vamos tentar organizar a Copa de modo que as seleções e os fãs não tenham que viajar muito. No momento oportuno, vamos decidir o local de abertura e o palco da final", afirmou o presidente da Fifa, Gianni Infantino.

A Copa do Mundo de 2026 será a primeira com 48 seleções. Aprovada em 2017, a ampliação foi uma cartada de Infantino, que viu crescerem sua influência e seu prestígio em países periféricos do futebol.

Haverá mais dinheiro em movimento. A expectativa da entidade que rege o futebol é uma arrecadação de ao menos US$ 6,5 bilhões (R$ 33,2 bilhões, na cotação atual).

O torneio passará a ter um total de 80 partidas, 16 mais do que no formato atual. No certame de 2026, deverão ocorrer 60 confrontos em território norte-americano, dez no México e outros dez no Canadá. A final será disputada nos Estados Unidos.

+

As sedes da Copa do Mundo de 2026

ESTADOS UNIDOS
- **Nova Jersey** MetLife Stadium
- **Inglewood** SoFi Stadium
- **Dallas** AT&T Stadium
- **Santa Clara** Levi's Stadium
- **Miami** Hard Rock Stadium
- **Atlanta** Mercedez-Benz Stadium
- **Seattle** Lumen Field
- **Houston** NRG Stadium
- **Philadelphia** Lincoln Financial Field
- **Kansas** Arrowhead Stadium
- **Boston** Gillette Stadium

MÉXICO
- **Zapopan** Estadio Akron
- **Monterrey** Estadio BBVA Vancouver
- **Cidade do México** Estadio Azteca

CANADÁ
- **Toronto** BMO Field
- **Vancouver** BC Place

PALMEIRAS FAZ QUATRO GOLS EM SETE MINUTOS
O Palmeiras marcou todos os seus gols em sequência, no fim do primeiro tempo, bateu o Atlético-GO por 4 a 2, no Allianz Parque, e abriu vantagem na liderança; o São Paulo, no Engenhão, perdeu por 1 a 0 para o Botafogo Carla Carniel/Reuters

Meia-Noite em Paris

Nostalgia é constante do ser humano, mas há o que celebrar atualmente no futebol brasileiro

Paulo Vinicius Coelho
Jornalista, autor de "Escola Brasileira de Futebol", cobriu seis Copas e oito finais de Champions

Fluminense 5 x 3 Atlético-MG foi a melhor partida do Brasileiro até a 12ª rodada. Terminado o jogo, o zagueiro tricolor David Braz comentou ter visto um debate no SporTV sobre o nível do campeonato e lamentou os comentaristas julgarem baixo o índice técnico.

"Jogadores e técnicos estamos fazendo o máximo possível para mostrar que ainda temos o melhor futebol do mundo. Não se pode generalizar quando há uma partida ruim."

Nem tão otimista como David Braz, nem tão ranzinza como nós, comentaristas.

O Brasileiro começa com a tabela mais achatada dos últimos anos, o líder com menor número de pontos e a melhor média de público em dez anos. Se os jogos são assim tão ruins, por que razão as arquibancadas recebem mais gente do que antes?

Há um monte de coisas misturadas, mas ninguém sai de casa, num inverno rigoroso, com gente dizendo que os estádios estão elitizados, para ver futebol de baixa qualidade.

O Campeonato Brasileiro está longe de ser a Premier League —e poderá se aproximar, se a liga sair do papel. Por outro lado, faz décadas que as mesas redondas são uma espécie de "Meia-Noite em Paris", filme de Woody Allen, em que o personagem de Owen Wilson volta à Paris da década de 1920 e percebe como, até mesmo no que lhe parece o período mais perfeito, havia nostalgia do passado.

A primeira vez que ouvi a expressão "o futebol está nivelado por baixo" foi quando Bangu e Coritiba decidiram o Brasileiro de 1985. Muitos anos depois, ao folhear a coleção da revista Placar, uma edição de outubro de 1982 saltou aos olhos. Numa enquete sobre quem ganharia o Paulista, um dos participantes escreveu: "Vai ganhar o Corinthians, porque o campeonato está nivelado por baixo". Ora, estavam na disputa Sócrates, Casagrande, Zenon e Wladimir contra Waldir Peres, Oscar, Darío Pereyra, Serginho e Mário Sérgio, meses depois da derrota da encantadora seleção de Telê Santana.

Não, o Brasileiro não é o melhor campeonato do mundo, e é necessário trabalhar um monte de fatores para melhorá-lo. Aumentar o tempo de permanência de treinadores, estabilizar elencos, melhorar gramados, diminuir o êxodo.

Por outro lado, vai fazer 20 anos o campeonato por pontos corridos, e quem viu a primeira disputa, em 2003, há de se recordar que nenhum time era elogiado, exceto o Cruzeiro de Alex e Luxemburgo.

É um delicioso exercício comparar o que se viu com a magia de um menino de dez anos ao que se vê na maturidade dos 50. Há quatro décadas e meia, eu nunca tinha visto nada igual ao Santos de Nílton Batata, Juary e João Paulo. Deixando o olhar ingênuo mandar, nunca houve um centroavante tão brilhante quanto Juary, campeão europeu pelo Porto em 1987 e paulista pelos Meninos da Vila de 1978.

Quem voltar àquele tempo vai saber que já havia nostalgia, como o personagem de Owen Wilson encontrou na Paris dos anos 1920.

Obrigado, Tostão e Juca!
Minha gratidão pelo prefácio de Tostão e pelos elogios de Juca Kfouri ao meu livro recém-lançado pela Letras do Brasil: "Cinco Estrelas – a Conquista do Penta".

A única seleção da história a vencer todos os sete jogos para ser campeã mundial poderia servir para diminuir uma velha pergunta: "Você prefere perder como em 1982 ou ganhar como em 1994?". Ora, num país que foi tri e penta vencendo todas as partidas e com o melhor ataque, esse é um falso dilema.

Na época do penta, e na do tri, também havia jogo ruim.

Precisamos falar de Bia

Não falta à tenista brasileira, campeã na grama, nenhum requisito para integrar o seleto top 10

Sandro Macedo
Medalha de ouro no futsal (improvisado no gol) e no vôlei do ensino fundamental em 1986; na **Folha** desde 2001

Leitores menos acostumados com a editoria de esporte talvez não estejam habituados ao nome da protagonista desta coluna. Mas está na hora de se acostumarem: Beatriz Haddad Maia, ou apenas Bia Haddad. Não, ela não é parente do ex-prefeito Fernando Haddad. E o que isso significa? Absolutamente nada.

Aos 26 anos, a tenista paulista de 1,85 m se tornou a primeira brasileira a vencer um torneio na grama desde que Maria Esther Bueno foi campeã em 1968. Ok, não foi Wimbledon, mas o triunfo no WTA de Nottingham é a conquista mais importante em torneios de simples para o tênis nacional em algum tempo. E não estou falando apenas do tênis feminino. O fantástico Gustavo Kuerten, por exemplo, tinha coceira quando pisava na grama. Não conseguia jogar bem de jeito nenhum.

Bia vem de um longo período de recuperação, que começou após seu afastamento do circuito por dez meses, entre 2019 e 2020, por doping, após contaminação cruzada na manipulação de vitaminas em uma farmácia. Em novembro de 2020, era 358ª no ranking.

O título na grama aconteceu quando a moça já estava na 48ª colocação —e no caminho derrotou a grega Maria Sakkari, que estava em quinto.

Nesta semana, a brasileira aparece pela primeira vez na carreira entre as 40 melhores, com a 32ª posição —e na semana que vem deve entrar no top 30. Está à frente de tenistas como a ucraniana Elina Svitolina, duas vezes semifinalistas de Grand Slams, ou a japonesa Naomi Osaka, em má fase.

Em outro torneio na grama nesta semana, em Birmingham, Bia já venceu Petra Kvitova, bicampeã de Wimbledon.

O tênis feminino mundial passa por um momento de transição de ídolos. Sempre tem um número 1, claro, mas nem sempre o primeiro do ranking é o que atrai holofotes ou audiência. A supercampeã Serena Williams, que jogará em Wimbledon, mal atuou neste ano. Naomi Osaka, que tinha tudo para ser a herdeira do trono, ainda não se recuperou desde que anunciou os problemas de saúde mental.

Número 1 no começo do ano, a australiana Ashleigh Barty anunciou sua aposentadoria precoce aos 26 anos. E a atual líder, a jovem polonesa Iga Swiatek, esforça-se para ser a principal voz da atual classe —em Roland Garros, criticou abertamente a organização pela diminuição de jogos femininos no horário nobre do torneio. Nesse contexto, é muito bom ver uma tenista brasileira em ascensão.

Sem ilusões. Se jogasse dez partidas nesta semana contra Swiatek, Bia provavelmente perderia oito ou nove —mas o décimo duelo seria épico.

Porém, se parece um pouco distante da atual número 1, Bia tem mostrado nas últimas semanas que não lhe falta nenhum requisito para integrar o seleto grupo do top 10. Maria Sakkari que o diga.

Período corriqueiro
Após vencer a França por 1 a 0 na Liga das Nações (torneio que tem menos relevância que a Sul-Americana de clubes), o croata Luka Modric reclamou que é impossível jogar quatro partidas em dez dias e que os jogadores nunca são consultados. Quatro jogos em dez dias é o que chamamos por aqui de "período corriqueiro".

Atualização - Round 38
Como Dorival Júnior não foi demitido do Ceará, comandou o Flamengo contra o Internacional e não perdeu nenhuma rodada, a comissão do Round 38 resolveu mantê-lo entre os sobreviventes, mas com uma advertência. Assim, continuamos com seis brasileiros e sete estrangeiros entre os sobreviventes. Mas já tem mais gente subindo no telhado.

GELO E GIM | *Daniel de Mesquita Benevides*
folha.com/geloegim

Um drinque para Stravinsky nos seus 140 anos

Datas e efemérides existem para que possamos brindar e beber —o resto é secundário (e eventualmente bem-vindo). É provável que alguém tenha dito isso, com outras palavras.

O próprio Stravinsky, cujo nascimento é celebrado neste dia 17, poderia tê-lo dito. Era, afinal, um dândi espirituoso, afeito a belas roupas, belas artes e um bom uísque.

Declarou gostar tanto dessa venerável invenção escocesa que seu nome poderia ser Stra-whisky.

Teria 140 anos. É possível imaginá-lo em alguma calçada cosmopolita, com seu corpo comprido e elástico, levado pelo majestoso nariz. Ao ver uma mulher cubista, atravessando a rua com o rosto desencontrado, pararia para tomar um trago, direto da garrafa que sempre levava no bolso do fraque.

Poucos compositores de música erudita tiveram tanta popularidade e exerceram tamanho fascínio. Entre seus fãs e amigos estavam Debussy, Proust, Joyce, Gertrude Stein, Disney e Coco Chanel, com quem teve um caso.

Charlie Parker, ao vê-lo numa mesa do lendário Birdland, em Nova York, tocou algumas notas do "Pássaro de Fogo". Stravinsky, surpreendido pela homenagem, cuspiu o uísque, na descrição de Alex Ross.

O crítico musical também conta, em "Ruído", livro imprescindível, como foi a estreia de "A Sagração da Primavera", obra-prima do compositor russo. Paris, final de maio de 1913: "Dos camarotes, onde sentavam os espectadores mais abastados, vinham urros de desaprovação. Os estetas dos balcões e dos lugares de pé urraram de volta. Eram matizes da luta de classes".

Deve ter sido um terremoto, as poltronas tremendo com a brutalidade rítmica do espetáculo, que tinha ainda a coreografia ousada de Nijinsky. As penas de avestruz na cabeça das madames talvez tenham voado a cada pisada no palco das bailarinas e bailarinos de Diaghilev. A personagem central, surgida num sonho do compositor, era obrigada, num rito pagão, a dançar até a morte.

Stravinsky foi comparado ao parceiro de bebedeiras Picasso, com quem trabalhou no balé "Pulcinella". Inquietos, buscavam o zeitgeist na nascente. Assim como o gênio espanhol passou pelas fases azul, rosa, cubista, primitiva etc., o gênio nascido à beira do mar Báltico, filho de um barítono de origem aristocrática, foi da exuberância percussiva ao neoclassicismo, chegando ao dodecafonismo.

Misturava canções do folclore eslavo a tinturas de jazz, tímpanos retumbantes ao grito estranho de tubas e trompas. No melhor de sua obra, teria compreendido intuitivamente as batidas irregulares e hipnóticas da música africana, sob as quais fez correr o rio da vanguarda europeia dos anos 1910 e 1920, quando o mundo parecia explodir, de violência ou prazer.

Falante e animado, não se furtava a tomar sua bebida favorita na situação que fosse, o que incluía a cama (como atestam algumas fotos divertidas). Era de se esperar que preferisse vodca, mas não. Por outro lado, é possível que não gostasse de misturar seu uísque com outras bebidas. Atitude comum entre os apreciadores do malte, até porque são relativamente poucos os bons coquetéis que têm como base o néctar das Terras Baixas.

Um dos melhores, senão o melhor, é o Affinity, que teve seu auge justamente quando o jovem Stravinsky deixava Paris boquiaberta, dividida entre aplausos e apupos.

Adobe Stock

AFFINITY
- 50 ml de blended scotch whisky
- 25 ml de vermute seco
- 25 ml de vermute doce
- duas espirradas de bitter de laranja

Mexa os ingredientes com gelo e coe para uma taça coupe. Decore com um twist de limão siciliano

TRADIÇÃO
Vestidas com trajes dos sorábios, etnia eslava que vive nos estados da Saxônia e Brandemburgo (Alemanha), meninas participam de procissão de Corpus Christi em Crostwitz Matthias Rietschel/Reuters

Coloque a máscara

Entre os cuidados recomendados contra a Covid, este é o mais simples e mais abandonado

Julio Abramczyk
Médico, vencedor dos prêmios Esso (Informação Científica) e J. Reis de Divulgação Científica (CNPq)

Estamos às vésperas da 26ª edição da Parada do Orgulho LGTB de São Paulo, com o tradicional desfile na avenida Paulista a realizar-se no próximo domingo (19). O desfile vem acontecendo há 25 anos, com exceção dos dois últimos, quando foi suspenso pela pandemia.

Em época de pandemia, as pessoas que não receberam as doses apropriadas das vacinas podem se envolver em riscos para a saúde ao participar desse aglomerado extraordinário de pessoas alegres.

Após um período de regressão de casos internados na rede particular, dados do Sindicato de Hospitais Privados relatam que quase a metade deles atualmente registra taxa de ocupação acima de 80%.

Nos hospitais da rede municipal de São Paulo, dados oficiais de quarta-feira (15) referem que 136 pessoas estavam internadas em UTI Covid-19 e 201 pessoas, nas 24 horas anteriores, em leitos de enfermaria.

Esses dados sugerem que o retorno dos pacientes aos hospitais está relacionado à virose bem presente em nosso meio. A campanha de vacinação continua e deve ser aproveitada.

Dessa forma, com a Parada e sem os necessários cuidados pessoais e a vacinação, sua incidência irá aumentar.

Entre os cuidados recomendados, está o mais abandonado, mais simples e mais apropriado para o controle da transmissão da virose em grande parte da população: o uso da máscara facial.

Se um vizinho seu se negar a usar a máscara, pesquisas mostram que, se apenas você usá-la, estará protegido de forma efetiva.

ACERVO FOLHA
Há 100 anos **17.jun.1922**

Dupla encerra viagem no Rio após 1ª travessia aérea do Atlântico Sul

Os aviadores portugueses Sacadura Cabral e Gago Coutinho venceram neste sábado (17) a última jornada área da viagem entre Lisboa e Rio de Janeiro, ao voarem de Vitória (ES) até a capital brasileira (que na época era o Rio).

Depois que eles cruzaram o oceano e chegaram a Recife, na primeira travessia aérea do Atlântico Sul, ninguém mais duvidava que a viagem terminaria em sucesso.

Ao desembarcarem do hidroavião na Ilha das Enxadas, no Rio, Cabral e Coutinho foram abraçados pelas autoridades, por marinheiros e por várias outras pessoas. Depois, houve um triunfal e extenso cortejo pelas ruas da cidade.

Folha da Noite

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

FOLHA DE S.PAULO ★★★
SEXTA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 2022 C1

ilustrada

Além do infinito

Animação 'Lightyear' traz de volta o personagem Buzz, de 'Toy Story', mas agora em clima de ópera espacial e com cena de beijo gay que causou dor de cabeça à Disney para levar o filme a países conservadores

Leia na pág. C6

Personagens do filme 'Lightyear', com Buzz, o protagonista, à direita Divulgação

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

SEM LENÇO NEM DOCUMENTO

O Ministério Público Federal (MPF) e a Defensoria Pública da União (DPU) voltaram a acionar a Justiça contra a Vale. Os órgãos afirmam que a mineradora não tem cumprido decisão judicial que determinou o pagamento de ajuda de custo a famílias da aldeia indígena Naô Xohã, em São Joaquim de Bicas (MG), vítimas de uma enchente em janeiro deste ano.

AUXÍLIO A Justiça Federal ordenou que a empresa repassasse mensalmente a famílias dos povos Pataxó e Pataxó Hã-Hã-Hãe uma verba para instalação e manutenção de suas novas moradias. Núcleos familiares que se viram forçados a se deslocar na véspera do alagamento também deveriam ser contemplados.

ALGUNS POUCOS A Vale, no entanto, só teria efetuado o pagamento da verba emergencial a sete famílias —quando 78 poderiam ter sido beneficiadas pela decisão, segundo a petição apresentada à 13ª Vara Federal de Belo Horizonte.

TUDO OK Procurada, a Vale diz que fez as transferências de valores cabíveis às famílias contempladas pela ação, nos limites da decisão judicial. Afirma ainda que estabeleceu "um permanente e construtivo diálogo com os indígenas" e que todos os impactados pela serão assistidos até 2023 por uma equipe de saúde subcontratada.

DOMINÓ Segundo o MPF e a DPU, a enchente que atingiu a aldeia Naô Xohã neste ano foi mais um dos desdobramentos do rompimento da barragem de Brumadinho (MG), em 2019. Das 78 famílias que, segundo os órgãos, já teriam direito aos recursos, ao menos 59 teriam urgência em recebê-los, por terem sido as mais afetadas.

PONTE O grupo do ex-governador de SP Márcio França ainda tenta viabilizar apoios para a candidatura do socialista ao governo de SP. Um deles seria o do PSD de Gilberto Kassab.

MÚSCULO Se isso ocorresse, França ganharia musculatura partidária para disputar o cargo, como afirma que vai fazer. Caso não reúna aliado algum de peso até julho, seus principais interlocutores defendem ele recue e apoie Fernando Haddad (PT) para o governo do estado, ocupando lugar na chapa como candidato ao Senado, por exemplo. Ou vice.

BALANÇA O problema da negociação com o PSD é a correlação de forças da legenda. Boa parte de seus militantes já estão apoiando o candidato bolsonarista ao governo, o ex-ministro Tarcísio de Freitas.

BALANÇA 2 Guilherme Afif Domingos é o mais vistoso deles: ex-assessor especial do ministro da Economia, Paulo Guedes, ele deixou o governo Bolsonaro para coordenar o programa de governo de Tarcísio.

NOS BRAÇOS Kassab até agora sustenta que o PSD deve lançar candidato próprio na sucessão paulista, o que impede o alinhamento da legenda com o bolsonarismo. A abertura de uma discussão sobre eventual apoio a França poderia, portanto, ser um tiro no pé, com a legenda caminhando para uma aliança com Tarcísio.

TELINHA

1

2

3

Fotos Ronny Santos/Folhapress

Os atores Manu Gavassi, Klebber Toledo e Natalia Klein **1** lançaram na segunda (13), em evento na capital paulista, a série "Maldivas", da Netflix. As atrizes Carol Castro e Sheron Menezzes **2** e o ator Samuel Melo **3** também compareceram

ESTANTE A tese de doutorado da filósofa e ativista Sueli Carneiro, defendida em 2005 na USP, será publicada pela editora Zahar. Intitulado "O Dispositivo da Racialidade", o livro analisa as dinâmicas raciais no Brasil a partir de autores como Michel Foucault. A obra deve chegar às livrarias no segundo semestre, em edição revista por Carneiro, com a colaboração da professora da Unicamp Yara Frateschi.

PALAVRA Primeira e única mulher nomeada para o Superior Tribunal Militar (STM) nos mais de 200 anos da Corte, a ministra Maria Elizabeth Rocha foi convidada a falar sobre o papel da democracia na sociedade durante 21º Fórum Empresarial Lide. O encontro será realizado no Rio de Janeiro, entre 23 e 26 de junho.

O RETORNO Este será o primeiro grande evento do grupo que contará com a presença de João Doria (PSDB) desde que ele deixou o Palácio dos Bandeirantes. O ex-governador anunciou nesta semana que retornará à iniciativa privada e passará a integrar, ao lado do ex-chanceler Celso Lafer e do ex-ministro Henrique Meirelles, o conselho do Lide.

MEMÓRIA No ar na reprise de "O Cravo e a Rosa" (2000), que faz sucesso nas tardes da Globo, a atriz Vanessa Gerbelli diz que até hoje é chamada de Lindinha, nome da personagem que interpretou na novela de Walcyr Carrasco. "Eu sempre escuto, 'eterna Lindinha'. E respondo: Obrigada, ainda bem que não é feinha, né", diz, entre risos.

MEMÓRIA 2 "A telenovela faz parte da nossa cultura, da nossa identidade. E 'O Cravo e a Rosa' é uma obra muito redondinha. As pessoas querem rever porque se divertiram muito vendo", afirma a atriz.

com Bianka Vieira, Karina Matias e Manoella Smith

A personagem Alisha Hawthorne, que é lésbica, no filme 'Lightyear' Divulgação

Autocensura é método para filmes chegarem a países conservadores

Relatório mostra como os estúdios aceitam editar cenas com conteúdo LGBTQIA+ para atingir o mercado chinês

Leonardo Sanchez

SÃO PAULO "Lightyear", "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo", "Doutor Estranho no Multiverso da Loucura", "Animais Fantásticos: Os Segredos de Dumbledore" e "Eternos". O que esses filmes têm em comum, além de datas de lançamento recentes?

Beijos e romance, como em quase qualquer outra produção de Hollywood. Mas aqui, entre personagens do mesmo sexo, o que provocou a fúria de censores em diversos países nos quais os filmes acabaram banidos ou picotados.

O caso mais recente é o da nova animação da Pixar, sobre o astronauta Buzz Lightyear, que chega aos cinemas agora. A trama tem uma personagem lésbica, que já no início aparece casando, tendo um filho e beijando sua mulher.

Por isso, não recebeu autorização para estrear em ao menos uma dúzia de países, como os Emirados Árabes Unidos, o Egito e a Indonésia, e, segundo as expectativas do setor, também deve ser barrado na China, que há dois anos se tornou o maior consumidor de cinema no mundo.

Essa expansão do mercado chinês e de outras nações conservadoras é o que preocupa realizadores no Ocidente. À medida que os grandes estúdios se tornam mais dependentes dos lucros vindos de lá, mais difícil será mostrar temas considerados tabu em outras culturas —abrindo margem para a autocensura.

É o que indica um estudo do órgão pela liberdade de expressão Pen America, "Made in Hollywood, Censored by Beijing", que mostrou como estúdios têm aceitado dinheiro chinês, permitido que autoridades façam visitas aos sets e editado cenas para agradar o Partido Comunista. Apesar de a homossexualidade ter sido descriminalizada nos anos 1990, há uma campanha para livrar as telas chinesas de conteúdo "vulgar, imoral ou insalubre", que vai de personagens LGBTQIA+ a cenas de estupro.

Para Ging Cristobal, coordenadora para a Ásia do OutRight Action International, órgão que combate a discriminação a pessoas LGBTQIA+, a autocensura se tornou hoje um obstáculo para que se veja mais diversidade nas telas.

"É uma estratégia de negócio, uma jogada capitalista às custas de dar visibilidade apropriada para a população queer", diz. "Os estúdios precisam vender, mesmo que isso signifique fazer cortes nas obras em alguns mercados, o que gera um impasse —deixamos de apoiar esses filmes ou relevamos essas decisões?"

Ainda não está claro o que a Disney fará caso "Lightyear" seja barrado na China, mas é importante lembrar que o estúdio só liberou o beijo lésbico depois que funcionários protestaram para mantê-lo na animação, na esteira da reação da empresa à lei da Flórida que limita discussões de gênero e sexualidade nas escolas.

Em junho do ano passado, Mês do Orgulho LGBTQIA+ como agora, a subsidiária Pixar ainda lançou "Luca", longa sobre a amizade entre dois garotos que foi visto por muita gente como um romance. Mas o estúdio deu pouca importância à conversa.

Por outro lado, a Disney se recusou a baixar a cabeça para os censores e fazer cortes em outros de seus blockbusters recentes. Foi o caso de "Doutor Estranho no Multiverso da Loucura" com uma heroína que tem duas mães, de "Eternos", com seu herói gay, e de "Amor, Sublime Amor", que tem um jovem trans. Todos dispensaram o lançamento em países da região do Golfo, como Kuwait e Qatar.

Nos Emirados Árabes Unidos e na Arábia Saudita, no entanto, um problema de maior porte vem se apresentando. Pesquisas indicam que, até 2030, se espera que essas duas nações conservadoras assumam posições na lista dos dez maiores mercados cinematográficos do globo.

"Os estúdios vão continuar incluindo representatividade queer em seus filmes, porque eles sabem que precisam do 'pink money' [lucro vindo de consumidores LGBTQIA+] em países com comunidades queer mais livres e fortes. Mas em outros locais haverá cortes, o que é um desserviço, um freio no tamanho da diversidade que vemos", afirma Cristobal.

Ao contrário do que fez a Disney, a Warner, por exemplo, não viu problema em lançar "Animais Fantásticos: Os Segredos de Dumbledore" na China depois que autoridades locais cortaram cenas que mencionavam um romance entre o bruxo Dumbledore e o vilão Gerardo Grindelwald. A relação está no coração da trama, já que seu rompimento transformou os amantes em rivais, mas apesar dos pedidos dos fãs, ganhou poucos segundos explícitos de tela.

Nisso, "Animais Fantásticos" e os outros longas se assemelham bastante —a presença de personagens e discussões LGBTQIA+ é sempre secundária. Claro, ter um super-herói da Marvel casado com um homem ou um garoto trans na adaptação de um dos maiores musicais da Broadway é um avanço, mas ainda tímido.

"Ao falar em representatividade, precisamos tomar cuidado para não cairmos no 'tokenismo' [um esforço meramente simbólico, para parecer inclusivo]. Infelizmente é isso que mais temos visto no cinema hollywoodiano", diz João Federici, programador do Mill Valley Film Festival e do Mix Brasil. "Ao descobrirem as vantagens financeiras da representatividade, passaram a usar personagens LGBTQIA+ sem significado algum."

Para ele, que torce para que a influência de mercados conservadores não se avolume, apesar de estarmos falando de um negócio que visa o lucro, o cenário só vai mudar mesmo após uma mudança "radical", com representatividade invadindo também os bastidores.

Com a ascensão de mercados conservadores, o caminho é longo —até porque, reforça Ging Cristobal, "somos normais, e não deveríamos deixar os estúdios nos colocarem numa mesa de negociação só para preservar estruturas discriminatórias".

Leia mais na pág. C6

Sofia Kappel (Bella) em cena do filme 'Pleasure', dirigido por Ninja Thyberg Plattform Produktion/Divulgação

'Pleasure' despe o machismo do cinema pornô

Filme da sueca Ninja Thyberg expõe bastidores da indústria sem idealismo, fruto da militância feminista da diretora

Úrsula Passos

TOULOUSE (FRANÇA) Quando tinha 16 anos, a cineasta sueca Ninja Thyberg viu um filme pornô pela primeira vez, incentivada pelo namorado. "Virei ativista antipornô, porque achei que aquilo era muito degradante e violento para as mulheres, tudo era para satisfazer os homens. Desde então foi uma longa jornada", diz.

A jornada de Thyberg desemboca no lançamento de "Pleasure", longa escrito e dirigido por ela que chega agora ao Brasil pela Mubi após turnê de prêmios e festivais de cinema independente e que conta a história de Bella Cherry, uma jovem sueca que vai a Los Angeles atrás do sonho americano. Mas, no caso dela, o sonho é o de se tornar uma grande estrela pornô.

Ela divide uma casa com outras atrizes, faz postagens picantes nas redes sociais e logo percebe que, para chegar ao topo, deve aceitar fazer cenas mais difíceis, como as com sexo anal ou nas quais é amarrada e pendurada por cordas.

O caminho de Thyberg até o filme teve como ponto de partida a militância feminista antipornografia, mas passou pela transformação de suas ideias, que se deu por uma pesquisa sobre a indústria, por um curta-metragem e por cinco anos mergulhada no universo pornô em Los Angeles.

Ela conta que, ao mesmo tempo em que militava pelo fim da pornografia, assistia a muitos filmes do tipo e que eles a excitavam. "Se eu, que tinha todos aqueles argumentos contra o pornô, continuava a ver, como é que poderia pensar em convencer os homens a parar de ver aquilo?", diz em entrevista por vídeo de Estocolmo. Passou então a buscar entender as pessoas que trabalham com essas imagens.

No filme, todos os que aparecem são atores, atrizes e membros de equipes de filmes pornô, com exceção de Bella, interpretada pela estreante Sofia Kappel. Após um ano e meio de buscas na Suécia por uma atriz para viver a protagonista, Thyberg conheceu a jovem, que nunca havia atuado, por um amigo em comum.

"Estava quase desistindo quando a conheci", conta. "Precisava de alguém que fosse engraçada, jovem, vulnerável, mas inteligente e forte o suficiente para que o público não sentisse que deveria ir resgatar a personagem", diz.

Kappel trabalhava em call centers e, à época, vivia um transtorno dismórfico corporal, que afeta a percepção que se tem de sua imagem, com preocupações excessivas sobre defeitos em partes do corpo.

"Eu não estava feliz comigo mesma, mas, na primeira audição para o papel, tive essa experiência de sair do meu corpo. Eu não era mais eu, e isso foi muito bom", conta a atriz, que passa boa parte do filme de roupas íntimas.

Atriz e cineasta acabaram escolhendo para o elenco só pessoas que já tinham experiência no pornô, acostumadas à nudez, explica Kappel.

"Comparo a ir ao ginecologista. Você sabe que vai ser desconfortável, mas não há nada ali que não tenham visto antes. Prefiro ficar pelada em meio a atores pornô do que em meio a atores comuns", diz a atriz.

Kappel também teve seus preconceitos transformados uma vez que conheceu e se tornou amiga dos trabalhadores do pornô. "Parei de me perguntar por que uma pessoa faria pornôs, porque há muitas respostas possíveis, e eu não perguntaria isso a alguém que trabalha num supermercado, por exemplo", diz. "Comecei a ver as semelhanças e não mais as diferenças entre nós."

"Eu achava que eu sabia mais que elas", diz Thyberg sobre as atrizes pornô, "e então percebi que elas sabiam muito mais sobre patriarcado do que eu. Elas tiram seus benefícios dessa indústria e podem estar numa posição de controle, ganhando dinheiro e manipulando o espectador."

Em "Pleasure", porém, a indústria da pornografia não é romantizada. A pior faceta desse meio é explorada numa cena difícil de ver, em que Bella é obrigada a fazer no set mais do que pretendia. "O pornô revela muito sobre nossa sociedade", diz a diretora. "Ele é racista, sexista, flerta com o estupro e com a pedofilia porque faz parte de nossa cultura. Não é culpa da pornografia."

"Espero que o público aprenda sobre o pornô com esse filme, sobre como é feito", diz Kappel, "e que percebam que as pessoas que fazem pornô são seres e não robôs."

A atriz diz que não consome mais pornografia, mas que há uma lição muito importante que aprendeu: "pague pelo que você consome".

Pleasure

Suécia, Países Baixos, França, 2021. Direção: Ninja Thyberg. Com Sofia Kappel, Zelda Morrison, Mark Spiegler. Na Mubi. 18 anos

Linoca Souza

Liberdade e responsabilidade

Momento delicado é de resistência ao projeto político que precisa acabar

Djamila Ribeiro

Mestre em filosofia política pela Unifesp e coordenadora da coleção de livros Feminismos Plurais

Quero, em primeiro lugar, manifestar toda a solidariedade às famílias de Bruno Araújo Pereira e Dom Phillips. Ambos desapareceram durante o processo de pesquisa para um livro de Dom sobre a Amazônia e formas de salvar a floresta do desmatamento. Já Bruno ficou notório pelo profundo conhecimento da região, sendo requisitado diversas vezes para acompanhar jornalistas em reportagens na floresta.

O desaparecimento da equipe de jornalismo foi denunciado no domingo (5), dois dias antes do Dia Nacional de Liberdade de Imprensa, celebrado —se é que podemos chamar assim— na terça-feira (7). Penso que essa data deveria ser uma semana, posto que os primeiros dias de junho foram datas de luto e de luta para o exercício da imprensa.

Foi nesse exato período que, há 20 anos, Tim Lopes foi assassinado enquanto fazia uma reportagem sobre abuso de menores e tráfico de drogas no Complexo do Alemão, na zona norte do Rio de Janeiro.

Foi também nessa semana que, em 1977, quase 3.000 jornalistas assinaram um manifesto contra a censura à imprensa pelo regime militar. A reação foi impulsionada pela revolta contra o assassinato de Vladimir Herzog dois anos antes por agentes da ditadura brasileira.

Três eventos separados em aproximadamente 20 anos cada. A distância temporal entre eles não diminui a ligação que possuem entre si, pois são episódios que falam sobre o exercício da imprensa contra a violência que está presente nesse país.

O pior é perceber que essa violência tem sido estimulada, colocando todas as pessoas incômodas a essa situação brutal em situação de risco.

É uma violência estimulada pelo ódio disseminado aos povos indígenas e quilombolas, que têm suas lutas pelo direito à terra desrespeitadas e ameaçadas, pelo incentivo ao extrativismo ilegal, pela política exploratória que, desde 1500, arranca das terras encharcadas de sangue a madeira, o ouro e o alimento. Por uma política de segurança pública sanguinolenta, hipócrita, sistêmica, que atinge em ciclo as populações negras e que segue produzindo profundas desigualdades.

É estimulada pelo combate ao arbítrio e desinformação propagados por governos patriarcais, que se impõem pela verborragia e pelo porrete.

Nesse cenário, os grandes veículos de comunicação precisam fazer uma reflexão sobre responsabilidade diante da ladeira abaixo em que o país está despencando.

Precisa fazer sua autocrítica por incensar grupos reacionários, pensamentos machistas, rupturas institucionais; precisa refletir sobre as consequências da hegemonia branca e masculina em seus espaços de poder e crítica.

Precisa pensar sobre "ídolos" criados e suas aventuras arbitrárias. Sobre como derrocadas do país são toleradas, em nome de uma política econômica de desmonte de políticas públicas.

Precisa refletir sobre o discurso religioso que propagou e que invisibilizou. Quando o professor Osmar Teixeira Gaspar, grande intelectual negro brasileiro morto na pandemia de Covid-19, escreve sobre democratização da mídia, um de seus argumentos é justamente a violência simbólica da exclusão da população negra, seus saberes e crenças, dos espaços de debate e representação.

Gaspar também reflete sobre a omissão do Estado em não fiscalizar as concessões, que são públicas, e, por esse motivo, deveria atender aos interesses da população.

Posto isso, nesse país sufocante que ocupa o pódio de um dos mais perigosos para defensores e defensoras dos direitos humanos, a reflexão sobre liberdade de imprensa deve vir acompanhada de responsabilidade pela transformação dessa realidade cruel vivida atualmente por uma nação que maltrata seu povo.

É um momento delicado, misto de dor, choro e resistência ao projeto político em curso que precisa acabar pelo bem do país.

*

Na próxima terça-feira (21) completo três anos como colunista dessa **Folha**. *Gostaria que o contexto fosse outro, mas registro aqui minha gratidão pelo espaço, no qual venho escrevendo com absoluta independência e liberdade.*

Poder circular textos de larga repercussão nesse momento tão crítico na história da democracia é algo digno de nota.

Agradeço toda equipe do jornal e colegas colunistas na pessoa de Sérgio Dávila, quem fez o convite a mim para escrever semanalmente na Ilustrada. Também agradeço a você, cara leitora e leitor, pela companhia crítica.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Fernanda Torres, Drauzio Varella | SEX. Djamila Ribeiro | **SÁB. Mario Sergio Conti**

'Lightyear' traz Buzz em tom de ópera espacial

Ator Chris Evans agora dá voz ao patrulheiro, que ganha um filme inspirado em franquias como 'Star Wars' e 'Star Trek'

Leonardo Sanchez

SÃO PAULO "Em 1995, Andy ganhou um boneco do Buzz Lightyear, personagem de seu filme favorito. Este é o filme." É assim, deixando bem claro a que veio, que começa "Lightyear", nova animação da Pixar que estreia nesta semana.

Os fãs mais apaixonados devem se lembrar de ter visto algo sobre as origens do patrulheiro espacial no comecinho de "Toy Story 2", num videogame, ou na série "Buzz Lightyear do Comando Estelar" — mas o novo longa rejeita todas essas aparições especiais.

Isso porque a ideia do diretor Angus MacLane, que criou ele próprio o game do segundo capítulo da saga, era se afastar do estilo engraçadão e cafona dessas passagens, investindo numa aventura espacial épica, nos moldes de "Star Trek", "Star Wars", "Aliens, o Resgate" e "Battlestar Galactica" —uma ópera espacial, para os versados no assunto.

"A verdadeira história do Buzz não havia sido explorada da maneira que poderia. Esse foi nosso ponto de partida. Queríamos destacar o patrulheiro, não o brinquedo", diz MacLane, que faz parte de uma leva de animadores da Pixar que vêm sendo promovidos à cadeira de direção, como aconteceu nos recentes "Red: Crescer É uma Fera" e "Luca".

"Eu queria ficar o mais distante possível da série e daquela introdução em 'Toy Story 2', são coisas que existem em universos diferentes. Eu não estava interessado no tom delas."

De fato, "Lightyear" vai numa direção bem distante daquela seguida pelos quatro filmes e vários curtas em que Buzz divide o protagonismo com o caubói Woody. No novo longa, ele tem forma mais humana e até trocou de voz —Tim Allen deu espaço a Chris Evans, na versão original.

Os fãs mais puristas, no entanto, não precisam se preocupar, pois o traje verde e branco continua lá, bem como a fixação do personagem em relatar tudo o que acontece ao gravador de seu bracelete e o ar de estrela convencida.

Na trama, Buzz e Alisha Hawthorne são patrulheiros espaciais que protegem a galáxia de ameaças. Durante uma missão, sua nave colide e faz um pouso forçado num planeta hostil. Sem equipamentos para alçar voo, eles e a tripulação de milhares de humanos e robôs fixam residência ali.

Frustrado com a falha, Buzz decide embarcar numa série de testes com equipamentos feitos às pressas, mas que podem ajudá-los a voar novamente na velocidade da luz. O problema é que o tempo passa mais lentamente para a cobaia, nessas várias missões improvisadas, e o protagonista vê todos aqueles que conhece envelhecerem enquanto ele permanece jovem.

O que é inusitado em "Lightyear", no entanto, é o fato de a expectativa para conhecermos mais sobre um dos personagens mais icônicos do cinema de animação ter sido ofuscada por uma polêmica às vésperas de seu lançamento. Em meio a protestos de funcionários da Disney contra a maneira como a empresa estava lidando com uma lei homofóbica da Flórida, vazou a informação de que um beijo gay havia sido cortado do longa.

Atacada de todos os lados, a Disney restaurou a cena e, agora, ela é a cereja no bolo de uma das sequências mais simpáticas de "Lightyear". Hawthorne, a amiga de Buzz, é lésbica e, à medida que envelhece em cena, cria uma família com uma cientista, tem um filho e troca um beijo amoroso com a mulher —o primeiro de um longa do estúdio.

"Ficções científicas sempre foram um veículo para a representatividade. Mesmo quando voltamos aos anos 1960, com 'Star Trek', que era muito mais diverso do que qualquer outra série da época", diz a produtora Galyn Susman. "Nós queríamos mostrar o mundo do jeito que ele é, e isso é essencial para que as pessoas se conectem com a história e com esses personagens."

A fala ignora um tanto os bastidores do filme, e vai na contramão do que acreditam autoridades de países como os Emirados Árabes Unidos, que baniram "Lightyear" dos cinemas locais por causa do beijo no começo da semana.

Questionada sobre as pressões para que questões LGBTQIA+ sejam cortadas de filmes como a nova animação, Galyn Susman desconversa.

"Neste momento da história, há muito apoio à diversidade e inclusão, então é ótimo poder aproveitar essa oportunidade. Estamos felizes em estar fazendo este filme desta forma e neste momento."

Buzz Lightyear e o robô Sox em cena do filme 'Lightyear' Divulgação

Filme tenta lucrar a partir de 'Toy Story', mas por pouco não cai no aborrecimento

CINEMA
Lightyear
★★☆☆☆
EUA, 2022. Direção: Angus MacLane. Em cartaz. Livre

Pedro Strazza

"Lightyear" é mais importante para a Pixar do que aparenta. Além de marcar o retorno do estúdio aos cinemas desde o começo da pandemia e ser o último projeto aprovado por John Lasseter enquanto comandava a empresa, o derivado de "Toy Story" reformula as propostas mais comerciais da produtora, que tenta deixar para trás as continuações.

Apesar da enorme reputação, a Pixar já há algum tempo se equilibrar entre manter a posição como estúdio de animação celebrado e garantir a sustentabilidade de sua operação aos olhos da Disney.

Desde sua apoteose no fim dos anos 2000, quando emendou os lançamentos celebrados de "Ratatouille", "Wall-E", "Up" e "Toy Story 3", a companhia passou a explorar o catálogo para garantir a bonança, o que significou muitas sequências e poucas apostas em um curto espaço de tempo.

O resultado econômico veio, mas o balanço entre arte e comércio ficou mais difícil. A Pixar desde então se reorganiza e os últimos longas-metragens —"Soul", "Luca" e "Red"— são prova disso. Mas o compromisso com o dono ainda existe.

Entra aí "Lightyear", cuja premissa de investigar a origem da criação de Buzz no universo de "Toy Story" sugere um esforço menos evidente de seguir faturando em cima da franquia.

O filme é um blockbuster de ação com pé marcado na ficção científica, brincando com elementos de viagem no tempo. Da Pixar mesmo, só o conhecido estilo de animação e o interesse no humor.

A história sofre de excessos de roteirização. Quem reclama que "Up" seria perfeito se confinado ao prólogo deve passar por um déjà-vu ruim em "Lightyear", pois a trama apressada que prepara o cenário é melhor que o filme, um grande remendo baseado na dificuldade do protagonista em superar o fracasso de uma missão.

Estreante em longas, o diretor Angus MacLane trabalha bastante com o lado individualista do personagem, confrontando a sede pelo sucesso a qualquer custo com as forças do coletivo, que chega na mensagem familiar do estúdio pela via da aventura.

O ângulo é promissor mas se encurrala na indecisão da narrativa em negociar o meio do caminho, o que por sua vez prejudica o bate e rebate do protagonista e da cadete com quem convive boa parte da trama. Na altura que o vilão Zurg é inserido no raciocínio, a fadiga se faz notar.

O que salva "Lightyear" do aborrecimento é o humor. A estrela da vez é Sox, gato robótico criado para aliviar as dores de Buzz e um canivete suíço do roteiro, cujas utilidades se tornam surpreendentes.

A quantidade de boas piadas envolvendo o androide é suficiente para despertar a questão do porquê de Andy preferir um boneco do herói ao do bichano depois de ver o filme. Em algum nível, todos os problemas do derivado se relacionam com a necessidade de se "encaixar" na lógica anterior.

Alardeado, o casal lésbico do filme é até central, mas sua posição é tão descartável quantos outros "esforços" de diversidade da companhia.

"Lightyear" será sucesso de bilheteria, mas a Pixar ainda tem muito a refinar no lado industrial desse novo momento.

Chico Buarque propõe samba contra o Brasil da mutreta e derrota

Compositor lança a canção inédita 'Que Tal um Samba', em que celebra cultura negra e ataca a ignorância do país

Leonardo Lichote

RIO DE JANEIRO No título da canção inédita que lança nesta sexta nas plataformas digitais, Chico Buarque faz uma proposta: "Que tal um samba?".

A pergunta, mote que costura a composição, é mais do que uma sugestão prosaica de repertório. Ela traz em si —como outras canções suas em outros momentos— a proposta sutil de uma mudança de eixo de país.

Em vez do Brasil da "força bruta" e de "uma dor filha da puta", de "tanta mutreta", "tanta cascata", "tanta derrota", "tanta demência" (todas expressões presentes em seus versos), anuncia a possibilidade do país que o samba representa: alegria, alívio, invenção.

"Que Tal um Samba?" (Biscoito Fino), que traz a participação de Hamilton de Holanda no bandolim, é a grande novidade da turnê que o artista inicia em João Pessoa no dia 6 de setembro —e que depois segue para Natal, Curitiba, Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Alegre, Salvador, Brasília, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.

As vendas de ingressos para o público começam por Porto Alegre, no próximo dia 21 — para as datas do Rio, clientes Icatu e Vivo Valoriza poderão comprar a partir do dia 20.

Com cenário de Daniela Thomas, iluminação de Maneco Quinderé e figurinos de Cao Albuquerque, a turnê terá Mônica Salmaso como convidada.

Holanda —que em 2015 lançou o disco "Samba de Chico", com o qual ganhou um Grammy Latino— conta que se sentiu honrado ao receber o convite do compositor.

"É um samba cheio de sutilezas, com muita categoria, letra cheia de significados, melodia com essência popular e harmonia com aqueles detalhes que acho que ele aprendeu com o Tom Jobim", diz. "É a afirmação de nossa capacidade diária de superação com graça e alegria."

Além dele e de Chico, estão na faixa Luiz Claudio Ramos (arranjador da gravação e da turnê, ao violão), João Rebouças (piano), Jorge Helder (baixo) e Jurim Moreira (bateria).

Juntos, costuram um samba que começa com levada latina e caminha para o samba-choro. Jorge Helder chama a atenção para a riqueza musical "impura" da canção: "Tem vários elementos rítmicos, numa mistura muito boa, que deu muito certo".

Na sua proposição de uma mudança do ritmo do Brasil ("Pra espantar o tempo feio/ Pra remediar o estrago"), Chico começa timidamente.

Ainda sob a atmosfera latina, canta um verso curto, de três sílabas ("Um samba"), faz uma pausa e volta para um pequeno avanço ("Que tal um samba?"). A partir daí, desdobra-se em palavras e caminha mais claramente na direção do samba, desenvolvendo uma ode-convite ao Brasil do "batuque lá no cais do Valongo", do "jongo lá na Pedra do Sal", da "roda da Gamboa" — não por acaso, espaços de resistência negra na zona portuária carioca, berços míticos do samba.

Na letra, celebra outras invenções do negro brasileiro ("Fazer um gol de bicicleta", jogada celebrizada por Leônidas da Silva) e cita "Beleza Pura", de Caetano Veloso, ao propor "um filho com a pele escura/ Com formosura/ Bem brasileiro, que tal?/ Não com dinheiro/ Mas a cultura".

O arranjo conversa com seu tema, ao declarar sua filiação à América Latina e ao caldo que gerou o choro e o samba. Apoiado aí, sugere: "Manter o rumo e a cadência/ Esconjurar a ignorância, que tal?". Na rima torta de antíteses, entre a cadência e a ignorância, Chico parece deixar evidente que não é uma escolha difícil.

Que tal um Samba

Artista: Chico Buarque. Gravadora: Biscoito Fino. Nas plataformas digitais

Crítica serial

A coluna não será publicada, excepcionalmente

Save the date

Que roupa você vai vestir no dia do golpe de Estado?

Renato Terra

Roteirista e autor de 'Diário da Dilma'. Dirigiu 'Uma Noite em 67' e 'Narciso em Férias'

Não foram as 33 milhões de pessoas que estão passando fome no Brasil. Não foi a inflação descontrolada. Colaborações científicas? Projetos na educação? Acordos comerciais? Nada disso. Num encontro privado com Joe Biden, a preocupação de Jair Bolsonaro foi pedir ajuda para sua reeleição.

Assim mesmo, escondido. Por debaixo do pano. Em sintonia com os cem anos de sigilo que adota nos assuntos incômodos, com os gastos do cartão corporativo, com o orçamento secreto.

Agir por debaixo do pano para continuar presidente mesmo perdendo a eleição parece ser a única promessa de Bolsonaro que permanece de pé. Uma obsessão. Em qualquer evento, coletiva de imprensa, quermesse ou chá de revelação, este parece ser o único assunto de Jair. Não sabemos se o Brasil vai vencer a Copa do Mundo, mas sabemos que o Brasil vai tentar um golpe de Estado em outubro.

Eis uma inédita tentativa de implementar uma ditadura em que o golpista envia um "save the date". Entrega, em mãos, o convite para amigos e presidentes de outros países. Anuncia o evento todos os dias pelos meios de comunicação. Escolhe os padrinhos.

Os preparativos estão a todo vapor desde 2019. A imprensa é diariamente desacreditada com fake news e informações fora de contexto distribuídas a milhões de pessoas. Instituições importantes foram coagidas a abrir mão da autonomia em nome da fidelidade personalista. Regras foram desmontadas. Mecanismos de controle, dilacerados. Aos inimigos, a lei. Aos amigos, o porte de arma.

Ao desacreditar diariamente as urnas eletrônicas, Bolsonaro não precisa de provas para estimular sua base com sua arma mais eficaz: o medo. Basta criar um mal-entendido no dia das eleições, uma mísera urna com defeito, um mesário com dor de barriga, um eleitor que tenta inserir o número de Bolsonaro na opção "governador".

O cerimonial já fez o seu trabalho. Está tudo ensaiado. Basta uma faísca. Um disse-me-disse para o DJ do Golpe abrir a pista com música sertaneja. Apoiadores próximos de Bolsonaro já definiram a maquiagem, o cabelo e a roupa que vão usar.

E você, leitor? Está levando a sério o "save the date"? Bloqueou sua agenda? Que roupa você vai usar no dia da tentativa de golpe de Estado? O que mais vai fazer?

Débora Gonzáles

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | **SÁB. José Simão**

É HOJE EM CASA

Tony Goes

tonygoes@uol.com.br

Prisioneiros viram cobaias em filme do diretor de 'Top Gun: Maverick'

Spiderhead
Netflix, 16 anos
Em uma penitenciária de última geração, dois detentos participam de um experimento com drogas psicoativas, que alteram as emoções. Joseph Kosinski, o diretor de "Top Gun: Maverick", também assina esta mistura de ação, comédia e ficção científica, baseada num conto de George Saunders. Nos papéis principais estão Chris Hemsworth, Miles Teller e Jurnee Smollett.

Home
Apple TV +, 12 anos
A segunda temporada do programa que destaca alguns dos projetos arquitetônicos mais ousados do mundo traz casas construídas na África do Sul, na Indonésia, na Islândia e no México.

Crush
Star+, 14 anos
Nesta comédia romântica exclusiva da plataforma, uma adolescente percebe que precisa entrar para o time de atletismo da escola para chamar a atenção da garota por quem é apaixonada.

Globo Repórter
Globo, 22h35, livre
O programa visita lugares pouco conhecidos da Alemanha, como uma floresta cortada por canais e uma pequena cidade medieval que conta com 250 cervejarias.

Mistérios do Arquivo
Curta, 23h30, livre
O episódio "1940: Eva Braun Filma Hitler" traz imagens raras do ditador nazista, captadas a cores por sua amante em Berlim, no começo da Segunda Guerra Mundial.

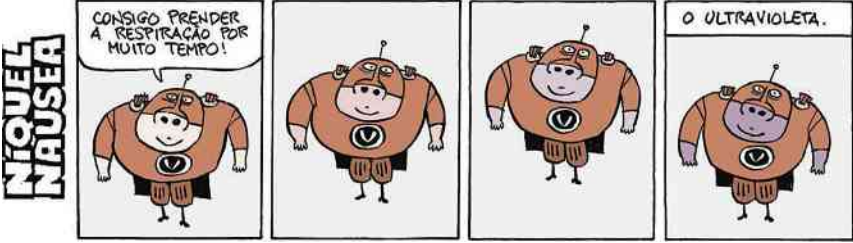
In-Edit 2022
Itaú Cultural Play, grátis
A plataforma disponibiliza oito títulos nacionais, entre curtas e longas, que participam da edição deste ano do festival de documentários musicais. Entre os destaques, "As Canções de Amor de uma Bixa Velha", de André Sandino Costa, e "A Orquestra das Diretas", de Cauê Nunes. Até 26/6.

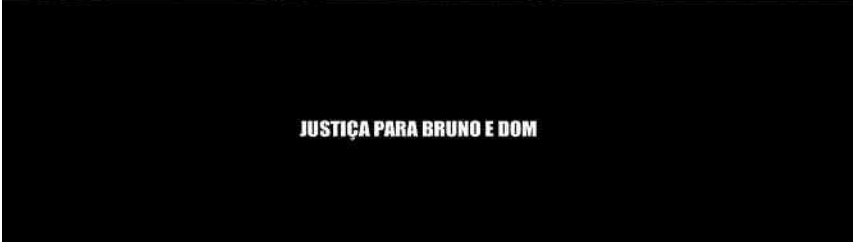
O Som do Rio
Canal de Maria Gadú no YouTube, grátis
A cantora Maria Gadú e a ativista indígena Val Munduruku, junto com alguns convidados, percorrem o rio Tapajós, no Pará, conhecendo a cultura da região. Um novo episódio toda terça; serão quatro ao todo.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

texto.art.br/fsp

FÁCIL

				3		5		
6	1				7	8		
5			2		6			4
	5				2			
		7				4		
			4				1	
7			8		9			2
		5	3				4	6
		3		6				

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

8	7	2	1	3	4	5	6	9
6	1	4	5	9	7	8	2	3
5	3	9	2	8	6	1	7	4
4	5	8	9	1	2	6	3	7
1	2	7	6	5	3	4	9	8
3	9	6	4	7	8	2	1	5
7	6	1	8	4	9	3	5	2
9	8	5	3	2	1	7	4	6
2	4	3	7	6	5	9	8	1

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Espaço existente entre pessoas ou coisas **2.** Cheia de substâncias graxas / Nelson Dantas (1927-2006), ator carioca **3.** Objetivos **4.** Cinto para fazer um animal pular, em rodeios / Sigla do estado de Macapá **5.** As iniciais da atriz Ohana / Aquele que se droga habitualmente, compulsivamente **6.** (Salomão) País do Pacífico **7.** Ney Matogrosso, cantor / Técnica **8.** Peixe de mar, parecido com a cavala **9.** O de pouso permite o contato de uma aeronave com o solo / O contrário de velha **10.** Administração / Tarifa Exterior Comum **11.** (Red., ingl.) Adolescente / Cobre exteriormente o corpo humano e dos outros animais **12.** Rocha rudimentar de tonalidade cinzento-escura ou azulada **13.** A província canadense de Toronto e Ottawa.

VERTICAIS
1. Qualidade moral ou física dada por Deus ou pela natureza / Estabelecer a verdade **2.** São e salvo / Dar dentadas **3.** Cinco mais dois / Imitação ridícula **4.** Cantiga de melodia simples, com letra curta / O músico Jobim (1927-1994), de "Águas de Março" / (-stop) Sem interrupção **5.** Cercar, sitiar / Separam o R do U **6.** A cantora Ozzetti, de "Meu Quintal" / O cantor e compositor Nascimento, de "Travessia" / A bacia em que se derrama água utilizada para batismos **7.** (Fig.) Atingir ou criticar duramente **8.** Isaac Newton (1642-1727), matemático, físico e astrônomo inglês / Que oferece a oportunidade de ser assaltado ou (fig.) censurado **9.** Muito gorda / Gesto, sinal.

HORIZONTAIS: 1. Distância, **2.** Oleosa, ND, **3.** Metas, **4.** Sedém, AP, **5.** CO, Adicto, **6.** Ilhas, **7.** NM, Tática, **8.** Sororoca, **9.** Trem, Nova, **10.** Adm, Tec, **11.** Teen, Pele, **12.** Ardósia, **13.** Ontário.
VERTICAIS: 1. Dom, Constatar, **2.** Ileso, Morder, **3.** Sete, Remedo, **4.** Toada, Tom, Non, **5.** Assediar, ST, **6.** Na, Milton, Pia, **7.** Chicotear, **8.** In, Atacável, **9.** Adiposa, Aceno.

Felino brinca no ambiente dedicado aos bichos no Gatcha, no centro da capital paulista Fotos Gabriel Cabral/Folhapress

SP ganha primeiro 'cat café', onde gatos caminham soltos e podem ser adotados

Gatcha serve bebidas e quitutes e tem segundo andar em que sete bichanos interagem com clientes

Marina Consiglio

SÃO PAULO Há quem diga que o mundo se divide entre aqueles que desprezam os gatos e os que adoram esses bichos. Para essa segunda parcela da população, São Paulo ganha agora um novo café, onde sete bichanos perambulam soltos, sobem no colo de clientes, recebem afagos —e, sim, alguns podem até ser adotados.

No segundo andar da galeria Metrópole, no centro da capital, o Gatcha abre as portas neste sábado, dia 18, como o primeiro café de gatos paulistano —ou "cat café", como o pessoal fala nas redes sociais.

Apesar de ter se tornado popular no Japão, o conceito do café de gatos foi criado em Taiwan, em 1998. Foram 24 anos até a moda chegar a São Paulo. "Eu estava desde 2016 esperando um milionário abrir um negócio desses aqui", conta Lucas Rosa, 31. "Até que no começo deste ano me deu um clique e percebi que esse milionário não iria aparecer e que eu mesmo poderia pegar o que tinha de dinheiro e montar o projeto."

No novo local, Rosa combina duas de suas paixões: gatos e matchá, o chá-verde em pó feito a partir das folhas mais jovens da planta *Camellia sinensis*. Adorado pelos japoneses, o ingrediente tem sabor amargo, cor verde vibrante e é usado como base para a produção de bebidas quentes, geladas, doces e drinques.

Por isso, mesmo que traga "café" no nome, o Gatcha está mais para uma casa de chás.

Fachada da loja, na galeria Metrópole, no centro da capital; à dir., bebida preparada no local, que é especializado em matchá

"Não é para ser como o Starbucks, onde a pessoa pega o café e sai correndo com a bebida", diz. Daí, a escolha da localização: a galeria Metrópole.

Ícone da arquitetura moderna na cidade, o complexo inaugurado nos anos 1960 tem suas lojas concentradas entre a praça Dom José Gaspar e a rua Basílio da Gama, sem saída. "É um lugar em que não se ouve barulho de carro", fala.

A loja do Gatcha tem dois pavimentos. No primeiro, ficam o balcão e as mesas. Já o mezanino é a casa dos gatos —que, sim, vão morar lá.

O tom verde da planta é o mesmo que dá cor às paredes, decoradas com fofurices de gatinhos. No balcão, o público pode pedir o matchá —servido em versão quente ou gelada (R$ 9), com leite (R$ 12) ou sua versão vegetal (R$ 15).

O ingrediente-estrela também dá as caras na cozinha, no cookie (R$ 13) e no greenie, um brownie feito com matchá (R$ 11). Já o doce original, com chocolate na receita, tem pedaço que custa R$ 10.

Bom, mas e os gatos? Devido às normas sanitárias brasileiras, os bichanos ficam soltos, mas em uma área separada de onde são servidos os alimentos. Para acessar o espaço, o visitante deve pagar uma taxa, cobrada de acordo com o tempo —paga-se de R$ 15 por 15 minutos com os felinos até R$ 65 por dia. Mas tudo depende da fila de espera. "Quero que todos possam conhecê-los", fala o dono.

Há ainda uma série de regras a cumprir, como guardar os sapatos, higienizar as mãos, ter cuidado com o barulho. Afinal, ali é a casa deles.

Também não será permitido comer onde estão os animais, que podem ser alimentados com petiscos. Mas dá para tomar um chá e até trabalhar no local, já que há wi-fi.

Dos sete felinos que habitam o Gatcha, dois são de Rosa. Os outros cinco ficarão disponíveis para adoção, em uma parceria feita entre a loja e a ONG Abrigo São Gabriel. "Mas todos eles estão sob a minha guarda agora", diz o proprietário da casa.

Gatcha
Galeria Metrópole - av. São Luís, República, centro, 2º andar. Instagram @gatchasp

Cidade vê nascer duas novas baladas felinas, a Meow e a Kat Klub

Jairo Malta

SÃO PAULO Imagens de gatos fofinhos têm invadido também a noite paulistana. Duas novas baladas na capital vêm abusando de felinos nas paredes, no banheiro, por todos os lados: a Kat Klub, na rua Augusta, e a Meow, em Pinheiros.

As duas casas noturnas abriram as portas há poucos meses —a Kat Klub foi inaugurada em maio, enquanto a Meow começou a receber gente em fevereiro—, apostando que as fotos tiradas nos locais iriam viralizar nas redes sociais.

Balada mais recente, a Kat Klub é cheia de áreas com luzes de neon em formato de gatos e desenhos de felinos por todos os cantos do espaço.

Mas os gatos não ficam apenas na decoração. Não é incomum ver gente mais empolgada com acessórios de gatinhos, como tiaras e orelhinha.

O Angorá, que é uma espécie do animal, por exemplo, é um drinque com cachaça, licor de cacau e suco de laranja, ao preço de R$ 32 no menu.

A cerca de cinco quilômetros dali fica a Meow. Embora os gatos se repitam, o clima no clube é outro: a sensação é de estar em uma casa antiga, com sala, sofá e quintal.

Na decoração, há mais de 20 pinturas com felinos vestidos com roupas de imperadores e bufantes de época que ficam presas às paredes. As imagens também se tornam espaços instagramáveis, com filas para tirar fotos.

O sucesso no Instagram faz com que seja comum ver famosos por ali, como os cantores Lucas Lucco, Karol Conká e Luísa Sonza, por exemplo, além da dulpa osgemeos, que se arriscam como DJs. Outro que costuma tocar ali é KL Jay, do grupo Racionais MCs.

Kat Klub
R. Augusta, 609, Consolação, região central, Instagram @katklub.sp

Meow
R. Cunha Gago, 678, Pinheiros, região oeste, Instagram @meow.maison

Musical 'Grease' estreia com mocinha feminista

Um dos maiores clássicos da Broadway e do cinema, espetáculo chega a SP com canções traduzidas para o português

Marina Lourenço

SÃO PAULO Um bad boy com pinta de durão está apaixonado por uma mocinha meiga, que sonha viver um meloso romance. A premissa é um clichê das comédias românticas, mas é também o mote de um dos maiores clássicos da Broadway e dos cinemas —e agora dos teatros, num musical que pode ser visto a partir desta sexta (17), em São Paulo.

"Grease - O Musical" chega aos palcos paulistanos mergulhando nas origens da peça, lançada em 1971, em Chicago, e apresenta canções pouco conhecidas do espetáculo, que inspirou nos cinemas o filme estrelado por John Travolta e Olivia Newton-John, recheado de cenas emblemáticas, músicas chicletes e roupas usadas hoje em festas à fantasia.

Ainda que canções como "Summer Nights" sejam quase obrigatórias para os fãs de musicais, o espetáculo em São Paulo promete exibir lados pouco conhecidos de "Grease". Além disso, as faixas foram traduzidas pro português.

"É uma montagem que traz solos que não foram usados no filme", conta o ator Robson Lima, que faz o papel do protagonista Danny, vivido por Travolta no longa. "São diferenças que trazem profundidade para os personagens."

Um exemplo disso, segundo a atriz Luli, que interpreta a mocinha Sandy, é um quê feminista exibido pela nova montagem. "O caminho trilhado pela Sandy na peça mostra que ela nunca mudou por causa dos homens. Apenas se permitiu viver algo que não tinha experimentado, numa outra versão dela mesma. E, vamos combinar, todos fazem isso quando são adolescentes."

Ricardo Marques, diretor da montagem, acrescenta que fez questão de escalar atores com aparência de adolescente, ao contrário do elenco do filme, que escalou artistas nitidamente adultos para interpretar jovens do ensino médio.

Essa é a terceira vez que "Grease" surge nos palcos brasileiros. A primeira foi em 1998, a segunda em 2003. Mas a montagem atual é outra.

Ambientada no fim dos anos 1950, uma das décadas que compõe os chamados tempos da brilhantina —o cosmético que dá boas doses de brilho ao cabelo e fez sucesso na época—, "Grease" traz vários dilemas da juventude, como o primeiro amor, as durezas da puberdade, o início da vida sexual e o contato com as drogas e com o espírito da rebeldia.

A história é centrada em Sandy e Danny, que se conhecem durante as férias de verão e se apaixonam. Na volta às aulas, a garota descobre que seu novo colégio é o mesmo que o dele, o que a faz ficar empolgada. Ao se esbarrarem, porém, o menino, que, nesse momento está ao lado de seus amigos valentões, trata a mocinha com indiferença, o que choca e frustra Sandy.

A partir disso, ambos começam a viver um vaivém juvenil de encontros, flertes, discussões e mudanças de visual e personalidade.

"O interessante de assistir a 'Grease' nos tempos atuais é que a peça funciona como um espelho. De certa forma, serve para observar as mudanças do mundo, como a da desconstrução do macho alfa", diz Lima, que interpreta o protagonista no musical.

Ainda assim, o ator ressalta que a obra tem um caráter atemporal, por isso faz sucesso. "É uma história sobre jovens que querem transgredir padrões sociais, pertencer a um grupo e encontrar as suas próprias vozes. Qual é o jovem que não deseja isso?", diz.

Atores em cena da peça que estreia no Teatro Claro, em São Paulo, nesta sexta (17) Yuri Murakami/Fotoarena/Agência O Globo

Grease - O Musical

Direção: Ricardo Marques. Elenco: Robson Lima, Luli e Gabi Camisotti. 12 anos. Teatro Claro São Paulo - r. Olimpíadas, 360, Vila Olímpia. Qui., sex. e sáb., às 21h; dom., às 19h. De 17/6 a 24/7. R$ 50 a R$ 200, em sympla.com.br

1

2

3

4

5

Fotos Divulgação

Conheça 5 séries picantes no streaming para se esquentar no frio

SÃO PAULO Se o frio parece não dar uma trégua, com temperaturas que até sobem, mas que logo despencam e deixam os termômetros e as pessoas geladas, maratonar séries picantes no streaming pode ajudar a aquecer o corpo.

As plataformas guardam diversas produções que podem ser opção para quem se prepara sozinho para o inverno ou ajudar a acender a chama de casais mais friorentos.

Lembrando que o inverno tem início na semana que vem, na terça-feira (21), veja a seguir uma seleção com cinco seriados picantes e saiba onde assistir a cada um deles online. **Guilherme Luis**

1 Amizade Dolorida

Uma jovem chamada Tiff, que faz um bico como dominatrix, decide convidar um amigo que acabou de se assumir gay para ser seu assistente. A série, que é uma sitcom bem-humorada e tem duas temporadas na Netflix, explora um tema que geralmente é rodeado de tabus: o sadomasoquismo. O título em inglês é "Bonding", que pode se referir aos laços que unem esses dois amigos protagonistas, mas também às amarrações das sessões da prática sexual.

EUA, 2019. Criação: Rightor Doyle. Com: Zoe Levin, Brendan Scannell e Micah Stock. Duas temporadas (15 episódios). 16 anos. Na Netflix

2 Easy

Nesta série recheada de cenas picantes e também na Netflix, cada episódio apresenta um personagem de um grupo de amigos que vive em Chicago. Cada um deles tem diferentes dilemas amorosos e sexuais. Com toques moderninhos, os capítulos trazem todo tipo de casal, orientação sexual, idade, gênero e gostos. Em um dos episódios, há até Orlando Bloom interpretando um personagem que busca de um ménage para se divertir com a companheira.

EUA, 2016. Criação: Joe Swanberg. Com: Elizabeth Reaser, Jane Adams e Michael Chernus. Três temporadas (25 episódios). 16 anos. Na Netflix

3 Elite

Velho conhecido dos jovens assanhadinhos, este seriado espanhol tenta misturar crimes mirabolantes, adolescentes ricos e muitas cenas de sexo. Na temporada mais recente, lançada em abril deste ano, novos alunos chegam à escola, enquanto consequências de um crime anterior se desenrolam. Entre os novos estudantes está Iván, interpretado pelo brasileiro André Lamoglia, que protagoniza cenas de sexo bem picantes.

Espanha, 2018. Criação: Carlos Montero e Darío Madrona. Com: André Lamoglia, Manu Rios e Omar Ayuso. Cinco temporadas (40 episódios). 18 anos. Na Netflix

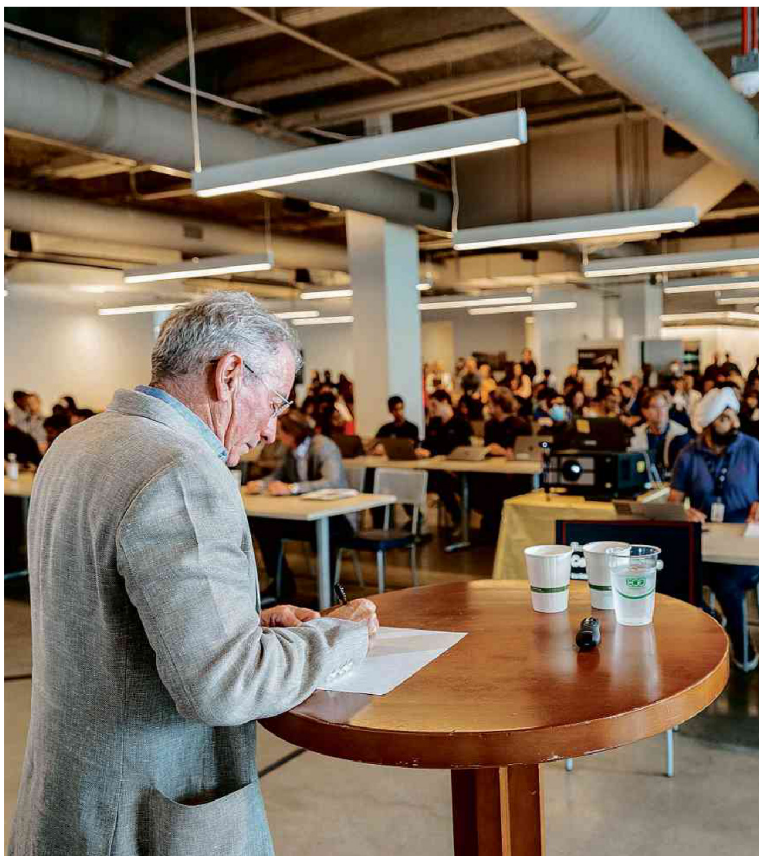
4 Mrs. Fletcher

Eve Fletcher se vê sozinha quando o filho parte para a faculdade —é então que ela decide se renovar e começar uma nova vida e passa a se aventurar sexualmente e a descobrir um mundo de possibilidades. Enquanto isso, Brendan, seu filho, também precisa lidar com seus próprios dilemas sexuais. De todas as dicas da lista, esta é a mais curta, com apenas sete episódios, com cerca de 30 minutos cada um. É ideal para maratonar no fim de semana.

EUA, 2019. Criação: Tom Perrotta. Com: Kathryn Hahn, Jackson White e Owen Teague. Uma temporada (sete episódios). 16 anos. Na HBO Max

5 Verdades Secretas 2

Atenta ao sucesso de "Verdades Secretas", de 2015, a Globo decidiu criar uma continuação com mais cara de série. Tanto que as produções ficam separadas dentro do Globoplay, quase como se fossem tramas independentes. Mas "Verdades Secretas 2" segue os acontecimentos da primeira parte e mostra a protagonista Angel voltando a atuar como modelo para pagar o tratamento de seu filho doente. A produção teve mais cenas de sexo do que capítulos.

Brasil, 2021. Autor: Walcyr Carrasco. Com: Camila Queiroz, Agatha Moreira e Romulo Estrela. Uma temporada (51 episódios). 18 anos. No Globoplay

Tom Siebel, diretor-executivo da empresa de inteligência artifical C3 AI, de Redwood City, comanda uma das poucas grandes companhias no Vale do Silício que determinaram retorno completo ao trabalho presencial Aaron Wojack/The New York Times

Chefes perdem poder na luta contra o home office nos EUA

Inflação, filhos e Covid alimentam rebelião de funcionários pró-trabalho remoto

MERCADO

Emma Goldberg

THE NEW YORK TIMES O que o chefe de Barrett Kime disse em um vídeo recente foi bastante direto. Será que os membros de sua equipe na NBCUniversal poderiam aparecer no escritório pelo menos durante os poucos dias por semana em que supostamente precisavam estar lá?

O que veio a seguir foi uma rebelião. Kime, diretor sênior de criação, ligou seu microfone. "Eu disse a ele que era uma loucura pedir que as pessoas fossem ao escritório com mais frequência no meio da Covid", ele recordou.

Outros de seus colegas intervieram para explicar as razões por que não podiam voltar ao escritório: cuidar dos filhos, a alta nos preços do combustível, os índices de contágio pela Covid-19.

Para Kime, o momento marcou uma nova fase no diálogo sobre o retorno ao escritório.

"É meio que uma coisa Mágico de Oz", disse Kime. Em outras palavras, a equipe dele percebeu que não existia um ser todo-poderoso que os forçasse a comparecer — simplesmente um homem por trás de uma cortina (ou tela de Zoom).

"Por mais que resmungássemos sobre a necessidade de voltar ao trabalho, todos sabíamos que isso iria acontecer. Mas, no minuto em que começamos a voltar, percebemos o quanto aquilo era tolo", ele acrescentou.

O otimismo quanto aos planos de retorno aos escritórios está desaparecendo lentamente na maioria das cidades e setores econômicos dos Estados Unidos. Quando perguntados, no começo de 2021, que proporção de seus trabalhadores voltariam a trabalhar no escritório cinco dias por semana, no futuro, executivos responderam que 50%. Agora, a fatia caiu a 20%, de acordo com um levantamento recente do grupo de consultoria Gartner.

A ocupação dos escritórios em todo o país chegou a um pico no mês passado, com 43% dos trabalhadores presentes, e aí a Covid-19 voltou a disparar, de acordo com dados da Kastle, uma empresa de segurança.

A vasta maioria dos americanos, especialmente os que trabalham no setor de serviços e em empregos de baixa remuneração, continuou a trabalhar presencialmente durante a pandemia.

Aqueles que puderam trabalhar de modo remoto, no entanto, se apegaram à flexibilidade conquistada. Em uma pesquisa de janeiro, o Pew Research Center constatou que 60% dos trabalhadores cujas funções podem ser executadas de casa queriam trabalhar remotamente o tempo todo, ou pela maior parte dele.

"O que fica muito claro é que há menos e menos empresas que esperam que seus trabalhadores estejam presentes no escritório cinco dias por semana", disse Brian Kropp, vice-presidente da divisão de recursos humanos da Gartner. "Até mesmo algumas das maiores empresas que declararam publicamente que queriam seus trabalhadores de volta aos escritórios cinco dias por semana estão começando a dar para trás".

É o caso da Apple, que recentemente suspendeu sua exigência de que os trabalhadores voltassem aos escritórios pelo menos três dias por semana. E da McKinsey, que pretende em algum momento estabelecer normas mais claras sobre o trabalho presencial, com o objetivo de assegurar que as pessoas percebam o valor de colaborar em pessoa.

Por enquanto, a consultoria continua a permitir que indivíduos estabeleçam acordos com seus chefes e clientes quanto aos seus horários de trabalho, de acordo com o seu chefe de recursos humanos.

> Não é possível inventar foguetes que aterrissem sozinhos conversando por Zoom uma vez por semana. Temos de nos reunir em uma sala e errar, errar e errar até chegarmos ao sucesso
>
> **Tom Siebel**
> diretor-executivo da empresa C3 AI, na Califórnia

O Google adiou seu retorno ao escritório, planejado para janeiro, e agora cerca de 10% de seus trabalhadores receberam permissão de trabalhar remotamente em tempo integral ou de se mudar para outras cidades.

A Intuit em dado momento chegou a considerar um plano rígido de retorno ao escritório para seus 11,5 mil trabalhadores nos EUA, mas em lugar disso permitiu que gestores e equipes estabelecessem suas próprias expectativas quanto aos dias de presença.

"Ser prescritivo cria todo tipo de burocracia, porque nesse caso é preciso envolver os degraus da hierarquia e tudo passa a depender de regras", disse Sasan Goodarzi, presidente-executivo da Intuit. "Não acreditamos que uma pessoa precise estar no escritório 40 horas por semana, mas tampouco acreditamos que todo trabalho deva ser virtual".

Os planos da RTO foram como um grande blefe. Executivos ordenaram que os trabalhadores voltassem ao escritório, mas tiveram de adiar a data quando os casos de Covid-19 continuaram em alta. Os líderes de negócios aceitaram essa incerteza, na esperança de que fosse temporária. Até que se tornou claro que não era.

Os trabalhadores puderam ficar mais tempo em casa, e isso lhes deu mais liberdade para testar a rigidez das ordens de seus chefes. Agora, algumas empresas continuam a esperar que o pessoal volte, mas perderam o poder de pressão que tinham quanto a isso, devido à mudança constante de datas.

"O que decidimos foi perguntar o que estava funcionando", disse Joan Burke, vice-presidente de recursos humanos da DocuSign, que adiou quatro vezes a data de retorno ao escritório de seu pessoal antes de decidir que não exigiria presença compulsória, por enquanto. "Vamos aprender com o que está funcionando e colocar proteções em vigor se acharmos que alguma coisa não funciona".

Alguns executivos esperavam que, caso convencessem seus subordinados a passar mais tempo no escritório, as pessoas se lembrariam de que, no passado, gostavam de ir ao trabalho.

Christina Ross, presidente-executiva da Cube, uma empresa de software com 75 empregados, costumava gostar de trabalhar no escritório. Antes da pandemia, ela contratou um engenheiro que morava no Texas e insistiu em que ele se mudasse para Nova York para executar sua função. Ela não conseguia se imaginar construindo um relacionamento de longo prazo com um subordinado que não visse em pessoa.

Agora ela define sua empresa como "fundamentalmente remota". Chegou a considerar a ideia de exigir um retorno ao escritório da Cube, mas decidiu em lugar disso criar incentivos para que as pessoas voltassem por escolha. Ela até organizou uma mudança de endereço para o escritório em Nova York, a fim de facilitar a jornada dos trabalhadores que vinham de Brooklyn.

"As pessoas na prática escolheram não necessariamente voltar", disse Ross. "Pode ser decepcionante, quando você se esforça muito para criar um ambiente acolhedor no escritório e as pessoas decidem não vir".

Alguns líderes empresariais assumiram posições mais duras. Elon Musk, por exemplo, informou aos empregados da SpaceX e da Tesla que eles terão de passar pelo menos 40 horas por semana no escritório, sob pena de demissão.

Muitas outras companhias, como o Google e a Microsoft, optaram por posturas mais brandas, e passaram a oferecer cervejas, petiscos, brindes e bebidas para atrair seu pessoal de volta. Mas esses incentivos têm limites, e poucas companhias parecem dispostas a recorrer a punições.

"Temos rosquinhas, comida, mesas de pingue-pongue", disse Ross. "Mas isso não é suficiente para que as pessoas encarem o trajeto de casa ao escritório".

Muitas empresas estão aceitando a realidade de que exigir um retorno ao escritório poderia representar um contraste com relação a companhias rivais e as levaria a perder talentos.

Em alguns setores e algumas áreas dos Estados Unidos, uma cultura centrada no escritório está se tornando uma excentricidade, não a norma.

Outros executivos insistem em um retorno completo, convictos do valor de ter seu pessoal no escritório cinco dias por semana.

Tom Siebel, presidente-executivo da C3 AI, uma empresa de inteligência artificial que tem 800 empregados, exigiu o retorno completo de seu pessoal ao escritório em junho de 2021. Ele disse que essa exigência só tornou a empresa mais atraente, para certos candidatos a empregos.

"Para pessoas que querem trabalhar de casa, via Zoom, há companhias que gostam disso", ele disse. "Procure emprego no Facebook. Procure emprego na Salesforce".

Siebel disse que tinha "o único estacionamento lotado no Vale do Silício" e considera esse fato como vantagem competitiva. "Não é possível inventar foguetes que aterrissem sozinhos trabalhando por meio de conversas via Zoom uma vez por semana", acrescentou o executivo. "Temos de nos reunir em uma sala, com quadros brancos, e errar, errar e errar, até chegarmos ao sucesso".

Mas, para os executivos que não tornaram o retorno obrigatório, surgiram questões mais amplas sobre o futuro dos escritórios.

Um exemplo é Manny Medina, presidente-executivo da Outreach, uma empresa de inteligência artificial aplicada a vendas que tem cerca de 600 empregados, em Seattle, a maior parte dos quais encorajados a passar pelo menos 40% de seu tempo de trabalho no escritório.

Em um escritório quase vazio, Medina disse que se acostumou a rebater contestações de seu pessoal sobre o valor da colaboração presencial.

Recentemente, um funcionário novato participou de uma reunião virtual com o presidente e disse que não compreendia por que a empresa podia obrigá-lo a ir ao escritório, quando trabalhar de casa permitia que ele conciliasse sua vida social, o trabalho e seu treinamento de jiu-jitsu.

"Eu respondi que o argumento dele era justo e que ele deveria pensar sobre suas prioridades", disse Medina. "Se você quer ser lutador de MMA, seja".

Tradução Paulo Migliacci

LEIA TAMBÉM

mercado
Fast food vira marco do esforço de Putin contra isolamento *p. 2*

ciência
Praia inglesa revela dino que foi maior predador da Europa *p. 3*

baú do cinema
Saiba como assistir a sucessos das matinês dos anos 1980 *p. 4*

Fast food vira marco do esforço de Putin contra isolamento

Presidente russo incentivou compra da rede McDonald's por empresário local

MERCADO

Anton Troianovski e Ivan Nechepurenko

MOSCOU | THE NEW YORK TIMES Yevgeny Shumilkin voltou ao trabalho no dia 12 de junho, um domingo. Para se preparar, ele tirou o famoso "M" da sua antiga camisa do McDonald's e cobriu o logotipo da jaqueta com uma bandeira russa. "Serão os mesmos pães", prometeu Shumilkin, que mantém o equipamento em um restaurante em Moscou. "Apenas com um nome diferente."

Os restaurantes McDonald's reabriram na Rússia na semana passada, mas sem os Arcos Dourados. Depois que a gigante americana de fast-food deixou o país, na primavera russa, em protesto contra a invasão da Ucrânia, um magnata do petróleo siberiano comprou suas 840 lojas russas.

Como quase todos os ingredientes do cardápio vêm do próprio país, as lanchonetes poderão continuar servindo a mesma comida.

A jogada pode funcionar — ressaltando a surpreendente resiliência da economia russa diante de uma das mais intensas avalanches de sanções já aplicadas pelo Ocidente.

Com cerca de três meses e meio de guerra, ficou claro que as sanções — e a torrente de empresas ocidentais que deixaram voluntariamente a Rússia — não conseguiram desmontar completamente a economia ou desencadear uma reação popular contra Putin.

A Rússia passou grande parte dos 22 anos do governo Putin integrando-se à economia mundial. Desfazer laços comerciais tão grandes e tão intricados não é fácil.

Sem dúvida, o impacto das sanções será profundo e amplo, e as consequências apenas começam a se manifestar. Os padrões de vida na Rússia já estão em declínio, segundo economistas e empresários, e a situação deverá piorar à medida que os estoques de importações diminuírem e mais empresas anunciarem demissões.

Alguns esforços russos do tipo "faça você mesmo" podem ficar aquém dos padrões ocidentais.

Quando o primeiro modelo pós-sanções do Lada Granta — um sedã russo coproduzido pela Renault antes de a montadora francesa deixar o país — ficou pronto em uma linha de montagem numa fábrica perto do Volga na quarta-feira (8), faltavam air bags, controles de poluição modernos e freios antitrava.

Mas o declínio econômico não é tão intenso quanto alguns especialistas esperavam que fosse após a invasão de 24 de fevereiro. A inflação ainda é alta, em torno de 17% em base anual, mas caiu de um pico de 20 anos em abril.

Uma medida da atividade industrial observada de perto, o Índice de Gerentes de Compras Global S&P, mostrou que a manufatura russa se expandiu em maio pela primeira vez desde o início da guerra.

Por trás das notícias positivas está uma combinação de fatores que jogam a favor de Putin. O principal deles são os altos preços da energia, que estão permitindo que o Kremlin continue financiando a guerra enquanto aumenta as aposentadorias e os salários para acalmar a população. As receitas petrolíferas do país aumentaram 50% este ano.

Além disso, o hábil trabalho do banco central russo evitou o pânico nos mercados financeiros após a invasão e ajudou o rublo a se recuperar da queda inicial.

As prateleiras das lojas, em sua maioria, permanecem abastecidas, graças aos amplos estoques e a rotas de importação alternativas estabelecidas por países como Turquia e Cazaquistão — e ao fato de os consumidores russos estarem comprando menos.

A sobrevivência da economia russa está fortalecendo Putin, ao confirmar sua narrativa de que a Rússia se manterá firme diante da determinação do Ocidente a destruí-la.

Ele se encontrou com jovens empresários em uma espécie de assembleia, no dia 9 de junho, em seu mais recente esforço para mostrar que, mesmo enquanto trava a guerra, quer manter a economia funcionando e o comércio exterior em movimento. Mesmo que o Ocidente não faça negócios com a Rússia, insistiu, o resto do mundo fará.

"Não teremos uma economia fechada", disse Putin a uma mulher que perguntou sobre o impacto das sanções. "Se alguém tentar nos limitar em algo, estará se limitando."

> "Não teremos uma economia fechada. Se alguém tentar nos limitar em algo, estará se limitando
>
> **Vladimir Putin**
> em encontro com jovens empresários russos

Para os ricos, bens de luxo e iPhones ainda estão amplamente disponíveis, porém mais caros, transportados para a Rússia do Oriente Médio e da Ásia Central.

Os pobres foram afetados pela alta dos preços, mas se beneficiarão de um reajuste de 10% nas aposentadorias e no salário mínimo que Putin anunciou no mês passado.

Os mais afetados pela turbulência econômica estão na classe média urbana. Bens e serviços estrangeiros são agora mais difíceis de encontrar, os empregadores ocidentais estão se retirando e as viagens ao exterior se tornam difíceis e proibitivamente caras.

Natalya Zubarevich, especialista em geografia social e política na Universidade Estadual de Moscou, observa que muitos russos de classe média não têm escolha a não ser adaptar-se a um padrão de vida mais baixo.

Ela estima que pelo menos a metade da classe média russa trabalha para o Estado ou empresas estatais.

"As sanções não vão parar a guerra", disse Zubarevich em entrevista por telefone. "O público russo vai suportar e se adaptar porque entende que não tem como influenciar o Estado."

Chris Weafer, consultor macroeconômico que há muito atua na Rússia, disse em nota a clientes na semana passada que "algumas de nossas suposições anteriores estavam erradas". A inflação e a contração da economia acabaram sendo menos severas do que se esperava, escreveu ele.

Sua empresa, a Macro-Advisory Eurasia Strategic Consulting, reduziu a projeção de declínio no Produto Interno Bruto neste ano, para 5,8% em vez de 7%, ao mesmo tempo em que prevê que a recessão vai durar até o próximo ano.

Em entrevista por telefone, Weafer descreveu o futuro econômico da Rússia como "mais monótono, mais debilitante", com renda menor, mas com bens e serviços básicos ainda disponíveis.

Uma grande empresa de sucos, por exemplo, alertou os clientes que suas caixas logo serão totalmente brancas por causa da falta de tinta importada.

"A economia agora está entrando numa fase quase estagnada, onde pode evitar um colapso", disse ele. "É um nível mais básico de existência econômica que a Rússia pode manter por algum tempo."

Em 10 de junho, com a estabilização da inflação, o banco central da Rússia reduziu sua taxa básica de juros para 9,5%, o nível anterior à invasão. Em 28 de fevereiro, o banco a havia aumentado para 20% para tentar evitar uma crise financeira. O rublo, depois de se desvalorizar nos dias após a invasão, agora está sendo negociado em máximas de quatro anos.

Uma razão para a força inesperada do rublo é que a demanda global de energia aumentou após a pandemia. Somente em junho, o governo russo espera um lucro inesperado de mais de US$ 6 bilhões (R$ 29,9 bilhões) por causa dos preços de energia acima do esperado, disse o Ministério das Finanças.

Ao mesmo tempo, os consumidores russos estão gastando menos, apoiando mais o rublo e dando às empresas russas tempo para estabelecer novas rotas de importação.

As autoridades russas reconhecem, no entanto, que os tempos mais difíceis para a economia ainda podem estar por vir.

Elvira Nabiullina, a presidente do banco central, disse que, embora "o efeito das sanções não tenha sido tão agudo quanto temíamos no início", seria "prematuro dizer que o efeito total das sanções se manifestou".

"As sanções sufocam a economia, o que não acontece de uma só vez", disse Ivan Fedyakov, que dirige a Infoline, consultoria de mercado russa que assessora empresas sobre como sobreviver sob as restrições atuais. "Sentimos apenas 10% a 15% de seu efeito."

No que se refere a alimentos, pelo menos, a Rússia está mais preparada. Quando o McDonald's abriu na União Soviética, em 1990, os americanos tiveram de levar tudo.

As batatas soviéticas eram muito pequenas para fazer batatas fritas, então tiveram que adquirir suas próprias sementes de batata avermelhada. As maçãs soviéticas não funcionavam para a torta, então a empresa as importou da Bulgária.

Quando o McDonald's se retirou, porém, suas lojas russas já estavam recebendo quase todos os ingredientes de fornecedores locais.

Em 8 de março, quando o McDonald's, que empregava 62 mil trabalhadores na Rússia, anunciou que estava suspendendo as operações porque não podia "ignorar o sofrimento humano desnecessário que se desenrolava na Ucrânia", um de seus franqueados siberianos, Alexander Govor, conseguiu manter seus 25 restaurantes abertos. No mês passado, ele comprou toda a operação russa do McDonald's por uma quantia não revelada.

No Dia da Rússia, 12 de junho, uma data patriótica, ele reabriu 15 lojas, incluindo o antigo McDonald's na praça Pushkin em Moscou — lugar onde, em 1990, milhares de soviéticos faziam filas para provar o sabor do Ocidente.

A rede opera sob nova marca, e seu logotipo traz um hambúrguer com batatas fritas. O nome é 'Vkusno i tochka', o que em português significa 'Delicioso. Ponto final'.

As "hash browns", panquecas de batata ralada, têm nome russo. Mas, como o molho secreto do original americano é patenteado, não haverá oferta de Big Mac.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Clientes fazem fila para entrar em filial moscovita do 'Vkusno i tochka', ou 'Delicioso. Ponto Final', a rede substituiu as lanchonetes do McDonald's na Rússia Kirill Kudryavtsev - 13.jun.22/AFP

Modelo do espinossauro que teria vivido no período Cretáceo e é parte de família que estrelou a série de filmes 'Jurassic Park' Antony Hutchings/Reuters

Praia inglesa revela dino tido como maior predador da Europa

Carnívoro que viveu há 125 milhões de anos na ilha de Wight media 10 metros e tinha cabeça semelhante à dos crocodilos

CIÊNCIA

PARIS | AFP Fósseis de um dinossauro carnívoro de 125 milhões de anos, dez metros de comprimento e com cabeça de crocodilo, provavelmente o maior predador que já viveu na Europa, foram descobertos na ilha britânica de Wight — revela um estudo publicado em 9 de junho.

A paleontologia deve essa preciosa descoberta a um colecionador local, o britânico Nick Chase, que passou a vida a percorrer as praias dessa ilha do sul da Inglaterra, um dos locais mais ricos da Europa em fósseis de dinossauros.

Dos poucos ossos que ele desenterrou (principalmente vértebras cervicais, caudais e sacrais), os pesquisadores da Universidade de Southampton conseguiram identificar o animal, um espinossauro bípede.

Esse predador viveu no período Cretáceo inferior, entre 145 milhões e 100 milhões de anos atrás. "Era um animal gigantesco, com mais de dez metros de comprimento. Tendo em vista de algumas de suas dimensões, provavelmente representa o maior predador já descoberto na Europa", afirma Chris Barker, pesquisador de paleontologia que liderou o estudo publicado na revista Peer J.

Embora poucos ossos do indivíduo tenham sido desenterrados até agora, "os números não mentem: é maior do que o maior espécime já encontrado na Europa", disse à AFP.

Esse poderoso carnívoro parece ser "ainda maior" do que outro dinossauro predador descoberto em Portugal em 2017, confirmou Thomas Richard Holtz, paleontólogo da Universidade de Maryland, nos EUA, que não esteve envolvido no estudo.

Comparar tamanhos continua sendo difícil, porém, nesse mundo extinto, lembra Matt Lamanna, especialista em dinossauros do Carnegie Museum of Natural History, situado no estado americano da Pensilvânia.

E o maior dos espinossauros "provavelmente não era tão massivo" quanto o famoso *Tyrannosaurus rex*, ou o *Giganotosaurus*.

O "espinossauro de White Rock" ("Pedra Branca", em homenagem ao local onde seus ossos foram encontrados) é o nome que os cientistas esperam dar a uma nova espécie que vagou pela área cerca de 125 milhões de anos atrás.

Acredita-se que seja o espécime mais jovem da família dos espinossauros encontrados na Grã-Bretanha, incluindo o *Baryonyx*, um dos protagonistas da série de filmes "Jurassic Park".

Essa família é reconhecível por sua cabeça alongada, como a de um crocodilo, em oposição ao crânio quadrado do T-rex. Algumas teorias relacionam essa morfologia à sua forma de caça, tanto em terra como na água.

"Eles eram um pouco como cegonhas e garças, chapinhando e pegando peixes na superfície", diz Chris Barker.

Os fósseis foram descobertos na costa sudoeste da ilha, em uma formação geológica do tipo lagunar que revelou um estrato histórico até então desconhecido.

"Isso nos ajuda a representar as condições de vida desses animais naquela época", acrescenta o pesquisador.

Na ilha, a equipe de pesquisadores já descobriu duas novas espécies de espinossauro, incluindo o *Ceratosuchops inferodia*, apelidado de "garça do inferno".

A descoberta do predador "fortalece nosso argumento de que essa família de dinossauro se originou na Europa Ocidental e se diversificou lá, antes de se espalhar para outros lugares" do planeta, acrescentou o coautor do estudo, Darren Naish.

"A maioria desses fósseis extraordinários foi encontrada por Nick Chase, um dos caçadores de dinossauros mais habilidosos, que morreu pouco antes da epidemia da Covid-19", disse Jeremy Lockwood, da Universidade de Porthmouth, também coautor do estudo.

O colecionador sempre doava seus achados para museus, segundo os paleontólogos.

Solução do 'enigma cósmico' das rajadas de rádio está próxima

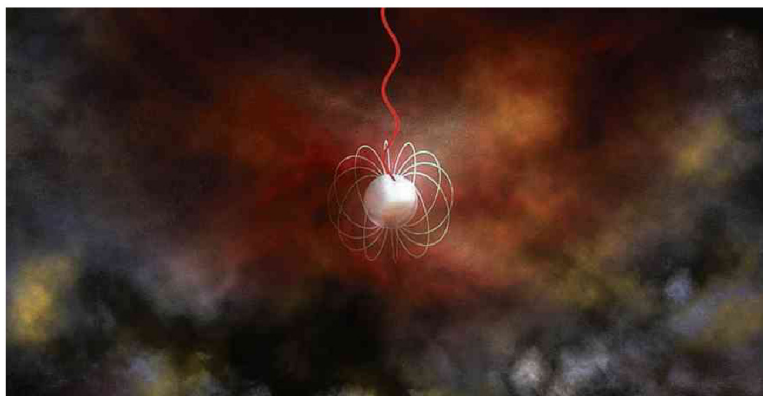
Will Dunham

WASHINGTON | REUTERS Poderosas rajadas de ondas de rádio que emanam de uma galáxia anã distante e foram detectadas por um enorme telescópio na China estão deixando os cientistas mais próximos de resolver um chamado "mistério cósmico" que permanece há anos.

Desde a sua descoberta, em 2007, os astrônomos têm lutado para entender o que causa os fenômenos chamados de rajadas de rádio rápidas, que envolvem pulsos de radiação eletromagnética de radiofrequência originários de lugares dentro da Via Láctea e de outras galáxias.

As ondas de rádio têm o comprimento de onda mais longo no espectro eletromagnético. Os astrônomos suspeitam que essas explosões possam ser desencadeadas por certos objetos extremos.

Esses podem ser uma estrela de nêutrons; o núcleo compacto colapsado de uma estrela enorme que explodiu como uma supernova no fim de seu ciclo de vida; um magnetar, um tipo de estrela de nêutrons com um campo magnético ultraforte; e um buraco negro comendo desordenadamente uma estrela vizinha.

Pesquisadores anunciaram em 8 de junho a detecção de uma explosão de rádio rápida, ou FRB, originária de uma galáxia anã localizada a 3 bilhões de anos-luz da Terra.

Um ano-luz é a distância que a luz percorre em um ano —9,5 trilhões de quilômetros. A massa estelar coletiva dessa galáxia é aproximadamente 1/2.500 avos da nossa Via Láctea.

A FRB foi vista pela primeira vez em 2019, por meio do telescópio FAST na província chinesa de Guizhou, o maior radiotelescópio de prato único do mundo, com área de recepção de sinal igual a 30 campos de futebol. Ele foi mais estudado com o telescópio VLA no Novo México (EUA).

"Ainda chamamos as explosões de rádio rápidas de um mistério cósmico e com razão", disse o astrofísico Di Li, da Academia Chinesa de Ciências em Pequim, cientista-chefe do FAST e coautor da pesquisa publicada na revista Nature.

"Rajadas de rádio rápidas são intensas, breves flashes de luz de rádio que são poderosos o suficiente para serem vistos de todo o universo", acrescentou o astrônomo Casey Law, do Caltech, coautor do estudo.

"A rajada pisca em cerca de um milissegundo, muito mais rápido que um piscar de olhos. Foram encontradas algumas fontes de FRBs que emitem várias rajadas no que parecem tempestades de atividade, mas outras só foram vistas explodindo uma vez."

A FRB recém-descrita se repete e também apresenta uma emissão de rádio persistente, mas mais fraca entre as rajadas. Em outras palavras, ela sempre permanece "ligada". A maioria das cerca de 500 FRBs conhecidas não se repetem. A nova se parece muito com outra, descoberta em 2016, que foi a primeira FRB cuja localização foi identificada.

Li observou que inúmeras hipóteses foram oferecidas para tentar explicar essas explosões. "A abundância de modelos reflete nossa falta de compreensão das FRBs. Nosso trabalho favorece repetidoras ativas que nascem de um evento explosivo extremo, como uma supernova. Essas repetidoras ativas também são jovens, pois precisam ser vistas pouco depois do evento do nascimento", disse Li.

Ilustração de uma 'magnetar', estrela de nêutrons com campo magnético ultraforte Bill Saxton/Reuters

Os astrônomos suspeitam que a FRB recém-descrita é uma "recém-nascida", ainda envolta por material denso soprado para o espaço por uma explosão de supernova que deixou para trás uma estrela de nêutrons.

Eles disseram que rajadas repetidas podem ser uma característica de FRBs mais jovens, talvez dissipando-se com o tempo.

A nova FRB pode ajudar a determinar a causa dessas rajadas de rádio. Os cientistas anteriormente conseguiram uma explicação para a causa de outro fenômeno enigmático —explosões extremamente energéticas chamadas rajadas de raios gama— como originárias da morte de estrelas, fundindo estrelas de nêutrons e magnetares.

"As FRBs cresceram rapidamente para se tornar exemplo maravilhoso de um quebra-cabeça astrofísico, como foram as explosões de raios gama algumas décadas atrás", disse Law. "Sabemos cada vez mais sobre o fenômeno, onde as fontes vivem, com que frequência elas explodem. Mas ainda estamos perseguindo essa medição de ouro que nos dará uma resposta definitiva para o que as causa."

Kevin Bacon comanda baile em cena de 'Footloose: Ritmo Louco' (1984) Fotos Reprodução

Além do quarentão 'E.T.', saiba onde ver sucessos oitentistas

Longa de Steven Spielberg completa 40 anos; serviços de streaming têm vários filmes da década nos catálogos

Henry Thomas, que interpreta Elliot, em cena de 'E.T., o Extraterrestre' (1982); filme fez muito sucesso quando estreou e continua a ter fãs após 40 anos

BAÚ DO CINEMA

Hanuska Bertoia

Há 40 anos, "E.T., o Extraterreste", de Steven Spielberg, entrava em cartaz nos Estados Unidos. O público brasileiro teve de esperar um pouco para ver o sucesso, que estreou por aqui no dia 25 de dezembro do mesmo ano.

Inesquecível, o longa trouxe um extraterrestre adorável, que conquista o coração do menino Elliot. Deixou inúmeras cenas na memória dos espectadores, ao som da trilha sonora magnífica de John Willians, parceiro frequente de Spielberg.

Em 1983, concorreu ao Oscar de melhor filme, além de outras oito indicações. Só levou prêmios técnicos. O vencedor da estatueta mais cobiçada foi "Gandhi" (1982). Qual dos dois ficou na história? Não é difícil perceber que nem sempre o Oscar está certo.

A seguir, confira onde ver "E.T." e outros filmes das matinês dos anos 1980. Os preços e a disponibilidade dos filmes foram pesquisados neste sábado (11).

*

E.T., o Extraterrestre (1982)

Prime Video, Star+, Paramount+, Telecine, Globoplay e NOW: para assinantes
Apple TV: R$ 9,90 (aluguel) e R$ 29,90 (compra)
Google Play: R$ 6,90 e R$ 24,90 (compra)
Amazon: R$ 6,90 (aluguel)

Footloose, Ritmo Louco (1984)

A abertura do filme já dava vontade de dançar no cinema: uma sequência de pés, com vários tipos de sapato, fazendo passos de dança. E a história que vinha a seguir só reforçava isso.

Na trama, Kevin Bacon é o adolescente Ren, que chega a uma pequena cidade do interior norte-americano, religiosa, onde a dança e a música são proibidas há alguns anos, desde que vários jovens locais morreram em um acidente.

Ele vai se opor ao reverendo Shaw, guia moral da cidade e defensor ferrenho da proibição. E, claro, vai se apaixonar pela filha do religioso.

Disponível no Prime Video: para assinantes; Apple TV: R$ 11,90 (aluguel) e R$ 24,90 (compra); Microsoft Store: R$ 5,90 e R$ 14,90 (compra); Amazon e Claro Video: R$ 6,90 (aluguel)

A Garota de Rosa-Shocking (1986)

Na lista dos filmes dos anos 1980 não poderia faltar longas com o toque de John Hughes, quem melhor soube traduzir no cinema as angústias adolescentes da década.

Ele assina o roteiro do clássico, que tem a atriz Molly Ringwald como Andie, garota pobre e batalhadora que vive com o pai e ajuda no sustento da casa. Ela divide o tempo entre a escola, o trabalho em uma loja e o amigo Duckie (Jon Cryer), quando surge Blame (Andrew McCarthy), rapaz rico e popular no colégio.

Disponível na Apple TV: R$ 11,90 (aluguel) e R$ 24,90 (compra); Claro Video: R$ 6,90 (aluguel); Microsoft Store: R$ 5,90 e R$ 14,90 (compra)

Curtindo a Vida Adoidado (1986)

Quem viveu os anos 1980 e nunca invejou o carismático Ferris Bueller (Matthew Broderick), neste clássico dos cinemas e da Sessão da Tarde? Na trama, ele tira um 'dia de folga' da escola e vai passear com a namorada e o melhor amigo por Chicago. O ápice da jornada é a cena da parada, em que Ferris canta "Twist and Shout", dos Beatles, em um carro alegórico, e sai aplaudido pela multidão. Como dizem no filme, todos amam Ferris. O filme tem roteiro e direção de John Hughes.

Disponível no Telecine, Globoplay, Oi Play e NOW: para assinantes; Apple TV: R$ 11,90 (aluguel) e R$ 24,90 (compra); Claro Video e Amazon: R$ 6,90 (aluguel); Google Play: R$ 6,90 (aluguel) e R$ 29,90 (compra); Microsoft Store: R$ 5,90 e R$ 23,90 (compra)

Franquia Indiana Jones

Se algum longa tem o espírito das matinês, certamente são os da série Indiana Jones. Pois foi justamente isso que Steven Spielberg e George Lucas buscaram ao criar o arqueólogo que se mete em mil aventuras, vivido por Harrison Ford.

A partir de uma ideia original de Lucas, resgataram, com o roteirista Lawrence Kasdan, os seriados de aventura dos anos 1930 e 1940. Apesar de ter dois nomes que já tinham peso na indústria cinematográfica à época, o projeto chegou a ser recusado por alguns estúdios, mas acabou abraçado pela Paramount.

Indiana Jones e os Caçadores da Arca Perdida (1981)

Disponível no Telecine, NOW e Oldflix: para assinantes; Apple TV: R$ 11,90 (aluguel) e R$ 24,90 (compra); Google Play: R$ 6,90 (aluguel) e R$ 29,90 (compra); Microsoft Store: R$ 5,90 e R$ 23,90 (compra)

Indiana Jones e o Templo da Perdição (1984)

Disponível no Telecine e NOW: para assinantes; Apple TV: R$ 11,90 (aluguel) e R$ 24,90 (compra); Claro Video e Amazon: R$ 6,90 (aluguel); Google Play: R$ 6,90 (aluguel) e R$ 24,90 (compra); Microsoft Store: R$ 5,90 e R$ 23,90 (compra)

Indiana Jones e a Última Cruzada (1989)

Disponível no Telecine, NOW e Oi Play: para assinantes; Apple TV: R$ 11,90 (aluguel) e R$ 24,90 (compra); Claro Video: R$ 6,90 (aluguel); Google Play: R$ 6,90 (aluguel) e R$ 29,90 (compra); Microsoft Store: R$ 5,90 e R$ 23,90 (compra)

Franquia 'De Volta para o Futuro'

O diretor Robert Zemeckis, outro mago dos anos 1980, criou com o roteirista Bob Gale a história do adolescente que, com a ajuda de uma máquina do tempo, volta aos anos 1950 e conhece seus pais ainda jovens.

E foi assim que Marty McFly, Doc Brown e o DeLorean entraram para o vocabulário da cultura pop. E como os filmes de Indiana Jones, a série de "De Volta para o Futuro" nos mostra que, para fazer um bom entretenimento, explosões e efeitos especiais impressionantes não são o mais importante. O essencial é ter uma boa história, personagens carismáticos e, claro, bom humor.

Um mogwai, criatura que protagoniza o longa 'Gremlins' e que pode se transformar em demônio

De Volta para o Futuro (1985)

Disponível no Prime Video, Star+, Globoplay e NOW: para assinantes; Apple TV: R$ 9,90 (aluguel) e R$ 24,90 (compra); Google Play: R$ 6,90 e R$ 24,90 (compra); Amazon: R$ 6,90 (aluguel)

De Volta para o Futuro 2 (1989)

Disponível no Prime Video, Star+, Globoplay e NOW: para assinantes; Apple TV: R$ 9,90 (aluguel) e R$ 29,90 (compra); Claro Video e Amazon: R$ 6,90 (aluguel); Google Play: R$ 6,90 e R$ 24,90 (compra)

De Volta para o Futuro 3 (1990)

Disponível no Prime Video, Telecine, Star+, Globoplay e NOW: para assinantes; Apple TV: R$ 9,90 (aluguel) e R$ 29,90 (compra); Claro Video e Amazon: R$ 6,90 (aluguel); Google Play: R$ 6,90 e R$ 24,90 (compra)

Gremlins (1984)

Não o exponha à luz forte, evite a todo o custo o contato com a água e, principalmente, não o alimente depois da meia-noite.

Estas são as três regras básicas para ter um mogwai em casa, o bichinho fofinho de "Gremlins", que se transforma em uma criatura verde diabólica se alguma delas for infringida. É o que acontece com a família do jovem Billy no filme de Joe Dante. Ele ganha um mogwai de presente de Natal e logo a displicência com as regras levam a casa e a cidade de Billy ao caos, com gremlins por todos os lados.

Neste terror meio comédia, não faltam referências ao cinema e até uma participação especial de Steven Spielberg, produtor do longa, dando uma de Hitchcock.

Disponível na Netflix e HBO Max: para assinantes; Apple TV: R$ 7,90 (aluguel) e R$ 19,90 (compra); Google Play: R$ 5,90 (aluguel) e R$ 11,90 (compra); Microsoft Store: R$ 5,90 (aluguel) e R$ 19,90 (compra); Amazon: R$ 7,90

Os Caça-Fantasmas (1984)

Bill Murray e Dan Aykroyd, duas estrelas da comédia nos anos 1980, estão no elenco deste clássico mal assombrado, um sucesso que rendeu sequências e remakes no cinema. Na trama, três professores de parapsicologia decidem abrir uma empresa de investigação de fenômenos sobrenaturais após serem demitidos da universidade em que trabalham.

Ao mesmo tempo, uma série de eventos estranhos acontece na cidade de Nova York. O filme ainda tem a participação de Rick Moranis, de "Querida, Encolhi as Crianças" (1989), e da maravilhosa Sigourney Weaver, da franquia "Alien", entre outros. A canção-tema do filme, "Ghostbusters", de Ray Parker Jr., sucesso nas rádios, foi indicada ao Oscar de melhor música em 1985.

Disponível no Star+, Paramount e Oi Play: grátis para assinantes; Apple TV: R$ 11,90 (aluguel) e R$ 24,90 (compra); Google Play: R$ 5,90 (aluguel) e R$ 19,90 (compra); Amazon: R$ 6,90 (aluguel)